

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
VLAD SCHÜLER-COSTA

“MAIS DO QUE FÃS”: o universo da crítica de animê e mangá na Internet

RIO DE JANEIRO

2015

Vlad Schüler-Costa

“MAIS DO QUE FÃS”: o universo da crítica de animê e mangá na Internet

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte

Rio de Janeiro

2015

CIP - Catalogação na Publicação

S386" Schüler-Costa, Vlad
"Mais do que fãs": o universo da crítica de animê e mangá na internet / Vlad Schüler-Costa. -- Rio de Janeiro, 2015.
119 f.

Orientador: Luiz Fernando Dias Duarte.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2015.

1. Cultura pop japonesa. 2. Antropologia digital. 3. Crítica de arte. 4. Hierarquia. 5. Otakus. I. Duarte, Luiz Fernando Dias, orient. II. Título.

Vlad Schüler-Costa

“MAIS DO QUE FÃS”: o universo da crítica de animê e mangá na Internet

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social

Aprovada em 28/08/2015

Presidente, Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte
(PPGAS/MN/UFRJ)

Profa. Dra. María Elvira Díaz-Benítez
(PPGAS/MN/UFRJ)

Prof. Dr. André Luiz Correia Lourenço
(CEFET-RJ)

Profa. Dra. Adriana Facina
(PPGAS/MN/UFRJ)

Profa. Dra. Waleska de Araújo Aureliano
(UERJ)

Dedico esta dissertação a minha mãe, que durante o período de escrita desta dissertação enfrentou e venceu uma neoplasia maligna da mama (a.k.a. “câncer de mama” ou C50).

Dedico também a todas as pessoas, profissionais da saúde ou não, que dedicam suas vidas ao combate dessa doença. Minha mãe passou a estar fora de perigo graças a vocês.

Agradecimentos

“Ninguém é uma ilha”, diz o ditado. Mas quem diz isso são pessoas que se julgam separadas – e não *ligadas* – pelo mar. Penso, portanto, que em minha vidinha insular tenho um arquipélago de pessoas a agradecer.

À minha família, devo tudo, e nunca conseguirei pagar o suficiente. Meus pais foram exemplos de como manter-se firme, e até sorridente, perante as piores adversidades. Meus irmãos me deram apoio emocional das formas mais singelas possíveis – um abraço, uma foto, uma risada. Meus avós sempre me incentivaram a correr atrás dos meus sonhos, por mais descabidos que fossem.

Meus amigos, companheiros de jornada, estiveram sempre presentes nos melhores e nos piores momentos, e por isso sou muito grato. Agradeço a Lucas Freire por ter sempre sido um contraponto emocional para uma pessoa racional em excesso. Agradeço a Guilherme Fians pelas longas caminhadas e conversas sobre a vida, o universo, e tudo mais. Agradeço a Barbara Pires pelo suporte emocional dado durante uma das maiores barras da minha vida. Agradeço a Samantha Gaspar pelas ideias malucas, conversas insanas e passeios cansativos por São Paulo. Agradeço a Ingrid Philigret por ter me ajudado a me manter mentalmente são, com nossas incontáveis conversas sobre otakices e nerdices. Agradeço a Muryan Passamani e Saulo Bacellar pelos papos, cervejas, e a ajuda indispensável na transcrição das entrevistas. E agradeço a Roberto Molina e Arthur Giuri pelos jantares, tardes de jogatina e amizade que já dura mais de uma década.

Ao PPGAS do Museu Nacional, agradeço por ter me nutrido intelectualmente. Colegas e professores foram mais importantes na minha formação do que livros e papers. Quero agradecer especialmente à minha turma de mestrado – Everton, Daniel, Morena, Aline, Gustavo, Marcela, Roberto – e aos professores – María Elvira Díaz-Benitez, Carlos Fausto e Waleska Aureliano – que me deram inúmeras sugestões, ideias e insights durante esses poucos anos de convivência. Agradeço também aos competentes funcionários da biblioteca e secretaria, cuja ajuda foi essencial em tantos momentos dessa minha vida acadêmica.

Outros professores, amigos e colegas, do Museu ou não, também contribuíram ou acompanharam, de uma forma ou outra, minha trajetória nos últimos anos. Agradeço especialmente a Luana Le Roy pelo coração de mãe, a Fernanda Alves pelo apoio moral e a Michel Carvalho – meu irmão de tema – pelas poucas, mas produtivas, conversas sobre arte e crítica.

Não poderia deixar de agradecer àqueles que cederam um pouco de seu tempo – e, de certa forma, de suas vidas – para minha pesquisa. Na ordem de entrevista, agradeço a: Kauê Antonioli, Fabio “Mara” Garcia, Carlos Eduardo “Dudu” Moncken, Denys “Gyabbo!” Almeida, Wagner Nunes, Guilherme “Estranho” de Camargo, Fabio Sakuda, Diógenes “Dih” Diogo e Carlírio Neto. Peço “perdão pelo vacilo” de não ter utilizado nem 10% de tudo que vocês me falaram nas entrevistas, mas sou somente humano. Agradeço em particular a Kauê, que além de ter me cedido uma entrevista,

contatos, e reputação, me deu ótimas recomendações do que fazer na Liberdade, e ainda me levou a um excelente *izakaya*. De todas as pessoas, Kauê, *itsumo arigatō*.

Outros tantos, que não podem ser citados aqui, foram igualmente importantes na pesquisa: A., B., D., J., K., L., U., um alfabeto inteiro de pessoas. Se você faz parte da otakusfera e acha que foi mencionado aqui – e estiver curioso para saber se é você ou não, ou quiser tirar alguma satisfação – é só me mandar um tweet em @vladschuler.

É claro, não poderia deixar de agradecer profusamente a meu orientador, Luiz Fernando Dias Duarte. Ao longo de quatro semestres de disciplina e dois anos e meio de orientação, você não demonstrou nada além de imensos conhecimento, sabedoria, paciência e compreensão. Suas inúmeras sugestões de leitura e insights sobre uma infinidade de temas foram, sem a menor sombra de dúvida, essenciais para que esse trabalho tomasse a forma que tomou e, especialmente, para sua conclusão.

Por fim, agradeço ao CNPq, cuja bolsa de mestrado tornou possível minha nova vida em uma cidade financeiramente hostil, e minha dedicação exclusiva à pesquisa.

“A crítica é fácil porque a arte é difícil”

[Minha avó, em um jantar de família. Guarapari, meados de 2015]

RESUMO

Este trabalho se baseia em uma pesquisa realizada em meados de 2014 junto a uma comunidade virtual centrada em blogs, vlogs e podcasts sobre cultura pop japonesa. Por meio de etnografia digital, assim como entrevistas por Skype, análise de redes sociais e acompanhamento do conteúdo produzido por tais blogs, vlogs e podcasts, buscou-se compreender as formas como a crítica artística de obras de animê e mangá é feita. Igualmente, baseado nos dados obtidos na pesquisa, houve uma tentativa de explicitar as maneiras de hierarquização de gostos e comportamentos surgidos a partir do consumo e crítica de diferentes obras. Por fim, tenta-se mostrar como movimentos internos à própria comunidade virtual policiam e criticam as formas de organização social presentes no grupo.

Palavras-chave: Cultura pop japonesa; antropologia digital; crítica de arte; hierarquia; otakus.

ABSTRACT

This work is based on a research made in mid-2014 with a virtual community centered on blogs, vlogs and podcasts about Japanese pop culture. Using digital ethnography, Skype interviews, social network analysis and a monitoring of the content produced by said blogs, vlogs and podcasts, we sought to understand the manners in which art criticism of works of anime and manga is done. Likewise, based on the data obtained in the research, we try to express the ways that taste and behavior hierarchy emerge from the consumption and criticism of artworks. Lastly, we try to show how internal action within this virtual community police and criticize the forms of social organization within this group.

Keywords: Japanese pop culture; digital anthropology; art criticism; hierarchy; otaku.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linha do tempo com a data de fundação dos blogs estudados	39
Figura 2 – Grafo de rede dos perfis da blogosfera no Twitter	43
Figura 3 – "Níveis" de obscuridade de diferentes animês.....	67
Figura 4 – Fala de um membro do grupo do Portal Genkidama	71
Figura 5 – Grafo de rede dos perfis da blogosfera no Twitter (versão alternativa) .	107
Figura 6 – Tabela de categorias de postagens dos blogs estudados	108
Figura 7 – Tabela de número e porcentagens de posts dos blogs estudados.....	109
Figura 8 – Tabela de números e porcentagens de temas nos blogs estudados.....	110
Figura 9 – Histograma temporal dos posts no período da pesquisa	110

SUMÁRIO

1 Introdução: Uma intelectualidade otaku?	21
1.1 Começando do princípio	22
1.2 Turtles all the way down	25
1.3 Notas Estilísticas e Terminológicas	28
1.4 Notas Metodológicas e Éticas.....	29
2 O anime blogging.....	34
2.1 Primórdios: das revistas especializadas aos sites de anime	36
2.2 O anime blogging, de seu início aos dias de hoje.....	38
2.3 A blogosfera em 2014.....	39
2.4 Os tipos de crítica	44
2.5 Uma crítica aos tipos	52
3 Otakus e otakinhos	57
3.1 Uma questão de bom gosto.....	58
3.2 A imagem do mau gosto	60
3.3 Normais são os outros	63
3.4 Como (não) ser um otakinho	66
3.5 Otakinhos e seus lugares	69
3.6 O espectro otakinho.....	71
4 Quem critica os críticos?.....	73
4.1 A panelinha.....	74
4.2 A metacrítica institucionalizada.....	76
4.3 A paródia como crítica	80
4.4 O MdOM como piada interna.....	83
4.5 A metacrítica extra-MdOM	85

5 Considerações finais	87
5.1 Diversão controlada	89
5.2 Redes sociais e perspectivas	91
Referências	93
Glossário	99
Apêndice A – Glossário Biográfico	104
Apêndice B – Métodos de pesquisa e análise de redes sociais	106
Apêndice C – Tabelas e gráficos de postagens dos blogs pesquisados	108
Anexo A – Tabela dos animês exibidos na temporada de verão 2014	111
Anexo B – Expressões nipônicas utilizadas por otakinhos	114

1 INTRODUÇÃO: UMA INTELLECTUALIDADE OTAKU?

“Every social group, coming into existence on the original terrain of an essential function in the world of economic production, creates together with itself, organically, one or more strata of intellectuals which give it homogeneity and an awareness of its own function not only in the economic but also in the social and political fields. (...)

It can be observed that the ‘organic’ intellectuals which every new class creates alongside itself and elaborates in the course of its development are for the most part ‘specialisations’ of partial aspects of the primitive activity of the new social type which the new class has brought in prominence.” (GRAMSCI, 1971: 212)

“[we must] recognize that a lot of fans carry a large amount of intellectual capital around with them. They are very good critics; they are very good theorists. Thomas McLaughlin’s notion of ‘vernacular theory,’ which says theory production doesn’t just reside in the academy, it takes place in all these other sites, is a helpful way into that, although it still tends to hold onto an ‘academic’ versus ‘vernacular’ theory separation, whereas I would say that academic theory production is simply one subcultural or institutional practice among many. It doesn’t need to be separated out from those other kinds of theory; it has its own language, its own goals, its own systems of circulation, and fans are inevitably locked out of that. But many of them are trained academics, librarians, or teachers, many of them decided consciously not to become academics, having had some exposure to academic knowledge, and many of them are professionals in other sectors. To say that they don’t have intellectual capital is a bizarre statement.” (JENKINS, 2006a: 13)

1.1 COMEÇANDO DO PRINCÍPIO

Minha aproximação com o universo do *anime blogging* se deu muito antes do início da pesquisa. Como **otaku**¹, eu naturalmente tive contato com **blogs**, **vlogs** e **podcasts** sobre **animê** e **mangá**. Meu interesse acadêmico pelo tema, contudo, foi despertado graças a três acasos.

Durante a minha pesquisa de monografia, em que fiz trabalho de campo em eventos de animê no estado do Espírito Santo (SCHÜLER-COSTA, 2012), por várias vezes me deparei com otakus comentando sobre um **post** de determinado blog², ou como as opiniões de tal **blogger** a haviam levado a assistir determinado animê – e, em alguns casos, cheguei até a presenciar a opinião de bloggers sendo utilizadas em discussões como uma referência no assunto.

Também durante a pesquisa da monografia, um amigo, ao saber que eu me interessava pelo estudo de otakus, me recomendou o (hoje “falecido”) blog Maximum Cosmo, que à época eu não conhecia, e me disse “bom, já que você estuda isso, quem sabe esse blog te interesse”. Ao ler as postagens no Maximum Cosmo - escritas por Alexandre “Lancaster” Soares que, nas palavras de um de meus entrevistados³:

Wagner: “[E]ra uma bíblia. Se você começasse a falar com ele, ele já ia, ‘não, porque esse anime tem referências claras a não sei o que de 82, que o autor era nanana, o diretor era nananana’ e ia. Manja muito, muito, muito.”

[Entrevista com Wagner, do blog Troca Equivalente – 29 de julho de 2014]

Ao ler as postagens do Maximum Cosmo, eu me interessei pelo fato de que existissem pessoas que analisavam animes e mangás (e outras coisas) com tanta profundidade - destacando autores, referências, influências e vários outros aspectos da mídia.

Pouco depois, fui ter contato com o blog Otakismo (hoje também “falecido”), escrito por Kauê Antonioli. Diferentemente do Maximum Cosmo, que se focava primariamente na análise de produtos da mídia de massas japonesa, o Otakismo tinha posts sobre fenômenos da sociedade japonesa, com uma análise mais “sociologizada”, e por isso me interessou muito mais. Logo após conhecer o blog,

¹ Como explicarei melhor um pouco mais à frente, termos em negrito são termos nativos – ou dos otakus ou da Internet – que constam no glossário.

² Daqui em diante, me refiro, exceto quando explicitado o contrário, às três categorias de mídia estudadas nesta dissertação – blogs, vlogs e podcasts – pela categoria única de blog.

³ Um breve glossário biográfico de meus entrevistados pode ser visto no apêndice A.

porém, ele entrou em um hiato que acabou resultando no fim dele, e sua posterior incorporação em outro blog – mas me adianto.

Apesar do fim do Otakismo, porém, fui interagindo com Kauê pelo Twitter, compartilhando notícias, artigos, e com o tempo foi estabelecida uma relação – se não de amizade propriamente dita, ao menos de “coleguismo”. Ao decidir o tema da dissertação, ficou claro para mim que essa proximidade com Kauê poderia ser uma vantagem na aproximação com as pessoas do campo – ou, como chamarei daqui em diante, com a “blogosfera”.

E foi, de fato, o que fiz. Kauê foi meu primeiro entrevistado (o que, talvez, até tenha prejudicado um pouco sua entrevista, por minha inexperiência como entrevistador), e ele me apresentou a outros três possíveis entrevistados, dois dos quais consegui entrevistar – Sakuda e Dih. Porém, mais que isso, o fato de ter feito uma entrevista com ele “me abriu portas” de maneiras inesperadas: algumas pessoas, ao serem contatadas a respeito da pesquisa, perguntaram se eu já havia entrevistado mais alguém. Ao contar que sim, eu havia entrevistado Kauê (e, posteriormente, outras pessoas), elas ficaram mais disponíveis e mais interessadas na pesquisa.

Kauê, inadvertidamente, me cedeu mais do que uma entrevista e três indicações – ele me cedeu credibilidade junto à blogosfera. Não porque ele fosse, de alguma forma, um “líder” ou mesmo alguém espetacularmente influente (ele não o é), mas sim porque ele tinha duas coisas que me faltavam: ele era um “insider”, e as pessoas o conheciam.

Não quero dizer, contudo, que eu fosse um completo desconhecido das pessoas da blogosfera. Contando com Kauê, quatro de meus futuros entrevistados já me “seguiam” no **Twitter**, e um quinto veio a me seguir no decorrer da pesquisa – além de algumas outras pessoas que não cheguei a entrevistar. Minhas interações com outras pessoas “da **TL**” se davam – e se dão – com certa regularidade (ainda que, na maioria das vezes, iniciadas por mim). Mas, ainda assim, não posso dizer que eu tivesse (ou, hoje, que eu tenha) alguma notoriedade entre a comunidade. Eu sou reconhecido como membro da comunidade geral, mas não mais que isso. Ainda assim, isso me possibilitou mais algumas entrevistas, ao simplesmente contatar as pessoas pelo próprio Twitter.

A última possibilidade, portanto, foi me aproximar como “outsider”. Eu enviei e-mails para várias pessoas da blogosfera, e um dos primeiros a me responder foi Denys. Ele rapidamente se dispôs a participar da pesquisa (em parte por também ser

mestrando), e após a entrevista me recomendou uma vasta quantidade de outras pessoas – algumas das quais responderam positivamente e participaram também da pesquisa.

É importante destacar que essa multiplicidade de estratégias de “coleta de dados” (como Denys chamou) acabou sendo importante porque eu não havia levado em conta um fator importante: o tempo – ou, na verdade, a falta dele.

Uma das coisas que mais me foi relatada, tanto pelos entrevistados quanto pelas pessoas que contatei, era a sua dificuldade em “arrumar um tempo livre”. Quase todas tinham compromissos (trabalho ou estudos) com os quais ainda tinham que manejar vida social, lazer (o que incluía a participação em eventos e consumir animes e mangás) e, principalmente, sua produção de conteúdo. O seguinte trecho de uma entrevista é ilustrativo da dedicação que a maior parte dos entrevistados tinham a seus projetos:

Denys: “[N]ão levando em consideração assistir animes que eu tenho que assistir ou ler mangás, porque eu tenho que comentar né, levando em consideração só o blog mesmo, de produção e tudo o mais, eu acredito que não passa de duas horas por dia. Não passa de duas horas por dia. E assim, já teve épocas que eu fazia umas oito, não oito horas é exagero pra caramba, mas cinco horas por dia assim.”

[Entrevista com Denys, do blog Gyabbo! – 25 de julho de 2014]

“Não passa de duas horas por dia”, e isso porque ele está num ritmo bem menor do que já esteve no passado. Não é à toa que todos entrevistados reclamaram da falta de tempo – eles dedicam uma quantidade considerável deste a algo que é, ultimamente, um hobby (embora não seja, de forma alguma, algo “inútil”). E não é à toa que, no caso de alguns entrevistados, eu precisei esperar meses até que lhes fosse possível ceder a entrevista – e quase todas as entrevistas tenham sido feitas à noite, que é o horário que a nossa sociedade tradicionalmente tem como “livre” (embora, ao acompanhar a rotina de alguns dos entrevistados, eu tenha percebido que para eles não é tão livre assim).

Dessa forma, a principal dificuldade no campo não foi exatamente a de encontrar pessoas dispostas, e sim a de encontrar pessoas disponíveis: embora eu não tenha recebido nenhum ‘não’, recebi muitos silêncios e algumas evasivas – e talvez tivesse sido pior se não tivesse nenhum contato prévio com a blogosfera.

1.2 TURTLES ALL THE WAY DOWN

Em outubro de 2012 – alguns meses antes de ingressar oficialmente no mestrado, e mais de um ano antes do começo do trabalho de campo – um de meus nativos⁴, G., publicou em seu **Instagram** uma foto de uma página de um livro, com o seguinte trecho em destaque:

He defines “otaku” as people with an “advanced visual sense” and “highly efficient referential ability” developed through sustained interaction with media and technology. According to Okada, otaku see texts in at least three ways: through the “eye of *iki*”, or the ability to appreciate the beauty in a particular style or author; the “eye of *takumi*”, or the ability to comprehend the text’s structure in a logical manner; and the “eye of *tsū*”, or the knowledge of the social history that informs the text’s production. In this way, otaku expand the informational dimensions of the object of interest, which they attempt to master.

Como eu era – e sou – um seguidor de G. no Instagram e no Twitter, perguntei a ele de qual livro tal citação provinha. Sua resposta veio logo depois: sua fonte era *Otaku Spaces*, de Patrick Galbraith – livro que, de acordo com ele, era muito bom e “recomendadíssimo”. Na época eu ainda não havia lido este livro especificamente, embora já conhecesse outras obras do autor, e salvei o **tweet** em que G. me fazia essa recomendação, para me lembrar de comprar o livro posteriormente.

Já em abril de 2014, quando eu estava completamente envolvido com o trabalho de campo, isso acontece:

Kauê postou, em seu Twitter, uma explicação do autor Henry Jenkins para o gosto e tolerância da cultura **kawaii** pelo Japão: seria um reflexo do poder de compra das adolescentes japonesas.

“Se elas têm dinheiro e decidem por si só o que comprar, o mercado cria ofertas para o gosto delas. Se esses produtos viram paisagem, diminui a estranheza. Como já existia uma predileção por essa estética e pelo infantilismo no pós-guerra [japonês], o terreno estava fertilizado.”

Perguntei a ele o que achava do autor, visto que já havia visto várias referências a ele em textos acadêmicos. Ele me disse que, embora não tivesse lido o livro em questão (*Cultura da Convergência*) completo, leu outros textos do autor e ele era “um dos pilares no estudo de mídia”.

[Nota de campo – 02 de abril de 2014]

⁴ Farei, nesse trabalho, uma distinção que julgo importante: entre os otakus que entrevistei, e com os quais interagi na figura explícita do pesquisador – a quem chamarei de “interlocutores”; e os otakus com os quais interagi, observei ou conversei sem ter me identificado (ou, quando me identifiquei, não ter frisado) como pesquisador – chamá-los-ei de “nativos”.

Meus interlocutores serão identificados por seu nome e/ou pelo seu **nickname**, pois recebi sua permissão para tal. Quando for me referir a um nativo, utilizarei somente a letra inicial de seu nome ou nickname, por não ter obtido essa permissão.

Ao fim do trabalho de campo, quando tive mais tempo para leitura, li três livros do autor: *Textual Poachers* (JENKINS, 2005), *Fans, Bloggers and Gamers* (JENKINS, 2006a) e o próprio *Convergence Culture* (JENKINS, 2006b) – e, curiosamente, todos os livros acabaram influenciando muito a minha forma de encarar os dados obtidos durante a pesquisa, e mais ainda o formato final de escrita da dissertação.

Embora eu já tivesse alguma forma de contato com ambos os autores (Jenkins e Galbraith) antes desses acontecimentos, acredito que o fato de eles estarem sendo lidos pelas pessoas que eu estava estudando me influenciaram a efetuar, de fato, a leitura dos livros citados – afinal, se eles leem tais livros para entenderem a si mesmos, seria aconselhável que eu, que estou tentando entendê-los, os lesse também.

Casos parecidos com o meu, de antropólogos sendo surpreendidos pelo refinamento literário de seus informantes – e, especialmente, por esse refinamento ser mediado por livros escritos por acadêmicos sobre as comunidades desses informantes – são cada vez mais comuns no “folclore etnográfico”. James Clifford, na já distante década de 1980, nos relatava a seguinte “parábola”:

A student of African ethno-history is conducting field research in Gabon. He is concerned with the Mpongwé, a coastal group who, in the nineteenth century, were active in contacts with European traders and colonists. The “tribe” still exists, in the region of Libreville, and the ethno-historian has arranged to interview the current Mpongwé chief about traditional life, religious ritual, and so on. In preparation for his interview the researcher consults a compendium of local custom compiled in the early twentieth century by a Gabonese Christian and pioneering ethnographer, the Abbé Raponda-Walker. Before meeting with the Mpongwé chief the ethnographer copies out a list of religious terms, institutions and concepts, recorded and defined by Raponda-Walker. The interview will follow this list, checking whether the customs persist, and if so, with what innovations. At first things go smoothly, with the Mpongwé authority providing descriptions and interpretations of the terms suggested, or else noting that a practice has been abandoned. After a time, however, when the researcher asks about a particular word, the chief seems uncertain, knits his brows. “Just a moment,” he says cheerfully, and disappears into his house to return with a copy of Raponda-Walker’s compendium. For the rest of the interview the book lies open on his lap. (CLIFFORD, 1986: 116)

Outra antropóloga, Anne-Louise Schiller, nos conta um caso parecido. Ao narrar seu primeiro encontro com Saililah, um renomado especialista ritual na religião dos Ngaju-Dayak – cujo principal estudioso até então era o autor suíço Hans Schärer -, ela diz:

That particular evening we were sitting up late discussing the intricacies of various aspects of ritual observance. From time to time, Saililah would recite parts of the mortuary chants to illustrate a point. One time he lost his train of thought. I sat quietly, helpless as to how I might jog his memory. I was also secretly grateful for the break. We had already been working for five hours, as I tried all the while to scribble down words in a language of which I had absolutely no comprehension. Saililah insisted that I take notes by hand rather than use a tape recorder. This was a laborious exercise for

both of us, as at that time I spoke good Indonesian but very little Ngaju. Actually my lack of competency in Ngaju mattered less than it might have. The chants were in a ritual language called *basa sangiang*. As I sat exhausted, Saililah excused himself for a moment. I watched as he went to the study to retrieve his personal copy of a book that I was unaware he owned, *Der Tontenkult der Ngadju-Dajak in Süd-Borneo* [de autoria de Schärer]. After looking up the next line of the chant, he closed the volume and continued to recite. (SCHILLER, 1997: 13)

Seria presunçoso de minha parte, portanto, dar a entender que os otakus são únicos em sua capacidade de buscar, ler, interpretar e se utilizar de textos escritos sobre eles. Essa tendência daquilo que chamei anteriormente (SCHÜLER-COSTA, 2014: 1) de “autorreflexão”, e chamarei aqui de “meta-reflexão” (por razões que ficarão claras logo em frente) é, indubitavelmente, característica de várias outras comunidades – ou, ao menos, de alguns indivíduos de várias comunidades.

O que eu argumentarei aqui, contudo, é que existe, dentre os otakus, uma forte tendência à crítica de textos escritos sobre eles. É provável que isso também não seja exclusividade deles – afinal, Schiller nos diz que Saililah tinha várias críticas à análise de Schärer, e Turner nos conta a anedota, sempre relevante, do índio sêneca Ely Parker sobre o livro *League of the Ho-de-no-sau-nee or Iroquois*, de Lewis Henry Morgan: “Não há nada realmente errado no que ele diz, mas também não é o certo. Na realidade, ele não entende daquilo sobre o que está falando” (TURNER, 1974: 13-4).

Ainda assim, me parece, essa tendência é exacerbada entre os otakus. Talvez pelo fato de, como dizem Galbraith e Okada na citação postada por G., eles enxergarem textos – e “texto”, aqui, não se refere propriamente à palavra escrita, mas sim a um sentido quasi-Geertziano de encarar qualquer narrativa como uma produção textual – em, pelo menos, três níveis interpretativos? É possível, embora contestável.

Minha posição é que os otakus – e, especificamente, os otakus dos quais eu falo – leiam, interpretem e critiquem textos acadêmicos sobre otakus não porque eles sejam textos (já que outras formas de “texto”, como notícias ou literatura, são absorvidos de forma menos crítica – mas raramente acrítica), ou até mesmo porque eles são acadêmicos (já que a relação dos otakus com a produção acadêmica em geral é bastante conflitante – falarei disso mais à frente), mas sim porque os textos são *sobre eles*. Existe uma pulsão constante, dentre alguns otakus, de tentar elaborar teorias sobre o que é ser um otaku, e o que ser um otaku acarreta.

Por isso que, se, como diz Geertz, “the culture of a people is an ensemble of texts, themselves ensembles, which the anthropologist strains to read over the shoulders of those to whom they properly belong” (1973, p. 452), estudar otakus torna-se algo

curioso – já que os textos que o antropólogo tenta ler sobre os ombros dos otakus são, por sua vez, textos agregados também de textos escritos sobre otakus, que por sua vez foram escritos por outros autores que também tentaram ler textos sobre os ombros de outros otakus...

Para trazer a anedota também relatada por Geertz,

There is an Indian story - at least I heard it as an Indian story - about an Englishman who, having been told that the world rested on a platform which rested on the back of an elephant which rested in turn on the back of a turtle, asked (perhaps he was an ethnographer; it is the way they behave), what did the turtle rest on? Another turtle. And that turtle? "Ah, Sahib, after that it is turtles all the way down." (GEERTZ, 1973: 28-9)

1.3 NOTAS ESTILÍSTICAS E TERMINOLÓGICAS

Nos minutos iniciais do podcast Mangá² de número 98, publicado em 18 de agosto de 2014⁵, os hosts do programa discutem sobre a dificuldade em se criar uma obra que seja informativa ao público leigo, mas que ao mesmo tempo não prejudique o leitor que domine o assunto tratado. Essa foi uma preocupação constante durante a escrita dessa dissertação, já que eu pretendia escrever algo que fosse acessível igualmente a acadêmicos – que estão acostumados com o estilo de escrita de uma dissertação, assim como (ao menos em parte) com a discussão teórica aqui feita – e aos meus pesquisados, assim como a otakus em geral – que, por sua vez, dominam perfeitamente o vocabulário específico desse universo, que inclui, não raramente, termos técnicos ou em língua estrangeira (especialmente o japonês).

A solução a que cheguei foi a de tentar alcançar um meio-termo: não me esquivaria de discussões teóricas ou do estilo tradicional de escrita de uma dissertação mas, ao mesmo tempo, não deixaria a sua leitura enfadonha àqueles que conhecem o universo otaku. Para isso, elaborei um glossário de termos “nativos”, e denoto, no correr do texto, que um termo consta em tal glossário ao grifá-lo em negrito na primeira vez que ele consta no texto – dessa forma, o leitor que não sabe, por exemplo, o que é um **fansub** não ficaria prejudicado; igualmente, o leitor **fansubber** não precisaria se deter em uma explicação delongada de algo que ele já conhece profundamente.

Ainda sobre minhas escolhas estilísticas, devo falar que o uso do itálico nesta dissertação se dará em três situações: ao mencionar títulos de obras (como livros, animês, mangás, etc.); ao utilizar conceitos teóricos estabelecidos por algum autor; e

⁵ Disponível em <http://aoquadra.do/2014/08/18/manga2-98-prophecy/>

ao utilizar, pela primeira vez, termos estrangeiros que não constem no glossário (e, portanto, não estejam grifados em negrito). Eu me esforcei para que os diferentes casos possam ser identificados pelo contexto, e espero que tenha conseguido tornar a leitura mais clara.

Algo, porém, que talvez possa tornar a leitura menos clara é minha utilização do termo “crítica”. Isso se dá porque ele terá, nesta dissertação – de forma intercambiável e ambígua – dois significados diametralmente opostos: o de uma análise, pretensamente embasada, de produções artísticas e afins; e o de uma opinião contrária a determinada pessoa, atitude, etc. Portanto, a palavra “crítica”, aqui (assim como na língua portuguesa), será utilizada para se referir tanto à apreciação quanto à condenação. Esse deslizamento semântico me pareceu inevitável – não somente por questões idiomáticas, mas também porque essas duas “categorias” se entrelaçaram de tal maneira durante a pesquisa que, me parece, seria artificial demais tentar separá-las para fins analíticos⁶.

Outros termos, talvez igualmente confusos, são os de “blogosfera” e “otakusfera”. Como pretendo deixar claro ao longo do texto, blogosfera é o conjunto de blogs e bloggers aqui estudados. O termo, embora utilizado pelos otakus para se referir aos blogs cujo tema são animês ou mangás (às vezes acrescido do adjetivo “especializada” ou da expressão “de anime” – “blogosfera especializada” ou “blogosfera de anime”, portanto), é originalmente utilizado pra se referir ao universo geral de blogs. Otakusfera, por sua vez, é um termo nativo que foi, aqui, levemente ressignificado. Originalmente é utilizado de duas formas: ou é intercambiável com “blogosfera de anime”, tendo exatamente o mesmo sentido; ou para se referir à totalidade dos otakus que interagem pela Internet com os membros da blogosfera. Aqui eu me utilizo do segundo sentido, com foco especial nas interações via Twitter.

1.4 NOTAS METODOLÓGICAS E ÉTICAS

Falando um pouco mais sobre a pesquisa, devo frisar, como é usual na antropologia social, que esta foi uma pesquisa etnográfica. Porém, é importante ressaltar que eu, assim como Diana Forsythe (1999, 2001) não considero que “etnografia” seja

⁶ Como disse Stephen Jay Gould, “what is wrong with messy richness, so long as we can construct an equally rich texture of satisfying explanation?” (GOULD, 1997). Minha esperança, portanto, é que eu tenha conseguido construir uma explicação satisfatória.

necessariamente sinônimo de “observação participante”.⁷ O *processo de pesquisa etnográfico* (e me arriscaria até a falar de um “paradigma etnográfico”) tem como principal intencionalidade posicionar o pesquisador entre os pesquisados da forma mais flexível e não-intrusiva possível, para permitir assim uma melhor observação destes em situações e ambientes não-controlados (e não-controláveis).

Portanto, uma característica vital da etnografia é que ela incentiva o pesquisador a se utilizar de quaisquer métodos de pesquisa que julgar necessários e adequados, desde que sirvam para ajudar na observação e compreensão do universo pesquisado. Neste caso específico, houve uma mescla considerável de métodos e campos, que relatarei agora.

Durante todo o período da pesquisa, eu “convivi digitalmente” com meus pesquisados pelo Twitter. Eu os acompanhava, interagia com eles, falava as mesmas besteiras, compartilhava as mesmas piadas, acompanhava os mesmos dramas – inclusive muito antes da pesquisa sequer se delinear. Eu era (e sou), tal qual muitos deles, simplesmente mais um otaku que usava o Twitter como uma ferramenta de sociabilidade em torno desse interesse em comum. Porém, nunca escondi que fosse antropólogo, ou que estudasse otakus (dados que inclusive constam até hoje no meu perfil no Twitter), e várias vezes afirmei, de maneira jocosa, que estava ali só para estudar “aquele bando de malucos”. A maior parte do meu “trabalho de campo”, se é que posso chamar assim, foi feito no Twitter entre meados de 2012 e o início de 2015, sendo que meu período de maior atividade foi entre março e outubro de 2014.

Além do Twitter, passei também a acompanhar, no **Facebook**, o grupo do Genkidama – que tem cerca de 8000 membros. Minha decisão de acompanhar esse grupo foi, ao mesmo tempo, ao acaso e fortuita: eu simplesmente vi que a maior parte dos meus entrevistados era membro do grupo, e postava lá com frequência, e resolvi lá entrar também. E foi basicamente o que vi no grupo – e, principalmente, o que falavam do grupo no Twitter – que me influenciaram a escrever não só sobre bloggers, mas também sobre seu público.

Além desses métodos mais “qualitativos”, também me utilizei de alguns métodos “quantitativos” quando julguei que seriam importantes para melhor entendimento do

⁷ O que é um ponto diferente do levantado por Ingold (2008), que afirma que a antropologia não é exclusivamente dependente da etnografia.

fenômeno estudado⁸. No período entre 28 de abril e 31 de outubro de 2014, acompanhei as postagens diárias de dez blogs, lendo-as e catalogando-as, de acordo com sua temática, em categorias (que foram sendo criadas durante a pesquisa). Ao todo foram exatas 850 postagens, catalogadas em 11 categorias diferentes. Essa análise quantitativa, que me ajudou a melhor compreender não só sobre o que os bloggers escreviam, mas também em quais formatos eles escreviam, constará relativamente pouco nessa dissertação, assumindo um caráter mais complementar. Da mesma forma, análises e grafos de rede social foram elaborados com microdados obtidos do Twitter (os métodos utilizados para obtenção e manipulação destes dados constam no anexo I e são baseados nos métodos utilizados pelo Laboratório de Internet e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo, como vistos em Medeiros *et al.*, s.d.), e esse grafos serão utilizados aqui em caráter ilustrativo. Também me utilizei, quando necessário, de dados anonimizados publicamente disponíveis pelo Facebook, e indicarei seu uso quando for o caso.

Por fim, voltando aos métodos “qualitativos”, fui ouvinte regular de dois podcasts pertencentes à blogosfera, e assisti, de forma menos regular, a vídeos publicados por membros dela. E, para também complementar e confirmar as informações obtidas durante todo o processo da pesquisa, contatei 19 bloggers com a intenção de entrevista-los – infelizmente, pelos mais diversos motivos, somente 9 me concederam entrevistas, que foram feitas por Skype e gravadas com o consentimento dos entrevistados. Todas as entrevistas foram feitas segundo o modelo de entrevista não-estruturada (MATTOS, 2005), que considerei ser o modelo de entrevista mais proveitoso e menos artificial, tanto para o entrevistador quanto para os entrevistados. As entrevistas foram feitas entre 18 de junho e 09 de outubro de 2014, dependendo da disponibilidade e interesse do entrevistado, e tiveram durações variadas (a mais curta teve somente 27 minutos, e a mais longa, pouco mais de 1 hora).

Autoquestionamentos sobre ética de pesquisa me assombraram constantemente desde antes da pesquisa se iniciar. Manuais e livros sobre ética de pesquisa em ciências humanas e sociais, ainda que consideravelmente superiores àqueles

⁸ Uso aspas, nesses casos, por entender que a divisão entre métodos “quali” e “quanti” é irrelevante. Sigo assim, portanto, uma tradição de autores que vai de Malinowski (1932: 17) a Bernard (2006: 24-5), passando por Mitchell (1987) e a supracitada Forsythe (1999), que afirmam que a mescla de métodos é, quando possível, desejável para a análise social.

direcionados a públicos biomédicos⁹, ainda assim não costumam lidar com as especificidades éticas de pesquisas no mundo digital. Uma das questões que considero mais importante, por exemplo, é a das ramificações éticas de uma pesquisa observatória no Twitter: embora os dados publicados no Twitter sejam considerados de uso público, e possam ser coletados automaticamente por ferramentas disponibilizadas pelo próprio Twitter – tendo, para fins legais, as mesmas características de qualquer texto publicado e publicizado –, ainda assim eu nunca me senti confortável em utilizar, diretamente, conteúdo publicado em tweets. Por não ter obtido um franco consentimento livre e esclarecido das pessoas que pesquisava no Twitter, e por ter observado de perto a forma pessoal, íntima e praticamente visceral que alguns utilizavam o serviço, não me considerava no direito de citar diretamente os tweets publicados com a expectativa de efemeridade e relativo anonimato que meus pesquisados consideravam ter¹⁰.

Informações publicadas e divulgadas em blogs, vlogs ou podcasts, por sua vez, não me pareceram tão problemáticas, já que praticamente ninguém publica algo nessas mídias esperando efemeridade e anonimato (no máximo, quando não quer se identificar, recorre a um pseudônimo). Dados fornecidos pelo Facebook não somente são publicamente disponíveis e anonimizados, como também não figuram tanto aqui. E, por fim, antes de cada entrevista eu enviei a meus entrevistados um termo de consentimento livre e esclarecido no qual eram explicados a finalidade da pesquisa e os direitos que eles tinham ao participar dela – informações que eram repetidas verbalmente ao início das entrevistas, situação também em que “coletei” seus consentimentos verbais (já que a logística necessária para conseguir consentimentos escritos tornava tal empreitada inviável).

Também pesou por um tempo a questão de que o tom adquirido nessa dissertação poderia ser considerado como demasiadamente “crítico” (no “mau sentido”) de meus pesquisados: imaginei se, tal qual o juiz estudado por Patrice Schuch, eles se sentiriam, ao ler minha dissertação, na necessidade de “se defender ou criticar” (SCHUCH, 2013: 66) aquilo que eu havia escrito sobre eles. O fato, é claro, de não ser, por parâmetro algum, um grupo “vulnerável” que já sofre o suficiente sem a intervenção do antropólogo, aliviou um pouco minha mente. Afinal, se não um *studying up* (NADER, 1972), essa pesquisa foi no mínimo um “*studying equals*”.

⁹ Cf., por exemplo, Víctora *et al* (orgs.) 2004; Sarti & Duarte (orgs.), 2013.

¹⁰ Para uma breve discussão sobre ética e consentimento no Twitter, confira Zimmer (2010).

Some-se a isso o fato de eu saber, como dito acima, que invariavelmente teria meu texto criticado por otakus – nada mais natural, independente do que fosse escrito – e, principalmente, de ter recebido a oferta de Kauê, meu primeiro e principal interlocutor, de que ele lesse, comentasse e criticasse minha dissertação enquanto ainda no rascunho, aliviou consideravelmente minha culpa.

Ainda assim, é claro, fiz o meu melhor para garantir a pesquisa da forma mais ética possível: somente meus entrevistados (ou seja, aqueles que consentiram ativamente em participar da pesquisa) terão seus nomes ou pseudônimos divulgados, e seus tweets, textos, vlogs e podcasts, quando for o caso, citados *verbatim* e nominalmente. Outros pesquisados serão identificados, quando necessário, por uma inicial, e seus blogs serão referenciados, quando necessário, por uma inicial (“blog E.”, por exemplo). Referências a conversas no Twitter serão feitas de maneira a não identificar sua origem, e alguns perfis só serão mencionados nominalmente por serem “fakes” e “anônimos” – ou seja, perfis controlados por uma pessoa, que não é identificada oficialmente¹¹. Algumas conversas no grupo do Genkidama no Facebook foram citadas aqui, ou no texto ou em notas de campo – nesses casos, fiz o máximo possível pra anonimizar tais falas. Por fim, citei e linkei alguns sites que não fizeram parte da pesquisa, mas que por um motivo ou outro julguei necessário mencionar aqui – como foram casos particulares e não comprometiam o site ou seus autores, os considerei equivalentes a outros meios de comunicação, como jornais ou revistas.

¹¹ Embora, em vários casos, haja um conhecimento “oficioso” de quem controla certos perfis.

2 O ANIME BLOGGING


#16: PRIMEIRAS IMPRESSÕES


Bouken-Ni #16

Lilian Kate Mazaki, 2012

Em abril de 2015, um blog – que não fez parte do escopo da pesquisa – fez um post¹² baseado em um artigo meu, publicado no ano anterior. Em tal artigo (Schüler-Costa, 2014a), em que analiso carreiras e trajetórias de otakus em eventos de animê, faço a distinção entre três diferentes carreiras que havia encontrado em meu campo: a carreira de *entrepreneur*, a carreira de *promoter* e a carreira de *performer*. Ao tentar estender tais categorias analíticas ao universo do otakismo como um todo – especialmente à Internet –, o autor do post afirma também:

Sobre essas três definições, me arrisco a delimitar uma quarta (D), que seria o **Social, um otaku que não promove nenhum desses aspectos mas é respeitado por seu nível de conhecimento dentro do grupo** e suas realizações quanto a interação entre ele e os membros. (KAGUYA, 2015, grifo no original)

Embora a presença dessa quarta “carreira” em eventos de animê seja algo discutível, o que deve ser destacado aqui é a importância dada, pelos otakus, àqueles indivíduos que demonstram possuir mais conhecimento que seus pares, e utilizam tal conhecimento para adquirir prestígio dentro do **fandom**. Otakus “Sociais” (ou, como os chamarei, “intelectuais”) abundam no otakismo desde seu início – por exemplo, Hiroki Azuma nos diz que:

For the first-generation otaku who appeared at that time [décadas de 1970 e 1980], knowledge of comics and anime or fan activities played a role extremely similar to the role played by the leftist thought and activism for the All-Campus Joint Struggle [organizações estudantis esquerdistas surgidas no Japão após 1968] generation. (Azuma, 2009: 35)

Lawrence Eng, por sua vez, caracteriza otakus como sendo:

information elites who pore over vast amounts of detailed and seemingly trivial information regarding less-than-serious things, committing that information to memory and using it as capital for their underground trades--online or in person. Furthermore, *otaku seek to develop reputations for themselves; to become 'more of an otaku' than the next guy is a serious concern* (ENG, 2002: 10, grifo meu)

Essa vontade de ser “mais otaku que o cara ao lado” é realmente algo comum no otakismo, mesmo em situações em que o aparato simbólico utilizado para tal não consista propriamente na memorização de “vastas quantidades de informação detalhada e aparentemente trivial”: simplesmente afirmar (e, preferencialmente, demonstrar) ter um gosto mais refinado – proveniente, costumeiramente, de uma quantidade considerável de obras consumidas – já é uma forma de destacar-se em comparação a outro otaku, providos (supostamente) de um gosto menos apurado. Porém, não se trata somente de uma busca por poder dentro de um universo de apreciação estética: otakus também costumam reconhecer (ainda que

¹² Que pode ser lido em: <http://www.radiojhero.com/hikari/2015/04/trajetoria-e-carreira-otaku-o-que-e-isso-a-hikari-responde-para-voce.html>

eventualmente a contragosto) quando encontram alguém cujo conhecimento ou senso crítico é “igual” ou “superior” ao seu, e normalmente passam a respeitar e acompanhar as opiniões divulgadas por tal indivíduo.

O que ocorre, portanto, no universo otaku, é um duplo movimento, de otakus buscando a opinião ou conhecimento de outros otakus como forma de melhorar seu próprio senso crítico ou aumentar seu conhecimento sobre determinado assunto. E, pelo outro lado, de otakus buscando demonstrar e afirmar seu conhecimento e senso crítico, compartilhando-os com seus pares “menos favorecidos”, e assim adquirindo prestígio dentro da comunidade e, conseqüentemente, a possibilidade de compartilhar essa “dádiva” com ainda mais otakus.

Parece natural, portanto, o surgimento de meios que facilitassem e massificassem esse processo – em que os otakus não precisassem mais, portanto, se restringir a seus círculos pessoais, tanto na busca por informação quanto na tentativa de divulgá-la.

Considera-se, inclusive, que tais meios cumprem uma função social importante, ao facilitar o acesso, o compartilhamento e a propagação do conhecimento – para que ele não se detenha somente às “underground trades” relatadas por Eng.

2.1 PRIMÓRDIOS: DAS REVISTAS ESPECIALIZADAS AOS SITES DE ANIME

Essa função social, exercida atualmente pelos blogs de anime, não teve neles sua gênese. Antes do surgimento – e muito antes da expansão – do anime blogging, quem detinha o papel de divulgar informação sobre animês e mangás no país eram as revistas especializadas de anime (ou somente “revistas de anime”), cuja influência reverbera até os dias de hoje.

A primeira revista do gênero no país, surgida imediatamente após o sucesso midiático que foi o animê Cavaleiros do Zodíaco, foi a revista *Herói*, publicada entre 1994 e 2002. Durante esse tempo a revista atingiu uma importância nunca mais alcançada por outra publicação do gênero – tendo sido, por anos, a principal fonte de informação sobre animês disponível ao fã comum:

Assim, *Herói* pôde aproveitar-se do hiato de exibição de episódios inéditos da série [Cavaleiros do Zodíaco] para atender à expectativa dos fãs que almejavam saber o que aconteceria após o episódio 52. A Rede Manchete reprisou a série por três vezes até chegar ao episódio 53, causando angústia no público, que teve de esperar de 11 de novembro de 1994 até 1 de maio de 1995 para conferir o desfecho da batalha. Durante estes quase seis meses de espera a *Herói* se “apossou” da série, sendo uma espécie de guia de episódios detalhados –

basicamente com uma política de *spoilers* – para revelar o que acontecia nos episódios que a emissora não exibia durante este hiato. (MOSSMAN, 2012: 45)

Utilizando-se desta política de *spoilers* e *teasers*, a publicação sanava a curiosidade do seu público, que sempre ávido por informação referente a seus heróis favoritos, via na revista uma possibilidade de acompanhar fatos detalhados que ainda não era possível dispor nos seus meios “originais” de consumo. (MOSSMAN, 2012: 63)

Embora seu sucesso tenha sido indubitavelmente derivado do sucesso de Cavaleiros (que foi o carro-chefe da revista por muitos anos), a revista também se destacou em suas matérias sobre outros elementos da cultura pop, especialmente a japonesa – 48 das 61 edições analisadas por Mossman (2012) continham pelo menos uma matéria sobre um animê (que não CDZ) ou **tokusatsu** -, embora produtos midiáticos norte-americanos fossem igualmente presentes.

A influência da Herói pode ser vista também ao observarmos o “calibre” de seus articulistas. Por exemplo, nas mesmas 61 edições analisadas por Mossman (2012), Alexandre Nagado e Marcelo Del Greco assinam, respectivamente, 52 e 72 matérias – Nagado veio, posteriormente, a se tornar um blogger de relativo sucesso e a escrever vários livros sobre cultura pop japonesa; Del Greco, por sua vez, teve passagem por diversas editoras de mangá brasileiras (como Panini e Nova Sampa), chegando a ser editor-chefe da JBC, empresa onde trabalha atualmente. Ambos foram, de acordo com Del Greco, consultores de empresas que lançaram vários animês e tokusatus no Brasil (JBOX, 2010).

Além da Herói, várias outras revistas especializadas no universo da cultura pop japonesa surgiram no Brasil. Podem ser citadas, brevemente: a revista *Anime►Do*, lançada em 1997, que era mais focada no universo dos animes do que a Herói; a revista *Henshin*, lançada em 2000, que era também dedicada a animes, especialmente Dragon Ball Z – e tinha a vantagem de manter colaboradores no Japão, trazendo assim informações e entrevistas em primeira mão; a revista *NeoTokyo*, lançada em 2006, tinha um foco editorial mais amplo, dedicado à cultura japonesa como um todo (animes, mangás, **cosplay**, curiosidades sobre o Japão, etc.).

Em 2014, a Nova Sampa lança a revista *HeróiZ*, ressuscitando a Herói (que, como dito, tinha acabado em 2002), mas com um conteúdo ainda mais variado – mesclando animações ocidentais (como Hora de Aventura ou Apenas um Show), filmes ocidentais (como Star Wars, X-Men e Transformers) a matérias mais “tradicionais” sobre anime e mangá.

De todas estas revistas, a única que continua sendo publicada atualmente é a NeoTokyo, que em 2015 incorporou a Anime►Do. Porém, de mostrando a importância que a Internet tomou durante esse tempo, as revistas que deixaram de ser publicadas fisicamente continuam existindo de forma online: a Herói e a Henshin têm seus sites próprios, e a Anime►Do mantém ativa sua página no Facebook.

Além dos sites das revistas, surgiram também na década de 2000 inúmeros sites e blogs dedicados a séries específicas, como Cavaleiros do Zodíaco ou Pokémon, e vários sites mais generalistas – muitos portais que disponibilizavam animês para download também publicavam notícias para que seus frequentadores continuassem acessando seus sites. E, tal qual as revistas especializadas, esses sites de notícias acabaram influenciando significativamente o anime blogging – como veremos mais à frente.

2.2 O ANIME BLOGGING, DE SEU INÍCIO AOS DIAS DE HOJE

Algo que me foi dito constantemente durante a pesquisa, quando surgia o assunto de revistas ou sites de notícias, era que havia uma lacuna que eles não preenchiam: a falta de colunas ou matérias mais opinativas e menos informativas – inclusive porque muitas vezes a mesma notícia ou informação era publicada diversas vezes em vários lugares diferentes, cansando assim parte do público, que acabava se sentindo saturado por tal repetição. Colunas opinativas, editoriais ou análises mais aprofundadas, por sua vez, seriam comemoradas e elogiadas, não só por serem algo menos repetitivo, mas também por serem consideradas um tipo de conteúdo mais completo e menos banal.

Nesse momento, alguns blogs começaram a ganhar destaque, justamente por preencher essa lacuna deixada pelas revistas e sites especializados. Dois blogs em particular se destacaram nas falas de meus entrevistados: o já mencionado Maximum Cosmo, de autoria de Alexandre Lancaster, e Sushi POP, do supracitado Alexandre Nagado. Ambos os blogs podem ser vistos como os precursores da blogosfera contemporânea – embora seja importante frisar que não tenham sido os primeiros blogs de anime a surgir (nem sequer os primeiros a surgir dentre os blogs pesquisados, como pode ser visto na figura abaixo) –, e sua influência no início desta não pode ser subestimada: a área de comentários do Maximum Cosmo, especificamente, me foi apontada como um “local” frequentado pela maioria dos anime bloggers (fossem eles bloggers na época ou não).

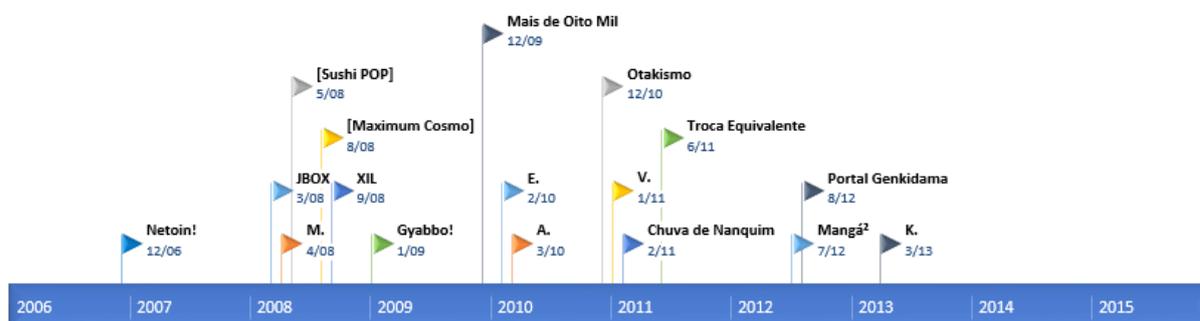


Figura 1 – Linha do tempo com a data de fundação dos blogs estudados¹³

Influenciados por esses primeiros blogs, mas ainda insatisfeitos com a situação geral da blogosfera, muitos dos meus entrevistados simplesmente sentiram a vontade (ou, como alguns disseram, a “necessidade”) de não mais absorver esse conteúdo veiculado de forma passiva – suas buscas por informações, opiniões e análises haviam os transformado em “otakus intelectuais”, e eles agora almejavam ter um público com o qual compartilhar seus conhecimentos.

Em alguns casos, isso se iniciava de formas menos pretensiosas – participando, por exemplo, de discussões em fóruns de discussão (como na plataforma InvisionFree ou na rede social Orkut), ou até mesmo criando blogs ou sites próprios (e pequenos). Em outros casos, já começaram em locais “importantes” – sites como PokéPlus ou AnimeTotal, ou até mesmo revistas como a NeoTokyo.

De qualquer maneira, tenham iniciado por cima ou por baixo, todos meus entrevistados consideram-se experientes no uso de Internet, e têm um considerável histórico na veiculação de suas opiniões pelo meio – o que, levando-se em conta que o mais novo blog da pesquisa foi criado em outubro de 2011, faz completo sentido.

Dito isso, torna-se importante definir, enfim, o que era o anime blogging e qual era o estado da blogosfera no período da pesquisa.

2.3 A BLOGOSFERA EM 2014

O grosso da pesquisa, como foi dito anteriormente, foi feito entre março e outubro de 2014, e esse será, portanto, o período de referência desta dissertação. Em 2014, a blogosfera podia ser compreendida, basicamente, como sendo dominada por dois

¹³ Os blogs Sushi POP e Maximum Cosmo, por terem sido somente citados, estão destacados entre chaves. Todos os outros blogs fizeram parte do escopo da pesquisa.

grandes atores – o Portal Genkidama e o blog Chuva de Nanquim – e complementada por uma miríade de blogs que, ainda que menores, detinham considerável influência dentro da blogosfera.

Mesmo assim, essa polarização entre Genkidama e Chuva de Nanquim era real e palpável, sendo constantemente alimentada e reavivada tanto pelos fãs, quanto pelos próprios bloggers, e fonte de inúmeras brincadeiras, implicâncias e zoações dentro desse universo – como pode ser visto nos exemplos a seguir:

Um fã postou, no grupo do Genkidama [no Facebook] uma foto de uma propaganda de página inteira do ChuNan [apelido do Chuva de Nanquim] na revista HeróiZ, e perguntando “cadê o contra-ataque dos Genkidamers [apelido dado aos bloggers do Genkidama]?”.

Os primeiros comentários já faziam referência à rivalidade entre os dois sites: “esse site aí é concorrência do Genkidama”; “genkidama vs chuva de nanquim, genkidama na globo e chunan na band”, seguido por “Acho que Genkidama esta mais pra SBT”; “Página personalizada na HeróiZ x ser fonte na Mundo Estranho. O que dá mais publicidade? [referência ao fato de que o Genkidama fora citado como fonte em uma edição da revista Mundo Estranho em maio de 2014]”.

Logo depois, vieram os comentários dos próprios blogueiros: Sakuda parabenizou a equipe do ChuNan; G. [administrador do Genkidama] comentou que os fãs estavam “tentando criar o caos”; e Dih [que havia também redigido três textos da revista] comentou “(Eu adoro ver como a galera pinta uma rivalidade entre o Genkidama e o ChuNan. XD)” e, logo depois, “Tudo culpa do meu caso que não deu certo com o K. [membro do Genkidama]”

G. entrou na brincadeira, falando: “foi foda, noites e noites o K. chorando, bêbado no bar querendo ligar pro Dih, até uma intervenção tivemos que fazer. Ainda bem que hoje ele é feliz e encontrou alguém pra preencher o vazio interior que ele sente lá no fundo.”

A partir daí a zoeira continuou sem parar: (...) Sakuda diz: “Mas falando sério, não tem problema de rivalidade, o Chunan é parça, o Animepro é do meu chefe... Até o Jbox, quando tá de boas é sossegado. Ninguém ganha porra nenhuma com isso (ou estão me enganando), então o melhor é tirar o que tem de bom nessa porra toda. Aliás, pra que brigar, se todo mundo sabe que

o Genkidama é o melhor?”. L. [co-editor do ChuNan, que fingia estar com ciúmes do “caso” entre Dih e K.] responde: “Eu não, to torcendo pro Chunan.Viva rivalidade.Vlw flw.”

Mais de meia hora depois de ser citado, K. finalmente aparece: “Velho, ChuNan com anúncio em revista, Genkidama com palestra(s) em evento(s). Amigo, isso é BOM. É algo possivelmente acontecendo. Vamos ficar felizes, amigos. (also: Dih, retorna as minhas ligações, seu canalha)”.

Dih responde a Sakuda: “(...) E pow, também vale citar que teve texto de gente do Genkidama na NeoTokyo, não é? Acho que essa nova geração surgindo aí é super legal de ver. Independente de que site, blog ou canal de XVideos que veio.” e a K.: “Você tá bloqueado até no meu wazzap [WhatsApp, aplicativo de mensagens instantâneas no celular], K.”

G. comenta: “acho a concorrência (leal e honesta) algo saudável, divertido, e louvável. Ken e Ryu [personagens do jogo Street Fighter] só chegaram onde chegaram sendo rivais e querendo superar o colega. Então, que a concorrência exista. Ainda mais num cenário em que o Genkidama esteja visivelmente ganhando.”

[Nota de campo – 3 de Junho de 2014]

Essa discussão – recheada de piadas de cunho homoerótico e alfinetadas sobre a rivalidade entre ambos os sites – continuou por mais um bom tempo, sempre seguindo esse padrão de *teasing* e *banter*¹⁴ entre ambas as partes.

A rivalidade entre ChuNan e Genkidama – assim como a analogia com emissoras de televisão – pode ser vista também no seguinte caso:

O AnimuNius [um site de paródia – falarei mais sobre tais sites no capítulo 4] postou hoje um post¹⁵ comparando alguns blogs com emissoras de televisão. As comparações, que foram bem comentadas no Twitter – e renderam um comentário, de J. [membro do podcast Mangá²] – foram as seguintes:

O ChuNan seria a Globo:

“É fato: o Chuva de Nanquim é o maior monopólio midiático otaku hoje. Com mais de 30 mil curtidores no Facebook e um corpo de contratados que vai

¹⁴ “a tease is any verbalisation whose meaning is not to be treated entirely seriously and which invariably carries humorous force to be appreciated by both the interlocutors” e “a one-turn tease can further develop into a longer exchange of repartees, dubbed *banter*” (Dynel, 2008: 242-3)

¹⁵ Que pode ser visto em <https://animunius.wordpress.com/2014/06/04/que-imperio-comunicativo-e-o-seu-site-favorito/>

do William Bonner da cultura nipônica, o Kauê (Otakismo), até a Ana Maria Braga dos quadrinhos japoneses, a Raquel (Hakeru Chan), o site é referência no assunto e conhecido por 11 a cada 10 frequentadores do clube **fujoshi do Anime Friends.**”

O Genkidama seria a Record:

“Surgiu há pouco mais de dois anos, e já possui papel de destaque no mercado. Porém, não dá bobeira e sempre que o inimigo dá um mole, vai lá se aproveitar da situação se usando de uma ética jornalística duvidosa.

Como ainda não é o principal grupo de monopólio, toma certos cuidados e não cita os amiguinhos em sua rede. Possui grande influência no meio, e se faz presente em eventos otakus para se aproximar do público.

Com um corpo jornalístico variado, a rede não conta com grandes nomes conhecidos pelo público, igualzinho à Record. Os grandes destaques aqui ficam pelos blogueiros que trabalham/fazem bico em editoras brasileiras.”

[Nota de campo – 04 de Junho de 2014]

Mais três comparações são feitas, seguindo o mesmo estilo de humor, mas já podemos ver a mesma caracterização de Genkidama e Chuva de Nanquim como as duas grandes referências na blogosfera – e, como voltaremos à frente, dos outros três blogs citados como produtores de conteúdo de mais qualidade, ainda que voltado para um público menor.

Por fim, a figura a seguir – um grafo de rede dos perfis da blogosfera no Twitter¹⁶ – ajuda a ilustrar visualmente a situação:

¹⁶ Esse grafo, por mim elaborado em maio de 2015, foi feito de acordo com o método descrito no Apêndice B.

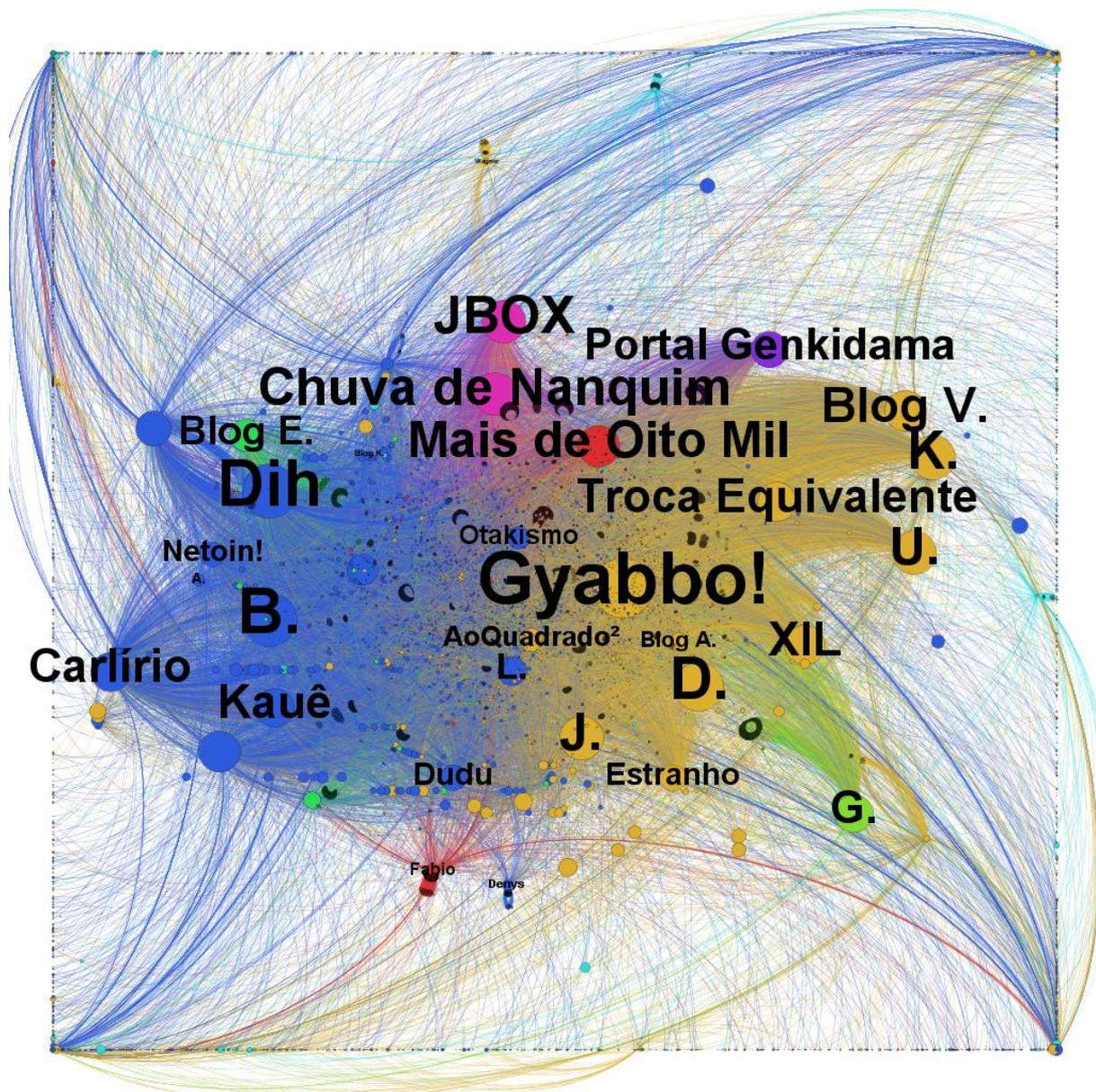


Figura 2 – Grafo de rede dos perfis da blogosfera no Twitter

Embora o Genkidama – e seus blogs Gyabbo!, Troca Equivalente e XIL (que também é o perfil pessoal de seu dono, Fábio Sakuda) – e o Chuva de Nanquim – assim como seu dono Dih e seu colunista Kauê (que também controla o perfil Otakismo) – se destaquem¹⁷ no grafo, é possível ver que a otakusfera é igualmente composta pelos blogs – rotulados ou não – que não fazem parte do eixo ChuNan-Genkidama.

¹⁷ O algoritmo utilizado para a elaboração do grafo (*Eigenvector Centrality*) leva em conta, além do número de nódulos ligados a um nódulo em particular, a centralidade deste nódulo em relação à rede – ou seja, quantos dos nódulos com mais nódulos (“mais relevantes”) têm ligação com cada nódulo. Para mais, confira Spizzirri (2011).

Dois destes blogs – JBOX e AoQuadrado² – são particularmente significativos no momento porque também foram citados no post do AnimuNius referenciado na nota de campo anterior como sendo para um público um pouco mais diferenciado – embora este mais do que aquele. Isso se dá justamente pela diferença, como avaliada pelos otakus, no tipo de conteúdo produzido por cada blog.

2.4 OS TIPOS DE CRÍTICA

Como dito anteriormente, os otakus conferem um maior ou menor valor simbólico a determinados tipos de conteúdo – via de regra, notícias sendo o tipo de conteúdo visto como menos “valioso”, e análises sendo o conteúdo mais valioso. Exceções à regra ocorrem aos montes, obviamente – uma notícia inédita e impactante (um “furo”, no jargão jornalístico) é algo valorizado, e uma análise considerada malfeita, por sua vez, é desprezada e desvalorizada. Isso nos permite uma melhor compreensão, portanto, de porque alguns blogs são considerados como tendo um conteúdo melhor que outros.

Para começar, podemos compreender quais são os tipos de conteúdo veiculado na blogosfera, para então vermos onde eles são publicados. Em meu catálogo dos 850 posts feitos por dez blogs entre 28 de abril e 31 de outubro de 2014, identifiquei 11 “temas”¹⁸. Dentre estes, cinco temas se destacaram – “notícias”, “resenhas episódicas”, “impressões”, “reviews” e “análises” –, somando 804 das 850 postagens. Esses tipos de conteúdo, além de serem os mais comuns, são também os mais valorizados – embora, como logo veremos, haja uma leve tendência a uma relação inversa, dentro desses tipos, entre a frequência de um tipo de conteúdo e sua valorização¹⁹.

Em primeiro lugar, tendo um valor simbólico relativamente baixo, estão as notícias. Muitas dessas notícias (talvez sua maioria, embora eu não possa dizer com certeza) são derivadas de press releases ou informações divulgadas, de uma forma ou outra, pela indústria (editoras de mangá, por exemplo). Então, além das notícias serem potencialmente repetidas entre vários blogs, não há muito que eles possam adicionar ao que já é informado pelas fontes, restando aos blogs um papel de

¹⁸ Um “tema” que também existe, mas não chegou a fazer parte do escopo da pesquisa, é a de resenhas de volumes completos de mangás. Além de não ser tão comum (embora esteja se popularizando recentemente), ele pode ser bastante esporádico, por depender do ritmo de publicação das editoras brasileiras.

¹⁹ Tabelas e gráficos com as quantidades e porcentagens de temas podem ser vistas no Apêndice C.

divulgação. Embora, quando ocorrem, “furos” sejam valorizados – justamente porque eles escapam da repetição e muitas vezes trazem surpresas ou até mesmo geram polêmicas.

Em segundo lugar, temos as “resenhas episódicas”. Esse estilo de resenha é muito característico do universo otaku, já que a maior parte dos produtos consumidos – mangás e animês – são publicados ou exibidos em capítulos ou episódios, normalmente semanais. Por causa disso, ao fim de cada capítulo ou episódio de uma de suas séries favoritas, é comum que um otaku sinta uma necessidade de tecer comentários sobre o mesmo, destacando quais foram seus altos e baixos, como ele se encaixa na trama geral da série e quais são as possibilidades que ele abre para o futuro da trama. Esse tipo de reação, é claro, não é específico dos otakus – Henry Jenkins percebe o mesmo fenômeno ao destacar a importância do compartilhamento da apreciação de obras por fãs de séries televisivas:

“Fan reception cannot and does not exist in isolation, but is always shaped through input from other fans and motivated, at least partially, by a desire for further interaction with a larger social and cultural community. (...)”

It is this public sharing that shifts fannish interpretations from individual to collective responses. The commercial narratives only become one’s own when they take a form that can be shared with others, while the act of retelling, like the act of rereading, helps sustain the emotional immediacy that initially attracted the fan’s interest.” (Jenkins, 2005: 77-8)

Por se tratar, portanto, de um tipo de conteúdo razoavelmente comum, de baixa dificuldade de produção, e com uma vida útil bem curta – ao ponto de já ter visto mais de uma vez alguém falar que “esse tipo de resenha devia ficar só no Twitter” –, ele não chega a ser muito valorizado. Mas, assim como no caso das notícias, exceções existem: resenhas episódicas recheadas de humor, normalmente feitas de forma a “sacanear” o episódio ou capítulo em questão, costumam ser bem-recebidas, e em muitos casos tornam-se colunas regulares em determinados blogs.

Em seguida, temos os posts de “impressões”. Esse estilo de post é bastante curioso e, me parece, mais comum ao universo otaku do que a outros fandoms. Basicamente, posts de impressões são aqueles em que, baseado em alguns poucos episódios – entre um e três, normalmente – o blogger dá sua impressão do animê, considerando se vale à pena ser assistido ou não. Esse estilo de post, por sua vez, embora não seja tão valorizado quanto um review ou uma análise, é considerado praticamente um serviço de utilidade pública, já que tempo, como dito anteriormente, é um recurso considerado escasso – não só pelos bloggers, mas por otakus de maneira geral. E, com acesso a cada vez mais conteúdo japonês (é comum que a

cada temporada²⁰ tenhamos entre trinta e cinquenta estreias), o fã comum acaba sentindo a necessidade de ter algum tipo de filtro – ou, como foi dito numa entrevista, uma “curadoria” – que o informe que animê ele deve assistir ou não.

Nesse sentido, existe um duplo movimento na blogosfera: os blogs fazem (ou divulgam) “guias de temporada” prévios, listando todos os animês que estreiarão na temporada a seguir, com sua sinopse e algumas informações que permitam ao leitor decidir quais animês o interessam ou não – em alguns casos, com comentários pessoais do blogger sobre quais suas expectativas de cada série, e portanto quais pretende assistir ou não²¹. Posteriormente, no início de cada temporada, os blogs fazem posts dando suas opiniões e impressões sobre os animes estreantes, dizendo o que acham e se eles pessoalmente pretendem continuar assistindo a tais animes ou não – possibilitando assim ao leitor ter mais embasamento na hora de decidir que animê assistir.

Uma discussão que ocorre, dentre os otakus em geral e entre os próprios bloggers, é a respeito da quantidade de episódios que alguém deve assistir antes de decidir se vale à pena continuar assistindo um animê ou não. Embora a grande maioria dos posts de impressões seja feito com base somente em um primeiro episódio (tanto que normalmente esses posts são chamados de “primeiras impressões”), muitos consideram que o mínimo de episódios necessário para realmente captar o sentido de um animê é três – algo chamado, em inglês, de *the three-episode rule*. Esse ponto de vista, assim como a uma narrativa justificando a existência de post de impressões, pode ser vista no seguinte trecho de uma entrevista:

Wagner: “eu acho que anime, até por ser muito episódico, nos animes dificilmente o primeiro episódio você consegue sentir se o anime vai ser bom ou não. Anime você tem que ver uns três episódios pra você começar a pegar... né, a estrutura narrativa do que eles vão querer fazer. Então a gente faz isso. Por isso que até nosso podcast sai quase um mês depois da estreia que a temporada acontece, porque aí deu tempo de já ter uns três, quatro episódios e dá pra gente falar ‘ó, não, a gente viu até aqui, isso aqui é legal,

²⁰ A indústria dos animês trabalha em quatro temporadas por ano – outono, inverno, primavera e verão.

²¹ Um exemplo de guia de temporada pode ser visto em <http://www.genkidama.com.br/gyabbo/2014/06/22/temporada-de-verao-2014-guia-completo-das-series-de-animes/>. Um guia americano, referente à mesma temporada, pode ser visto no Anexo A.

isso aqui foge'. Então eu acho que acaba ajudando a galera. Aí que tem toda temporada uma porrada de anime e a verdade é que muitos não prestam.

(...) porque muitas pessoas querem saber o que começar a assistir, então primeiras impressões funciona, né. Tipo, 'eu não quero saber a história inteira, mas eu quero saber aquele começo ali pra saber se me interessa ou não'. Porque pelo primeiro episódio dá pra você ter essa ideia, 'pô, o anime é de luta, o anime vai pro lado mais psicológico, ah, esse anime vai ser mais político'. Mas eu acho meio ruim, porque eu acho que o primeiro episódio não entrega toda a verdade. Senti isso até agora, não sei se você chegou a ver No Game No Life, é um anime..."

Vlad: "Sim, sim, eu vi"

Wagner: "Então, eu acho que o primeiro episódio é... putz, pelo primeiro episódio eu não gostei, se eu leio uma primeira impressão do primeiro episódio eu não teria assistido, entendeu. Mas depois o anime foi me ganhando, ele foi melhorando. Então esse é um problema de você fazer só primeiras impressões."

[Entrevista com Wagner, do blog Troca Equivalente – 29 de julho de 2014]

Posts de primeiras impressões, portanto, são o principal exemplo de situações em que pode ser dito que os anime blogs estão cumprindo uma função social dentro da otakusfera: a maior parte dos otakus não quer dispendar seu tempo para ver três a quatro episódios (que costumam ter entre 20 a 25 minutos de duração cada) de mais de trinta séries a cada temporada. Logo, a existência de vários indivíduos que, conjuntamente, assistam a várias séries permite à otakusfera ter uma noção geral do que vale ser assistido ou não – e, muitas vezes, é essa "instituição" das primeiras impressões que define o sucesso ou fracasso de um animê dentro desse microcosmo.

Se os posts de impressões são, por seu formato, mais imediatistas e rasos, os posts de review são mais valorizados justamente por compensarem essas falhas – são resenhas mais completas de obras, feitas normalmente depois destas terem acabado ou, pelo menos, se estendido consideravelmente. Também por contarem com mais tempo para sua produção (já que não precisam ser feitos no início das temporadas, ou semanalmente), esses posts podem também contar com uma visão

mais aprofundada de certos aspectos – que acaba sendo justamente um ponto em que vários blogs acabam diferindo bastante:

Wagner: “[T]em blog que entra muito na questão técnica, de narrativa, ou... eu, eu tento não entrar tanto na parte técnica de um elemento pra poder falar de todos. Eu não sei se você chegou a ver algum texto lá nosso, mas eu tento organizar ele pra poder lembrar... sabe, falar de animação, falar de personagem, falar de história, falar de música, trilha sonora – que eu acho que em anime isso é muito importante, na verdade qualquer obra audiovisual isso é né, o que seria o cinema sem o som, hoje em dia.

Então eu tento deixar um pouquinho pra cada um desses elementos pra poder falar alguma coisa e tal. Porque aí o cara, o cara ele vai ver um panorama de tudo: ‘pô, isso aqui a música é legal, os personagens são um pouco chatos, mas a história é bacana, o visual é legal’. Ou não, ‘pô, o visual é uma bosta, mas a história é foda’. Ou então ‘o visual é foda, a história é foda, mas, puta, a música é zoadaça, nem tem abertura, sei lá, a trilha sonora é irrelevante’. Eu tento fazer esse panorama mais geral.

Tem uns que gostam de entrar no fator da dublagem né, tipo, falar dos seiyūs [dubladores] e tal porque conhece muito de dubladora, eu não entro tanto nesse mérito. Às vezes eu comento uma dubladora e tal porque é uma que eu gosto, falo ‘pô, esse aqui vale a pena porque é tal pessoa’, mas é mais raro. Então também tem isso né, tem muitos... Muitas maneiras de você fazer essa abordagem, igual tem em cinema, igual tem outras coisas. E os blogs acabam diferenciando nisso.”

[Entrevista com Wagner, do blog Troca Equivalente – 29 de julho de 2014]

Essa diferenciação – tanto no estilo dos reviews quanto em seu conteúdo – acaba sendo muito saudável para a blogosfera, já que, ao contrário das notícias – que, como dito, acabam sendo redundantes em sua repetição –, diferentes reviews publicados em vários blogs adquirem um aspecto de complementaridade. Aspecto esse que é reforçado, às vezes, pelos próprios bloggers, que postam links ou comentam reviews feitos em outros blogs – seja em seus twitters pessoais, seja no texto de seus próprios posts.

Por fim, no topo da hierarquia dos diferentes conteúdos, temos os posts de análise. Esses posts, normalmente longos e com considerável pesquisa (e,

consequentemente, de escrita mais demorada), são diferentes dos outros estilos de post vistos até agora porque eles normalmente não se focam em resenhar uma obra específica, e sim em fazer uma análise aprofundada – muitas vezes quase acadêmicas – de algo que, de uma forma ou outra, não se encaixaria em uma resenha: aspectos específicos das mídias animê ou mangá, comparações entre diferentes obras, panoramas da produção de determinados autores ou diretores, entre muitos outros temas possíveis. Isso normalmente é visto como um conteúdo de mais qualidade, e que supostamente exige mais, tanto do autor quanto do leitor:

Estranho: “[O passar do tempo] foi especificando mais os temas e tornando eles mais complexos, por assim dizer. No começo era bem amplo e aí foi começando a... A afinar, a gente começou a ver aspectos bem específicos da mídia, tipo ‘ah, vamos falar especificamente sobre personagens secundários, qual que é o papel do personagem secundário’. E é uma coisa que acabou sendo um exercício bacana pra gente mesmo que grava, porque no, no a gente pensar no tema e fala ‘pô, esse é um aspecto legal, vamos ver se tem conteúdo pra falar sobre isso?’. Aí a gente bolava uma pequena pautinha e aí ‘ah, vamos tentar falar disso nesse tema, e tal’, só nessa pequena discussão a gente já acendia várias ideias de você, ‘pô, deixa eu identificar esse determinado aspecto aqui no mangá, tipo, personagens secundários, por que que eles são importantes?’, ‘Pô, deixa eu pensar, em todos os mangás que eu li, quais são os personagens secundários que são importantes’ e tudo o mais. É, e isso ainda é um tema que nem é tão maluco assim, a gente já fez sobre suspensão de descrença, a gente já fez sobre intenção autoral, que é uma coisa muito abstrata, mas é importante, né, sempre faz parte das conversas só que de forma mais tangencial. E... E o bacana foi que justamente uma coisa foi levando à outra, um tema foi levando a outro

(...)

O que acontece é que mesmo o quadrinho mais popular, o quadrinho ‘comic’ americano, é difícil a gente ver pessoas na internet que tão querendo discutir sobre a linguagem em si. A gente acaba achando tipo pesquisas específicas, sabe ‘ah, eu quero pesquisar sobre a história do mangá’, aí você vai achar alguns artigos acadêmicos, é, alguns livros, né, que são teóricos e tal, mas é difícil você ver, tipo, pessoa comum, o cara que gosta da mídia falando

sobre ela de forma geral, a gente vê bastante isso em literatura, a blogosfera de literatura é muito forte. A blogosfera de cinema né, nem se fala o que que tem de cinéfilo fazendo conteúdo aí. E o quadrinho sempre foi meio deficiente nisso, e aí a gente acabou vindo, vendo isso como um caminho que a gente podia seguir com o tempo né, conforme foi evoluindo esses temas a gente viu que, pô, dá pra gente conversar mais do que simplesmente falar ‘olha, esse mangá é legal e eu acho ele legal por causa disso’, falar ‘não, vamos tentar entender melhor o quadrinho, vamos tentar entender melhor quem lê o quadrinho, o contexto onde tá o quadrinho’, é... Ou, ou mesmo, tipo, ‘as análises das pessoas que fazem análises de quadrinho, vamos conversar melhor sobre isso’. E... E eu acho um exercício bacana mesmo, porque... Fazer um conteúdo que é abstrato, é... Que ele não é tão direto né, que nem, tipo, pegar um mangá e analisar é mais concreto do que falar, ‘ah, porque que as análises são boas ou não’, é muito mais abstrato e é mais difícil de chamar a atenção das pessoas. Mas é, eu acho que recompensador, eu acho que é um exercício que precisa ser feito mais. Eu lamento muito não ter outros podcasts, ou outros posts, ou outros blogs, videocasts, o que são voltados pra falar mais sobre a linguagem como um todo do que simplesmente falar, ‘ah, compra esse quadrinho que esse quadrinho é legal, compra esse mangá porque esse mangá é legal’, ou ‘ah, não compra, é uma merda’, sabe. É... Eu acho que falta ainda um pouco mais de conteúdo nesse caminho.”

[Entrevista com Estranho, do blog AoQuadrado² – 30 de julho de 2014]

Kauê: “[E]u já criei o blog pensando em escrever pro nicho né? E como eu citava fontes acadêmicas, eu tenho uma escrita um pouco mais rebuscada do que a média, é... então eu sabia que quem ia ler era o pessoal que estava na faculdade, não era qualquer um que pararia pra ler. E esse pessoal acaba fidelizando por ser algo diferente.

(...)

[Mas] eu tava escrevendo pra meia dúzia de...de acadêmicos, universitários lá que eram os mesmos e eram textos muito trabalhosos né? Dava um trabalho do cão fazer. Ah, se é pra fazer assim, pra...e quem lia, de certa

forma já sabia do que eu tava falando. Não era uma novidade pra eles, então eu sentia um pouco de...era um pouco inútil o trabalho que eu tava tendo. E também tem...que, que eu tinha...é, e alguns textos que eu havia escrito antes meio despreocupadamente, sem, sem ter a maturidade que eu acabei tendo depois, que eu faria diferente hoje, só que eu começo a puxar assuntos outros no meio do texto, eu começo a divagar no meio, e que é uma forma que eu não faria hoje.

(...)

[Minha escrita] geralmente funciona assim: eu tenho contato com algum tema, e eu vou atrás dos assuntos relacionados a esse tema. Então, por exemplo, o post que eu fiz ontem sobre a bomba atômica, o efeito na arte [“De Godzilla a Akira: o trauma nuclear no cinema japonês”]. O que que eu fiz, eu ia atrás de por exemplo artigos que tratavam do assunto, que filmes eles recomendam lá é... que tipo de livro, então eu desenvolvia o meu interesse com base em algum assunto central e eu ia atrás das referências em volta dele.”

[Entrevista com Kauê, do blog Otakismo – 18 de junho de 2014]

Como pode ser visto nos dois trechos acima, um post de análise normalmente pressupõe uma abordagem diferente da convencional – é muito comum que haja uma contraposição especialmente entre análises e reviews –, pois não se trata “somente” de falar de uma obra, e recomendá-la ou não (que é, declaradamente ou não, a principal intenção por trás de um review), mas sim discorrer sobre um assunto que, supostamente, transborda uma única obra.

E não é por acaso que, no post satírico do Animu Nius Network, citado acima, se refere a Kauê, que ficou famoso por suas análises mais “sociológicas” do Japão histórico e contemporâneo, como o “William Bonner da cultura nipônica” (críticas ao jornalista da Rede Globo à parte), e ao AoQuadrado² da seguinte maneira:

“Sabe aquele canal que você achava que não existia, e só passa a assistir depois que seus professores da universidade mandam porque mesmo não conhecidos, os programas são bons? O Mangá Ao Quadrado é mais ou menos assim.

Feito em formato de podcast, o Ao Quadrado é um formato para otakus mais cultos e que estão dispostos a fazer neurônios funcionarem antes de

digerirem informações. Assim como a TV Cultura, não tem o maior corpo de funcionários do meio, mas o suficiente para funcionar.

Uma das características aqui é o esquema de convidados, assim como o Roda Viva da Cultura, e as pautas certeiras, assim como o Observatório de Imprensa.

Não é o grupo de comunicação otaku mais conhecido, mas um fandom vem surgindo.”

[Nota de Campo – 04 de Junho de 2014]

2.5 UMA CRÍTICA AOS TIPOS

Dito tudo isso, contudo, é importante mostrar a outra face da moeda, especialmente no que diz respeito à dicotomia – existente na otakusfera e reproduzida aqui – entre reviews e análises. Isso porque situações e posts que subvertem essa lógica mostrada acima existem aos montes. Começemos, como antes, pelas notícias.

Como dito acima, notícias no anime blogging são vistas, em geral, como um tipo de conteúdo de relativo pouco valor, por serem basicamente informações de segunda mão – o site americano **Anime News Network** e o site francês **Manga News Japon** foram citados constantemente como “hub[s] de notícias” e “de onde vêm as notícias de qualquer blog brasileiro”. Um entrevistado chegou a falar que “[é] difícil vir de outro lugar, então notícias de blog brasileiro eu nem abro, que eu já sei o que que é. Só quando é, tipo, do mercado nacional que aí eu dou uma olhada.” Mesmo essas notícias do mercado nacional dependem, normalmente, das informações liberadas pela indústria, que costumam ser divulgadas inicialmente em seus canais próprios ou então são distribuídas para vários blogs.

É por isso, portanto, que casos de notícias que escapam desse padrão chamam tanto a atenção. E isso pode ser visto no seguinte trecho:

Dudu: “[Q]uando a gente tava sondando sobre o possível lançamento do DVD de Samurai X, que eu e o Dih [do Chuva de Nanquim] a gente meio que ficou numa pesquisa porque uns sites muito pequenos tavam falando sobre e as fontes oficiais não confirmavam de jeito nenhum, aí a gente ficou acompanhando isso durante um bom tempo, até que a gente resolveu soltar e foi meio que um trabalho em conjunto do Chuva de Nanquim com o JBOX, essa foi uma parceria interessante.

(...)

Eu sempre queria dar alguma coisa que os outros sites não tavam falando. Aí, tipo, de tanto eu ficar procurando e procurando, eu descobri que a JBC, ela lançava os lançamentos dela no ISBN (...). Registrava tudo que ela ia lançar ali. Aí num belo dia eu entrei e vi a lista de lançamentos dela pra meses seguintes. Aí eu peguei isso e comecei a lançar no JBOX e inclusive foi daí que já começou meio que o desconforto com os blogs do Genkidama, porque sempre que a gente falava que ‘mangá X vai sair’ vinha um blog de lá falar ‘mangá x não vai sair segundo editor xxx’. Aí ficava a nossa informação contra a deles, confrontando, porque, porque a gente usava uma fonte que não era tida como a editora, ‘não foi a editora que falou isso’ e tal. Aí eles falavam, ‘ah não, mas a editora não confirmou isso, isso e aquilo’.”

[Entrevista com Dudu, do site JBOX – 21 de julho de 2014]

Esse último caso, particularmente, que causou tal desconforto (ou “polêmica”, como foi chamado na época) foi particularmente interessante (e, por sorte, foi algo que anotei antes de começar a pesquisa intensiva):

Hoje, 19 de fevereiro [de 2014], o JBOX noticiou a [possível] publicação, pela JBC, do mangá “Steve Jobs”. O Cassius [Medauar, editor-chefe da JBC] negou no Twitter essa informação, e o Gyabbo! publicou um post desmentindo a informação, com base nos tweets do Cassius. O AnimePró [outro site de notícias de animê] publicou um post muito bom explicando a polêmica.

[Nota de campo – 19 de fevereiro de 2014]

Esse post, explicando a situação²², a contextualizava bem, mostrando que Cassius havia sido efusivo em suas negativas – afirmando, por exemplo, que a editora não havia anunciado nenhum mangá, e que não tem nada a dizer. Nos comentários dos dois blogs²³ – JBOX e Gyabbo! –, por sua vez, leitores e bloggers comentavam ora que não havia nenhuma informação oficial e isso se tratava de “especulação” e “sensacionalismo”, ora que não estava nos planos da empresa a divulgação dessa informação, e que o JBOX já havia anunciado anteriormente “furos” parecidos, que

²² E que pode ser visto aqui: <http://www.animepro.com.br/?p=12754>

²³ No dia seguinte, Sakuda fez um post no XIL ironizando a situação, e sua seção de comentários também teve pessoas defendendo e condenando Dudu e o JBOX.

havia sido igualmente “efusivamente negados” pelas editoras e, posteriormente, publicados.

Essa polêmica, portanto, mostra como uma notícia pode deixar de ser vista como algo fugaz e repetitivo, e adquirir importância – ainda que sua visibilidade não seja necessariamente positiva. E, igualmente, mostra uma imensa diferença entre estilos de blogs de notícias: entre aqueles que, como publicado no Gyabbo!, “busca[m] somente publicar notícias acerca do nosso mercado de mangás quando elas vem de fontes oficiais”, e aqueles que, como o JBOX, preferem arriscar e publicar informações ainda “incertas” – e que possam ser negadas ou até contraditas no futuro. A escolha, portanto, entre ser acusado de ser “relações públicas de editoras” ou de ser “especulador sensacionalista”.

Posts de resenhas episódicas, por sua vez, dificilmente conseguem adquirir interesse e longevidade maiores, por se tratar justamente de um conteúdo muito marcado temporalmente e, de certa forma, até descartável – na semana seguinte, com um episódio ou capítulo novo, o conteúdo do post anterior perde praticamente toda sua relevância. Porém, existem algumas estratégias usadas pelos blogs para atrair o interesse do público, ainda que somente por esse breve período de uma semana.

Uma delas, usada especialmente nas resenhas de capítulos de mangá, é a de brincar com o conteúdo dos capítulos: por meio de softwares de edição de imagem, mudam-se as falas dos personagens ou adicionam-se novos elementos às páginas do mangá, e o post torna-se uma mescla de texto – que comenta os ocorridos no capítulo – e imagem – que serve de base e ilustração para os comentários.

Outra estratégia, de bastante sucesso no Genkidama, é a de fazer um **streaming** semanal, com vários membros do Portal e, ocasionalmente, convidados da blogosfera, comentando o capítulo mais recente de alguns mangás. Esse streaming normalmente tem a intenção clara de sacanear ao máximo possível os acontecimentos ocorridos nos mangás comentados, e o humor contido nesses comentários é extrapolado pelas reações exageradas de seus participantes e pela possibilidade que o fato de ser um programa ao vivo permite aos fãs de participarem indiretamente – ao enviar seus próprios comentários para que os participantes os leiam.

Posts de primeiras impressões, talvez, são os que menos presenciamos mudanças de seu valor simbólico. Alguns bloggers tentam inovar – o Troca Equivalente, por

exemplo, publica, a cada temporada, um episódio de seu podcast Troca Debate sobre os primeiros episódios de todos (ou quase todos) os animês estreantes; outro blog do Genkidama faz um comentário, em vídeo, resumindo o primeiro episódio de alguns animês em um minuto ou menos – mas, indiferentemente da mudança de formato, raramente há uma grande valorização de posts de primeiras impressões. A exceção são alguns poucos casos em que um blogger se dispõe a comentar o primeiro capítulo ou episódio de uma série que já estreou (e, às vezes, até mesmo se encerrou) há muito tempo, para tentar ver se o início dessa série – muitas vezes consagrada – “convenceria”. Porém, esses posts se aproximam de uma subversão do estilo, por se tratar na verdade de uma análise *post hoc* de uma série que já se sabe o andamento, que já se acompanha (e já “convenceu”, portanto), e normalmente espera-se o mesmo dos leitores – não servindo, portanto, para recomendar a série a ninguém. Pode-se dizer, na verdade, que tais posts têm como principal função criticar o modelo de primeiras impressões, já que é comum que os primeiros episódios ou capítulos de uma série de sucesso não sejam indicativos da qualidade que essa série mantenha no futuro.

Reviews e análises, por fim, sofrem o destino oposto dos outros tipos: se são considerados um tipo de conteúdo de maior qualidade, não é sempre que os posts, vistos individualmente, gozam de muita qualidade. Um review ou análise pode ser considerado malfeito, apressado ou inconsistente. Outro problema, que aflige normalmente bloggers que se especializam em reviews ou análises, é a percepção de que seu conteúdo é especializado, elitizado, e “travado” demais – Kauê disse ter a impressão de que escrevia para “meia dúzia de acadêmicos”, e uma das principais críticas a Alexandre Lancaster, do Maximum Cosmo (que, como foi dito, influenciou boa parte da blogosfera atual) era a de seu estilo de escrita ser muito prolixo. Carlírio, do Netoin! – que é caracterizado por ter uma escrita mais rebuscada –, chegou a afirmar:

Carlírio: “Já cheguei a ler no e-mail uma vez que a minha escrita é ‘ortodoxa demais pros padrões atuais’. Quando eu li isso eu fiquei ‘caramba, meu, nasci na data errada, então? Eu era pra ser... era pra eu ter vivido na idade média, alguma coisa assim?’. Mas eu levo na boa, porque a pessoa em si não está mentindo, realmente eu concordo que a minha escrita às vezes é um pouco pesada demais, é um pouco antiquada demais, um pouco rústica – embora educada é um pouco rústica –, por causa da forma que o verbo é

conjugado, por causa de algumas palavras que são usadas, e por aí vai... E também porque eu não surto. Se você pega blogs, por exemplo, como o da R., o [blog] E., você pega o blog da N., que é o A., você pega, deixa eu ver, você pode pegar até o Denys do Gyabbo!, que apronta dessas também, são exemplos de pessoas que surtam em seus posts, e quando eu falo 'surtar', [é quando] coloca aquelas letras garrafais, ou às vezes joga um palavrão quando tem que jogar, tipo, medem e ao mesmo tempo não medem palavras, então é o estilo de cada blog, cada espaço tem o seu estilo.”

[Entrevista com Carlírio, do blog Netoin! – 09 de outubro de 2014]

Esse tipo de crítica, de que certo conteúdo ou certo formato seria pouco abrangente ou que não atingiria boa parte do público, acaba sendo interessante para ver que, talvez, a principal crítica a esse tipo de conteúdo é que ele seria, supostamente, inacessível ou desinteressante a um público maior, e, portanto, tais blogs e bloggers teriam um “menor alcance”.

E se, recuperando o que foi dito anteriormente, existe uma leve tendência de correlação inversa entre a frequência do conteúdo e seu valor simbólico, é também possível – e até provável – que haja também uma correlação inversa entre o valor simbólico do tipo de conteúdo veiculado e o seu alcance para o público geral. Afinal, como veremos no capítulo seguinte, é exatamente isso que acontece com o principal tema da blogosfera: animês e mangás.

3 OTAKUS E OTAKINHOS

“Otakinho fantasy
O seu mundo não é real
Pra falar a verdade só você que se acha o maioral

Vergonha alheia!
Anime é desenho
Vergonha alheia!
Você não é kawaii **desu ne**
Vergonha alheia!
Tem drogas no seu **Mupy?**
Vergonha alheia!
Otakinho, vá se f*der

Use seu cosplay
No lugar que é pra usar,
Não no parque, nem no shopping, na escola ou na rua!
Saiba que **fazer ‘V’** em todas as fotos
Te deixa parecendo um grande imbecil.”

(Jozuera, 2012)

Uma das coisas mais importantes, dentro da otakusfera – e provavelmente dentro de todos os mundos artísticos –, é a regra bem clara de que nem todas as obras são da mesma qualidade e, portanto, nem todos os gostos são iguais. Como dito no início do capítulo anterior, uma das formas de se destacar dentro desse grupo é pela aquisição e demonstração de um senso crítico mais apurado, refinado, gradualmente construído pela grande quantidade de obras consumidas – e, especialmente, pela qualidade destas obras.

Tal característica, contudo – qualidade de uma obra – não é algo intrínseco, determinado a priori ou imutável. A qualidade artística de uma obra, de fato, é socialmente definida pela comunidade otaku²⁴. Porém, mais que uma definição “igualitária”, em que todos os otakus teriam a mesma influência na determinação da qualidade de uma obra, existe na otakusfera uma clara predominância, nesse processo avaliativo, de uma elite (de “otakus intelectuais”) que detêm, efetivamente, o poder de determina o que é ou não esteticamente aceitável – tendo, como justificativa para tal, o seu “bom gosto”.

3.1 UMA QUESTÃO DE BOM GOSTO

Em todos os mundos artísticos, me parece, tal categoria (“bom gosto”, e sua contraparte, “mau gosto”) é, inevitavelmente, tautológica: tem bom gosto quem aprecia coisas de qualidade, e vice-versa. Embora seja comum, em análises sociais, a correlação entre gostos e classes sociais – aquilo que é apreciado por uma classe alta seria socialmente considerado de bom gosto, aquilo que é apreciado por uma classe baixa, nem tanto –, essa definição ainda carece de um ponto importante da hierarquização dos gostos: o caráter poluente do mau gosto. Por “caráter poluente” me refiro à seguinte ocorrência típica: quando certa obra, autor, estilo, etc., antes apreciado pelas classes altas, cai nas graças de classes baixas, ele perde gradativamente seu valor para seus apreciadores originais. É comum, nesses casos, que estes eventualmente o abandonem ou, ao menos, tenham-no em menos consideração:

While the taste hierarchy differs from the class hierarchy, it is quite similar to the status hierarchy, for in terms of prestige, high culture is at the top and low culture is

²⁴ É possível que existam propriedades transcendentais – uma essência (BOURDIEU, 1996: 319-347) – a obras “de qualidade” que determinem seu valor estético, mas essa é uma discussão pertinente à filosofia da arte (cf., por exemplo, DANTO, 2007, ADAJIAN, 2012), e não será abordada aqui – minha preocupação é mais pragmática, e se refere à qualidade artística como percebida (e, porque não, vivenciada) pelos otakus.

at the bottom. Decisions about cultural choices often reflect status considerations, and when a culture of lower status borrows the content of a higher one, the latter usually drops the item from its cultural repertoire. As I suggested earlier, when Ingmar Bergman's films became popular with upper-middle moviegoers in the 1960s, they lost much of their standing among high culture film buffs. (GANS, 1974: 115)

Uma outra estratégia, talvez menos comum, para combater esse caráter poluente, é a de isolar, simbolicamente ou não, esses itens poluídos, para que eles se “purifiquem” e voltem a ser de apreciação exclusiva das classes altas:

When Shakespeare, opera²⁵, art, and music were subject to free exchange, as they had been for much of the nineteenth century, they became the property of many groups, the companion of a wide spectrum of other cultural genres, and thus their power to bestow distinction was diminished, as was their power to please those who insisted on enjoying them in privileged circumstances, free from the interference of other cultural groups and the dilution of other cultural forms. As long as they remained shared culture, the manner of their presentation and reception was determined in part by the market, that is, by the demands of the heterogeneous audience. They were in effect "rescued" from the marketplace, and therefore from the mixed audience and from the presence of other cultural genres; they were removed from the pressures of everyday economic and social life, and placed, significantly, in concert halls, opera houses, and museums that often resembled temples, to be perused, enjoyed and protected by the initiated – those who had the inclination, the leisure, and the knowledge to appreciate them. (LEVINE, 1988: 230)

Por outro lado, esse caráter poluente não é assim visto por aqueles que têm aversão a ele. Como bem mostrado por Bourdieu (2006), a justificativa tradicional costuma ser a de *aversão pelo fácil*:

[S]eria possível mostrar que toda a linguagem da estética está confinada em uma rejeição de princípio do *fácil*, entendido em todos os sentidos atribuídos a esta palavra pela ética e estética burguesas; que o 'gosto puro', puramente negativo em sua essência, tem por princípio a *aversão*, frequentemente designada como *visceral* ("faz adoecer" e "provoca vômitos"), por tudo o que é 'fácil', como se diz de uma música ou de um efeito estilístico, assim como de uma mulher ou de seus costumes. A rejeição do que é fácil no sentido de simples, portanto, sem profundidade, e 'barato', já que sua decifração é cômoda e pouco 'dispendiosa' do ponto de vista cultural, conduz naturalmente à rejeição do que é fácil no sentido ético e estético, de tudo o que oferece prazeres *imediatamente acessíveis* e, por conseguinte, desacreditados como 'infantis' ou 'primitivos' (por oposição aos prazeres adiados da arte legítima). Fala-se, assim, de 'efeitos fáceis' para caracterizar, por exemplo, a elegância um tanto espalhafatosa de certo estilo jornalístico ou o encanto um pouco demasiadamente insistente e previsível da música chamada 'ligeira' (palavra cujas conotações abrangem, praticamente, as de 'fácil') ou de certas execuções da música clássica, de modo que determinado crítico possa denunciar, por exemplo, a 'sensualidade vulgar' ou 'o orientalismo de bazar' que transforma a interpretação da dança dos sete véus da *Salomé* de Richard Strauss em 'uma música de café-concerto'. De acordo com as palavras utilizadas para denunciá-las, 'fácil' ou 'ligeiro', é claro, mas também 'frívolo', 'fútil', 'espalhafatoso', 'superficial', 'sedutor' (traduzido, em inglês, pelo termo mais distinto, *meretricious*) ou, no registro das satisfações orais, 'xaroposo', 'adocicado', 'insosso', 'enjoativo', as obras 'vulgares' não são somente uma espécie de insulto

²⁵ É importante mencionar que Levine está completamente ciente de que tanto Shakespeare quanto a ópera surgiram como atrações e entretenimentos populares, e foram cooptados pelas classes dominantes. Este é, de fato, um dos argumentos centrais de seu livro.

ao requinte dos requintados, uma maneira de ofensa ao público 'difícil' que não entende que lhe ofereçam coisas 'fáceis' (a respeito dos artistas e, em particular, dos chefes de orquestra, costuma-se dizer que eles se respeitam e respeitam seu público); tais obras suscitam o mal-estar e a aversão ao adotarem métodos de sedução, habitualmente, denunciados como 'baixos', 'degradantes', 'aviltantes', que incutem no espectador o sentimento de ser tratado como qualquer um, que se pode seduzir com atrativos de pacotilha, convidando-o a *regredir* para as formas mais primitivas e elementares do prazer, quer se trate das satisfações passivas do gosto infantil pelos líquidos doces e adoçados (evocados pelo termo 'xaroposo') ou das gratificações quase animais do desejo sexual. Seria possível evocar o preconceito platônico incansavelmente reafirmado, em favor dos sentidos 'nobres', a visão e a audição, ou o privilégio atribuído por Kant à *forma*, mais pura, em detrimento da cor e de sua sedução quase carnal. (BOURDIEU, 2006: 449, grifos no original)

Essa recusa do fácil, portanto, camufla a hierarquização de gostos com uma linguagem de suposta meritocracia – já que o gosto refinado justificar-se-ia pela simples busca por desafios que os itens apreciados pelo gosto comum não podem proporcionar. Dessa forma, o elitismo intrínseco ao bom gosto é disfarçado (ou nem tanto), e o ônus é transferido ao mau gosto, que passa a ser visto como uma apreciação preguiçosa, bruta, e até mesmo ignorante.

Entre os otakus, infelizmente, isso não é diferente: obras mais populares são, via de regra, vistas como inerentemente inferiores a outras obras, menos difundidas. E, por sua vez, aqueles que apreciam tais obras – populares e inferiores – são vistos como possuidores de menor senso crítico, e recebem um apelido pejorativo: “otakinhos”.

3.2 A IMAGEM DO MAU GOSTO

Explicar sucintamente o que seria um otakinho não é uma tarefa fácil. Isso porque essa figura não é caracterizada somente pelo seu mau gosto estético – sua apreciação por obras de qualidade inferior –, mas sim por um “mau gosto geral”, especialmente em dois pontos: sua suposta idealização do Japão e de sua indústria cultural; e sua tendência a agir de forma mais imatura e “vergonhosa”. Podemos ver isso nos seguintes trechos:

Kauê: “Eu acho que foi uma relação meio natural, que, até, [a] cultura otaku, ela é descartável por excelência né, a maioria das coisas desse meio não presta. O que eu fiz foi filtrar, sabe...eu não vejo mais graça num **Naruto**, e não é porque eu fiquei chato, é porque eu não tenho mais idade de ler **Naruto**, sei lá. Ele tem um público alvo que é pra moleque de 14 anos, eu já não tenho mais 14 anos. Então vou [em] uma evolução natural, sabe? Eu

guardei o que vale a pena ficar e o resto eu passei pra trás. Mas eu acho que foi mais natural do que por influência.

[...]

[O] pessoal desse meio tem uma visão muito, muito estereotipada e idealizada do Japão. É... aliás esse era um dos meus objetivos do blog também, desconstruir essa imagem idílica que tem do país. Que mesmo gostando muito da coisa é,.. conheço muitos problemas lá daquele país e eu tentava compartilhar um pouco disso. E o pessoal conhece o Japão porque, por estereótipo de alguma notícia midiática – de alguém que também não entende nada e escreveu uma matéria -, é, [e por meio de] de anime. Isso aí não é fonte de conhecer...a cultura nacional de um povo né. Então, sim, é complicado você conversar sobre o assunto...se a base de argumentação do cara for mangá em temas assim, claro.”

[Entrevista com Kauê, do blog Otakismo – 18 de junho de 2014]

Fabio: “Eu acho meio coisa de adolescente, isso. Essa coisa de ser muito fanático por alguma coisa. Posso parecer hipócrita, até porque eu já fui bastante otaku na minha vida, já estudei japonês porque eu queria ler mangá ou ver anime sem precisar de legenda. Tenho touquinhas de anime, já fui em muito Anime Friends sem ser pra trabalhar, antes de ir pra trabalhar eu frequentava lá, ia todos os dias. Ia a shows, tirava foto com os **cosplayers**. Eu acho que é muito coisa da idade isso, com o tempo as pessoas vão criando um pouco de senso crítico, um pouco de juízo, e começam a sei lá, sair daquilo, mas não precisa parar de consumir os produtos. Eu por exemplo não frequento os eventos mas continuo comprando mangá, compro DVD de séries, de certa forma eu acompanho mas acho que não precisa ser tão fanático pra gostar disso. E o público otaku acaba criando todas as suas características[, que] são engraçadas de zoar um pouco, porque é uma coisa meio infantil. É como se fosse uma tribo e aí tem os códigos pra eles se sentirem fora das outras culturas.”

[Entrevista com Fabio Garcia, do blog Mais de Oito Mil – 20 de julho de 2014]

Aqui podemos ver, claramente, essas três características que definem o otakinho: seu gosto por obras menos maduras – Naruto, de fato, é visto como sendo o “animê de otakinho” prototípico²⁶; seu suposto parco conhecimento real sobre o Japão – já que suas impressões sobre a realidade japonesa seriam baseadas somente em alguns poucos produtos de sua mídia de massas²⁷; e, por fim, seu comportamento exacerbado, infantil, fanático. Podemos vislumbrar, portanto, um esboço do que seria o otakinho estereotípico: um sujeito pouco refinado, ignorante, emocional. Sua falta de senso crítico é dupla: tanto seu senso estético quanto seu bom senso são deturpados.

Por outro lado, podemos ver também algo importante: em ambos os casos, embora exista um afastamento do entrevistado em relação àqueles a que ele se refere²⁸, existe igualmente a indicação de que, no passado, ambos também fizeram parte desse grupo. Na verdade, dentro da otakusfera existe percepção geral de que é necessário – ou, ao menos, extremamente comum – ser um otakinho antes de, enfim, tornar-se um otaku “de verdade”²⁹.

Essa “evolução natural” dentro do fandom poderia ser considerada trivial se não fosse pelo fato que, superficialmente, temos um contrassenso: quanto mais “evoluído” você é como otaku, menos *commitment* (Becker, 1960) ao otakismo você deve demonstrar. Contrastemos isso, por exemplo, com os fãs de Game of Thrones (“GoT”) estudados por Tim Staps – que parecem ser, inclusive para o autor, representativos de boa parte dos fandoms:

“The respondents of this study emphasized they do not exclude Others from their fan community; individuals who claim to like GoT are considered fans. Although they do not exclude, they support the notion of a *level of enoughness regarding fan-being*. (...) In addition, the respondents argue differences between GoT-fans exist. They claim there are *levels of fan-being* among the fans of the GoT-fan community.

(...) [A] good-enough GoT-fan is an individual who is an active member of the GoT-fan community and respects the normative rules of the fandom. However, according to the respondents there is a little gap within the acceptance of all individuals as fans and the consideration of granting everybody a ‘full membership card’.

²⁶ Os fãs de Naruto inclusive são chamados, pejorativamente, de *Narutards* (Naruto + *retard*).

²⁷ Nesse ponto, particularmente, a crítica de meus entrevistados se aproxima muito da análise do orientalismo inerente ao otakismo feita por Lourenço (2009: 72-9).

²⁸ Embora, *mea culpa*, isso possa ser devido ao andamento das entrevistas – visto que, nesses dois casos, conversávamos sobre as “pessoas do meio”, “os otakus”, os “otakus fanáticos” e a “cultura otaku”.

²⁹ Não por acaso, de fato, existe a ligação constante entre otakinhos e adolescentes. Não seria errado dizer que, para os otakus, seu período como otakinho é sua adolescência dentro do fandom.

Data of this study support the notion of distinction of 'how much of a fan an individual is' regarding fan commitment and fan activity. First, the respondents claim fan activity concerning reading and watching GoT-related media is a key feature a basic fan should undertake regularly. Further, they claim fans should feel connected and drawn towards to the cultural object (...). In addition, the respondents claim GoT-fans of higher level of fan-being have more GoT-knowledge than regular fans. (...) Finally, the respondents claim a level of higher fan-being related to fan activity: a fan who is more active is labeled as a fan in a higher level." (STAPS, 2014: 56-7, grifos no original)

Esse aparente contrassenso do otakismo, de fato, vai de encontro a muito do que foi dito até agora: como é possível que um grupo que valorize a dedicação de muitas horas diárias a blogs de animê, e que cria categorias como "otaku social" unicamente para distinguir aqueles indivíduos que detêm mais conhecimento sobre o universo midiático nipônico, menospreze e até ofenda – como é o caso da música-epígrafe deste capítulo – justamente os indivíduos que mais demonstrem seu envolvimento com esse universo? Uma possível resposta é, justamente, a vontade dos otakus de não serem reconhecidos como tal.

3.3 NORMAIS SÃO OS OUTROS

Uma característica inerente ao otakismo é a sua indisposição a aceitar o rótulo de otaku.³⁰ Na verdade, mais que o rótulo (que alguns otakus aceitam e até abraçam), o verdadeiro problema é o estigma que existe ao redor dele – inclusive por pessoas que não conhecem o termo otaku. Via de regra, otakus (ou "fãs de animê e mangá", ou qualquer outra forma de caracterização desse universo) são vistos pela sociedade abrangente como: antissociais, socialmente ineptos, inadequados, desajeitados, desajustados, entre outra infinidade de termos e acepções³¹. Os próprios otakus demonstram ter internalizado tais acepções, usando-as para fazer um humor autodepreciativo – como é o caso da seguinte anedota, que ouvi diversas vezes e relatei em outra ocasião (Schüler-Costa, 2012: 92): "Uma pessoa normal fala que 'está num relacionamento sério'. Um otaku fala que 'está num relacionamento, sério'".

O uso do termo "normal" aqui é importante. Não só porque, como diz Goffman, se existe o normal existe "the person he is normal *against*" (Goffman, 1990: 16, grifo meu); mas igualmente porque essa categoria, das "pessoas normais" – às vezes

³⁰ Tal característica é citada na literatura, entre outros, em Eng (2001; 2006:58-62), Galbraith (2009: 8-10, 171-3; 2012:17-9), Lourenço (2009: 52-5), Schüler-Costa (2011; 2012: 19-21, 32-9).

³¹ Para alguns exemplos na literatura, confira Barral (2000), Kelts (2007: 123-44, 154-67), Coelho Jr. (2008: 136-49), Machado (2009: 137-59) e, particularmente, Galbraith (2015).

chamadas pejorativamente de **normalfags**³² – é comumente utilizada por otakus e otakinhos. E isso chama atenção porque, obviamente, o normal pressupõe o anormal, e os otakus, como os casos analisados por Goffman, não querem sofrer o estigma da anormalidade.

E é por isso que existe o esforço constante por parte dos otakus em “se integrar” e se tornar um “membro produtivo da sociedade” – ou ao menos aparentar ser um. Esse esforço é parecido com o que Goffman (1990: 92-128) chama de *passing* e *covering*, situações em que indivíduos portadores de estigmas tentam passar por pessoas normais (*passing*) ou, ao menos, reduzir a visibilidade de seu estigma (*covering*). Além disso, diz Goffman, indivíduos estigmatizados não são, necessariamente, solidários entre si:

“Given that the stigmatized individual in our society acquires identity standards which he applies to himself in spite of failing to conform to them, it is inevitable that he will feel some ambivalence about his own self. Some expressions of this ambivalence have already been described in connexion with the oscillations of identification and association the individual exhibits regarding his fellow-stigmatized. Other expressions can be cited.

The stigmatized individual exhibits a tendency to stratify his ‘own’ according to the degree to which their stigma is apparent and obtrusive. He can then take up in regard to those who are more evidently stigmatized than himself the attitudes the normal take to him. Thus do the hard of hearing stoutly see themselves as anything but deaf persons, and those with defective vision, anything but blind.” (Goffman, 1990: 130-1)

Ao, portanto, estigmatizar otakinhos, os otakus estão justamente buscando afastar-se daquilo que eles representam: o comportamento “bitolado” – e moralmente desviante – dos indivíduos que “se dedicam demais” a seu interesse pela cultura pop japonesa. Se existem, na terminologia de Staps, “good-enough fans”, existem fãs que são “too much”.

Além disso, durante esse processo os otakus buscam também afastar-se de seu passado como otakinhos³³. Faz sentido, portanto, que eles digam que otakinhos eventualmente “crescem” e “criam juízo”, “bom senso” ou “senso crítico”. É porque os otakinhos, com seus comportamentos, opiniões, atitudes e discursos, demonstram a falta destes – que, aparentemente, virão com o tempo. E é por isso que Fabio diz que o que é particularmente engraçado nos otakinhos é que eles ajam “como se fosse[m] uma tribo e aí tem os códigos pra eles se sentirem fora das outras

³² Em japonês, existe o termo *riajū* (リア充), abreviação de *riaru jūjitsu* (リアル充実), cuja tradução aproximada é “pessoa realizada/completa/satisfeita na vida real”, o que demonstra um viés mais autodepreciativo dos otakus japoneses, e sua ambiguidade emotiva com o ficcional (cf. Galbraith, 2013; Schüler-Costa, 2014)

³³ Para influências biográficas na mentalidade estigmatizada, cf. Goffman (1990: 80-92).

culturas”. Os otakinhos, com sua conduta visível, inoportuna e incômoda, tentam justamente destacar-se em relação à sociedade abrangente – ao invés de misturar-se a ela.

Essa estereotipização, por sua vez, não é exclusiva aos otakus:

“[W]hen I interviewed *Xena[: Warrior Princess]*, um seriado norte-americano] fans, it was quite clear their fan experiences in fact occurred under constraints that originate beyond fandom itself. Far from the willful deviants imagined within some visions of fandom, they shared some of the larger culture’s standards of proper media interaction, had a sense of fan behavior as potentially inappropriate, and even believed many anti-fan stereotypes to be accurate. (...) [M]y analysis demonstrates that to exist as a fan is to be both (a) immersed in dominant ideas about the “right way” to interact with the media and (b) emotionally invested in a subculture that is often understood to violate those norms. In the end, my interviewees demonstrated that being a fan means being pulled between personal and subcultural pleasure and desire, on the one hand, and the socially appropriate, on the other.

(...)

While fully accepting that fans do demonstrate these “inappropriate” characteristics, that is, my interviewees insisted that they themselves did not embody this nonnormativity, instead bracketing it off onto “fans in general” or “bad fans.”

(...)

[F]ans project the thing that they are not supposed to want outwardly, making other members of their own category into scapegoats in order to spare themselves from having to embody this inappropriateness. To be that fan who loves so fully and is so without regard for norms is foreclosed” (Stanfill, 2013: 2, 9, 13)

Os fãs de *Xena* estudados por Mel Stanfill demonstram, portanto, estar igualmente cientes das percepções societárias negativas a respeito de seu fandom – especialmente as acusações de infantilidade, imaturidade e emotividade em excesso. Sua reação, tal qual entre os otakus, é de categorizar outros fãs como sendo os inapropriados, embora, aparentemente, não ao ponto de criar um termo específico para diferenciá-los³⁴.

O problema, contudo, é que mesmo essa explicação – a busca pela normalidade – é insuficiente quando aplicada ao otakismo. O *passing* ou *covering* de seu otakismo frente à sociedade abrangente é, claramente, valorizado – inclusive por questões empregatícias, algo que se torna cada vez mais importante com o passar do tempo:

Dudu: “[E]u acredito que eu dê um foco diferente pra cada uma [rede social], porque, por exemplo, no Facebook eu tento fazer uma coisa mais pro caso de algum RH ‘tá’ me procurando, ver o perfil de uma pessoa bem centradinha e tal, mas no Twitter é meio que uma zona mesmo com uma

³⁴ Nesse ponto é importante mencionar que essa estereotipização otaku não é presente somente no Brasil – onde, afinal, é usado o termo “otakinho”. No otakismo anglófono usa-se o termo “weeaboo” com praticamente as mesmas conotações.

galera, todo mundo conversando o tempo todo. Então, eu faço usos diferenciados (...)”

[Entrevista com Dudu, do site JBOX – 21 de julho de 2014]

Contudo, essa habilidade de conseguir “parecer normal” não é exatamente o que divide otakus de otakinhos. Um otaku pode, de fato, rejeitar essa normalidade e, ainda assim, não ser considerado um otakinho. Casos como os de U. (do blog V.), por exemplo, contam muito: U. é um otaku que, se nos basearmos em seu discurso e aparência, abraçou completamente seu otakismo perante a sociedade, e não se diz envergonhado por isso. Apesar disso (ou por causa disso), ele é muito respeitado dentro da otakusfera, graças a seu conhecimento enciclopédico de animês e mangás, assim como sua memória fotográfica para pequenos detalhes e informações. U. é visto, de certa forma, como estando muito próximo do “otaku ideal”. Isso porque, apesar de U. não se portar como um normalfag³⁵, ele também não se porta como um otakinho. U. é, sob qualquer ótica, um otaku.

Mas como se porta um otakinho? Até agora pudemos ver algumas características que definem e circunscrevem otakinhos: sua preferência por obras consideradas inferiores; sua visão idealizada do Japão; e seu comportamento exacerbado. Mas o que não vimos, contudo, é como essas características são efetivamente exibidas e coibidas no cotidiano da otakusfera. E é isso que veremos agora.

3.4 COMO (NÃO) SER UM OTAKINHO

O primeiro ponto – o mau gosto estético – é o mais fácil de ser visto. Existem algumas obras, dentro da otakusfera, cuja apreciação é malvista. No geral, como já indicado várias vezes, quanto maior o “apelo popular” de uma obra, menos prestígio ela tem dentro da otakusfera. Isso pode ser observado, inclusive, na imensa quantidade de imagens, feitas pelos próprios otakus, ranqueando obras de acordo com o quão mainstream ou underground elas sejam – um exemplo pode ser visto na figura abaixo³⁶:

³⁵ De fato, uma acusação constante na otakusfera é que certos indivíduos às vezes se portem demasiadamente como “pessoas normais” – e também são acusados, portanto, de normalfags.

³⁶ Essa imagem contém uma lista consideravelmente curta. Uma imagem mais compreensiva, com muitos mais animês, pode ser vista em <http://i.imgur.com/2q76zCa.jpg>

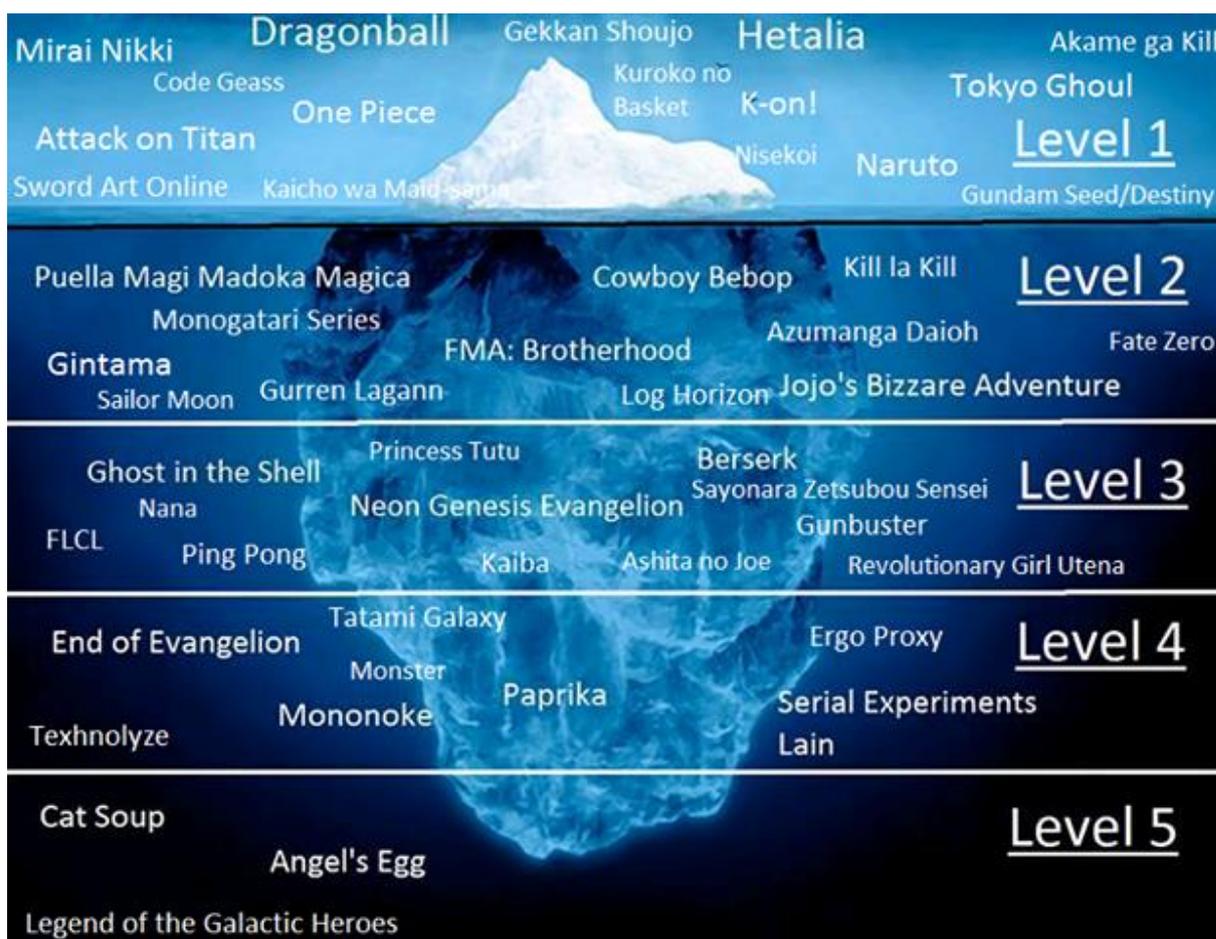


Figura 3 – "Níveis" de obscuridade de diferentes animês

Tais imagens, sempre que divulgadas, são altamente discutidas e contestadas – porque algumas obras sempre têm seu prestígio posto em cheque (tanto para mais quanto para menos). É muito comum, inclusive, que várias imagens sejam postadas em contraposição umas às outras, como uma tentativa de demonstrar a posição correta que determinada obra tem na otakusfera.

Porém, boa parte das obras (especialmente as de baixo prestígio) não são fonte de tanta controvérsia assim – a opinião hegemônica na otakusfera é de que sejam animês e mangás de notória baixa qualidade. Por exemplo, durante o período da pesquisa, praticamente toda a otakusfera concordava (ao menos publicamente) sobre a baixa qualidade dos animês e mangás de **Bleach**, **Fairy Tail** e **Sword Art Online** – além do supracitado **Naruto**. Tais obras eram constantemente ridicularizadas, seus defeitos eram trazidos à tona (às vezes até de forma exagerada), suas qualidades eram diminuídas e declarar ser fã de alguma delas era, igualmente, pôr em dúvida seu bom gosto.

O interessante, contudo, é que, embora a popularidade de uma série pareça ser um fator importante na determinação de seu prestígio, existem outros fatores em jogo. Obras de popularidade comparável às citadas acima (como **One Piece** ou **Attack on Titan**) podiam ser consumidas e apreciadas sem maiores repercussões, ainda que com moderação – ou seja, com a consciência de que, mesmo que sejam obras apreciáveis, existem outras muito melhores no mundo. Por outro lado, o fato de uma obra ser desconhecida, underground ou “cult” não faz com que ela adquira prestígio automaticamente – séries consideradas de má qualidade e desconhecidas existem aos montes.

Isso pode ser entendido, porém, se considerarmos que boa parte das obras apreciadas por otakinhos e desprezadas por otakus é vista como sendo alvo de “modinhas”. Essa categoria – talvez equivalente ao inglês *fad* – dá a entender que o problema não é exatamente a popularidade de uma obra, mas sim a sua popularização. Ao declarar que exista uma “modinha” por trás da apreciação de uma obra, o otaku dá a entender que os otakinhos não apreciam a obra por suas qualidades intrínsecas – como seria, supostamente, o caso de obras boas e populares como *One Piece* –, mas sim porque “todo mundo está assistindo”³⁷. Ao tornar-se alvo de uma “modinha”, uma obra supostamente adquire uma popularidade que não condiz com sua qualidade, e o prestígio dela dentro da otakusfera é diminuído.

A segunda característica típica de otakinhos é sua idealização do Japão. Otakinhos, supostamente, agem como se a cultura e a sociedade nipônicas fossem superiores a suas contrapartes ocidentais (ou até mesmo orientais, quando comparadas com China, Coreia ou Índia), e muitos declaram ter nascido “no país errado” e ter como pretensão mudar-se para terras japonesas no futuro.

Além dessa idealização propriamente dita, contudo, otakinhos também tentam, em vários aspectos, emular a cultura japonesa – especialmente em sua fala. Algo considerado típico de otakinhos é sua tendência (considerada irritante) de utilizar palavras, expressões ou onomatopeias japonesas em meio à sua fala, ao ponto de

³⁷ Essa observação, por parte dos otakus, de que algumas poucas obras são populares devido à sua qualidade, enquanto outras tornam-se mais populares graças à sua popularidade aparente, foi também testada, observada e descrita por Salganik, Dodds & Watts (2006).

certas frases tornarem-se praticamente incompreensíveis para pessoas que não dominem esse vocabulário específico³⁸.

Além do vocabulário em si, algo bem típico de otakinhos são suas escolhas de apelidos ou nicknames: além de referências a personagens, é muito comum a adição de sufixos de tratamento ou transformação de nomes em “diminutivos niponizados”³⁹ – no próximo capítulo, por exemplo, conheceremos Ba-chan, cujo apelido é um diminutivo de Barbara, seu suposto nome real.

Por fim, otakinhos também são caracterizados por seu suposto comportamento exacerbado, sem freios, até mesmo impulsivo. Enquanto otakus consideram-se fãs, costumam chamar otakinhos de “fanáticos”. Críticas a esse “fanatismo” podem ser vistas novamente na música-epígrafe deste capítulo: ao afirmar que “anime é desenho”, a autora da música afirma aquilo que muitos otakinhos negam (a continuidade, semelhança ou equivalência entre animês e desenhos animados ocidentais); ao exigir que otakinhos “usem seus cosplays” em lugares apropriados – e não “no parque, na escola, no shopping ou na rua” –, ela denuncia esse comportamento demasiado desviante e, aparentemente, sem apreço por regras sociais. É por isso que ela utiliza a expressão, comum na internet brasileira, de “vergonha alheia” – porque otakinhos, ao se comportarem de maneira imponderada, acabariam provocando em otakus esse sentimento (vergonha pelo comportamento alheio).

3.5 OTAKINHOS E SEUS LUGARES

Algo importante, que não foi dito até agora, é que, no geral, “otakinho” é sempre um rótulo dado por um otaku – raramente alguém se autodenomina (ou aceita a rotulação de) otakinho. Isso é justificado, claramente, pelo fato de tal rótulo ser invariavelmente negativo – ninguém, afinal, aceita de bom-grado ter seu bom gosto posto em dúvida. Porém, mais do que um rótulo dado a pessoas específicas (embora isso ocorra), “otakinho” é um rótulo dado a um tipo de pessoa. Isto é, ao denunciar certas obras, comportamentos, opiniões ou gostos como “coisa de

³⁸ Machado (2009: 124-7) afirma que otakus fortalezenses chamam esse vocabulário de “*shamaru*” ou “japonês de animê”, e cataloga mais de 70 expressões constantes em tal vocabulário – lista que reproduzo no Anexo B.

³⁹ Esse fenômeno, conhecido tecnicamente como “formação hipocorística”, é uma das características mais marcantes da língua japonesa (cf. POSER, 1990; ITÔ, 1990; OKAMOTO, 1999).

otakinho”, os otakus os desqualificam sem “ofender” diretamente àqueles que se identificam com tais “coisas”. “Ser otakinho” é, então, mais que um rótulo a ser combatido, uma influência a ser evitada. O que torna interessante, portanto, a impressão de que alguns lugares teriam uma alta concentração de otakinhos: eventos de animê, por exemplo. Por serem vistos como espaços dedicados especialmente a séries de baixo prestígio, a comportamentos irrefreados e (quando sequer presentes) a referências essencializantes e exotizantes ao Japão, os otakus que pesquisei são, no geral, avessos a eventos de animê⁴⁰ - preferindo, por exemplo, eventos mais tradicionais (e “autênticos”) como **matsuris** ou o **Festival do Japão**, ou eventos que correspondam a seus outros interesses (como **campus parties** ou **Comic Cons**).

Não só eventos de animê, contudo, são vistos como *loci* de otakinhos. Igualmente “infestados”, aparentemente, são alguns grupos e páginas do Facebook – vi mencionados, durante campo, praticamente todas as páginas de editoras de mangás brasileiras, e um grupo em particular era referenciado constantemente: o do Portal Genkidama⁴¹.

De fato, o “grupo do Genkidama” era mencionado tantas vezes no Twitter que ele ganhou, dentro da otakusfera, a imagem de “antro dos otakinhos”: dizia-se, por exemplo, que no grupo seria impossível ter uma discussão civil, com bons argumentos; ou que ele seria um lugar tóxico, que pessoas de bom senso evitariam; entre várias outras formas de desqualificação. Essas falas eram normalmente acompanhadas de links ou **prints** do grupo, para demonstrar o tipo de discussão sem sentido ou opinião descabida que fora veiculada lá. Por exemplo, no início de janeiro de 2015, Q. postou um tweet com a seguinte imagem (que modifiquei para garantir o anonimato do sujeito em questão), supostamente retirada do grupo:

⁴⁰ O que é, provavelmente, a principal diferença deles em relação aos otakus tradicionalmente descritos na literatura (p. ex., SCHÜLER-COSTA, 2012; DIÁZ, 2014; LOURENÇO, 2009; MACHADO, 2009; entre inúmeros outros). De fato, o leitor atento pode ter percebido que os otakus, como tradicionalmente caracterizados na literatura, são quase exatamente aqueles que meus nativos chamam de otakinhos.

⁴¹ <https://www.facebook.com/groups/portalgenskapidama/>

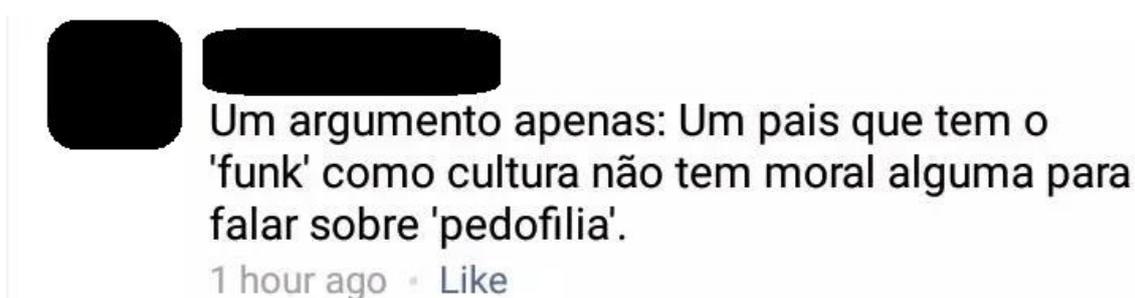


Figura 4 – Fala de um membro do grupo do Portal Genkidama

Esse tweet foi imediatamente **retweetado**, e o autor de tal “argumento” altamente criticado. Mas o mais relevante é que esse post foi visto como sendo típico do grupo do Genkidama, e esse tweet, mais do que uma denúncia, foi uma exibição do tipo de coisa que lá era dita. De fato, com tantas críticas ao conteúdo do grupo (acusações de que seus membros seriam machistas, misóginos e homofóbicos eram correntes), e tantos prints de tal conteúdo, a impressão era que o grupo era tratado, pelos membros da otakusfera, como uma espécie de “zoológico de otakinhos” – um local onde eles se concentravam, interagiam entre si e, principalmente, otakus poderiam passar para observá-los e se divertir às suas custas.

Isso tudo, porém, não saía despercebido ao grupo. Algumas vezes, durante o período da pesquisa, membros do grupo comentavam lá que eles estavam sendo alvo de zombaria da otakusfera – o que, por sua vez, só dava mais fôlego à zombaria. Com o tempo, tais polêmicas foram tomando tanto espaço que a **moderação** do grupo passou a deixar as regras mais rígidas, e conteúdo ofensivo passou a ser removido do grupo – de forma que os prints no Twitter passaram a ser menos comuns (embora não tenham se extinguido). Ainda assim, o grupo do Genkidama continuou a ser visto, dentro da otakusfera, como um lugar insalubre, exemplar de tudo de pior representado por otakinhos – e, portanto, de tudo que deveria ser evitado.

3.6 O ESPECTRO OTAKINHO

Até o momento, neste capítulo, vimos o que a figura do otakinho representa dentro da otakusfera, como o mau gosto, a imaturidade e a falta de bom senso. Vimos também que, de certa forma, o “ser otakinho” é visto como uma etapa natural – ainda que, em retrospecto, desagradável – do processo de tornar-se um otaku “de verdade”. Quase todos os otakus podem se lembrar, de uma forma ou outra, de seus tempos de otakinho – e essas lembranças são normalmente acompanhadas do

embaraço típico de lembranças vergonhosas de seu passado. Não por acaso, de fato, mencionei a proximidade simbólica entre o período de otakinho e o de adolescência – já que o interstício entre ambos é considerável. E, também não por acaso, a “vergonha alheia” sentida por otakus em relação a otakinhos é tão aguda: eles são uma lembrança vívida de um passado embaraçoso.

Ainda assim, os otakus nunca abandonam definitivamente seus tempos de otakinho: eles continuam, por exemplo, a assistir àqueles animês ruins de que gostavam antigamente – ainda que hoje em dia os critiquem sem piedade; eles continuam defendendo, comentando e apreciando obras de formas (às vezes) emotivas e “irracionais” – lembremos que Carlírio, no capítulo anterior, mencionou algumas outras pessoas que “surtavam” em suas críticas; otakus ainda têm domínio completo (ou quase) do vocabulário específico utilizado por otakinhos – continuam tendo, portanto, sua *competência comunicativa na comunidade de fala* (HYMES, 1972) dos otakinhos⁴²; muitas vezes, inclusive, otakus fazem coisas que eles sabem que são malvistas pela otakusfera – utilizar camisetas com estampas de animês, por exemplo – e “justificam” seu comportamento afirmando, publicamente, que “hoje eu estou otakinho”. Agir como otakinho, aparentemente, é um hábito difícil de ser abandonado.

⁴² “A *competência comunicativa* oferece, portanto, o ponto de interação entre a linguagem e a vida social, estando diretamente relacionada com o conceito de *competência cultural*, ou seja, com tudo que envolve o conjunto total de conhecimentos e habilidades que os falantes trazem para uma determinada situação comunicativa. A *competência comunicativa* se refere, finalmente, aos conhecimentos e práticas para uso e interpretação contextual da fala, compartilhados por uma “comunidade”. Uma *comunidade de fala* é definida, então, pela *competência comunicativa* esperada de seus membros, ou seja, pelo compartilhamento de códigos e regras específicos para conduzir e interpretar a fala.” (MÁXIMO, 2003: 9-10)

4 QUEM CRITICA OS CRÍTICOS?

“**Kisu** no ombro para o **poser** passar longe
Kisu no ombro só para os **haters** de plantão
Kisu no ombro pra quem fecha com o fandom
Kisu no ombro, é **kokoro**, não coração!”

(Jozuera, 2014)

4.1 A PANELINHA

Uma coisa que presenciei inúmeras vezes durante o trabalho de campo, e algumas vezes durante as entrevistas, foram as acusações de que a blogosfera seja, na verdade, uma “grande panelinha”, da qual um número bem reduzido de pessoas participaria, e que essas pessoas evitariam um contato (ou uma contaminação) por parte de pessoas externas a esse grupo já estabelecido.

A utilização do termo “estabelecido”, neste caso, não é ingênua de minha parte. As acusações, em sua maior parte, insinuavam a existência de um establishment dos blogs reconhecidos e mais acessados, que não só monopolizariam os acessos do público – e, conseqüentemente, a capacidade de “formar opinião” – como também se utilizariam de estratégias para manter entre eles mesmos essa influência sobre o público otaku. Mais do que isso, as acusações também afirmavam que o conteúdo produzido pela blogosfera não seria qualitativamente superior àquele de seus concorrentes (seja lá quais fossem – presumivelmente, os “blogs pequenos” que dela não faziam parte), e que blogs novos que passassem a fazer sucesso só conseguiam esse feito por terem, de alguma forma, algum contato dentro dessa panelinha (ou seja, terem sido efetivamente incorporados a ela antes de sequer serem criados).

Tais acusações, portanto, formavam uma narrativa parecida com a da comunidade de Winston Parva, analisada por Elias e Scotson (2000) – em que dois bairros de indivíduos (e, principalmente, famílias) *estabelecidos*, por terem uma rede de contatos e associações providas de certa antiguidade, discriminavam cotidianamente os moradores de um terceiro bairro (cujo principal marcador que os distinguia era o de recém-chegados), segregando-os espacial e politicamente ao status de *outsiders*.

Ao acusar, portanto, a blogosfera de discriminar blogs e bloggers que não pertencessem a ela – ou, na verdade, de favorecer blogs e bloggers que pertencessem a ela – essas falas tomavam um tom de *denúncia pública* (Boltanski, Darré & Schiltz, 1984), feita (supostamente) para o bem do público geral, que estaria sendo privado do acesso a blogs igualmente relevantes e com conteúdo de qualidade comparável à dos blogs da blogosfera.

Neste ponto, tais acusações adquirem o caráter daquilo que Boltanski e Thevenot (2006) chamam de “*critique*”: situações em que a denúncia põe em jogo, e se propõe a desvelar, a existência de privilégios e vantagens que tornam a situação em

questão fundamentalmente injusta⁴³ - e adquire, portanto, o caráter de busca pelo “bem comum”. Mas, mais do que isso, uma parte importante da crítica é que a denúncia pede – mas não exige – alguma forma de resposta. Existe, na acusação, a expectativa de que o acusado vá, de alguma forma, reconhecer a existência da acusação e defender-se dela (direta ou indiretamente). A acusação, é portanto, também um desafio – e aceitar um desafio (ou seja, responder à acusação) é, ao mesmo tempo, reconhecer sua existência e sua relevância⁴⁴.

Justamente por isso me causou surpresa que alguns de meus informantes fizessem questão de frisar, durante as entrevistas, que “não tem nada disso de panelinha”. Não porque eu não soubesse da existência de tais acusações, ou as julgasse indevidas, mas sim porque esse foi um tema que eu, por questões de tato, busquei não abordar nas entrevistas – inclusive por entender que o silêncio tácito sobre essas acusações significasse um não-reconhecimento delas como uma questão em disputa. Então, quando o assunto surgia na entrevista, por iniciativa do informante, com a intenção explícita de esclarecer para o pesquisador (e minha posição como pesquisador, neste caso, é de extrema importância) que não havia panelinha nenhuma, não havia como não levar isso a sério.

Não que minha intenção, aqui, seja a de estabelecer a existência ou não de panelinhas dentro da blogosfera – ou de acreditar ingenuamente no que afirmam tanto acusadores quanto acusados. Eu quero, aqui, é chamar atenção para o fato de que uma acusação é feita tão regularmente nesse universo que, na presença de um elemento externo, surge a necessidade de informar-me que eu não devo dar atenção ao que “dizem por aí” – a necessidade, portanto, de justificar-se.

O conteúdo de tais justificativas, portanto, torna-se também interessante: não somente elas têm a intenção de, frente a mim (o pesquisador, que escreverá uma dissertação baseado naquilo que ouve e observa), desqualificar tais acusações, mas também pretendem esclarecer o que “realmente existe” – um (ou mais) grupo(s) de amigos, que escreveram posts em parceria, que têm blogs em conjunto ou que

⁴³ “[T]he worthy do not deserve the place they occupy because they have benefited from a privilege and have not actually carried out the sacrifice that they are invoking to justify their rank” (BOLTANSKI & THEVENOT, *op. cit.*, p. 223). É importante notar que “worthy”, normalmente traduzido como “digno” ou “merecedor”, aqui quer dizer “possuidor de ‘worth’ (‘valor’)”.

⁴⁴ Bourdieu, ao analisar os desafios e ofensas à honra na sociedade Kabila, nos diz que, em casos que o ofendido não reconhece o ofensor como digno, “[a] sabedoria o aconselha a abster-se de qualquer resposta e de dar o que chamaríamos de ‘ar de desprezo’. Como se diz, ele deve ‘deixá-lo latir até cansar’ e ‘recusar-se a competir com ele’. A ausência de resposta não podendo ser imputada à covardia ou fraqueza, a desonra recai sobre o ofensor presunçoso.” (BOURDIEU, 2002, p. 65)

participam do mesmo portal. Só por causa disso, perguntam, existe uma panelinha? Mas esses grupos de amigos são altamente inclusivos – Fulano e Ciclano, por exemplo, não faziam parte anteriormente, e agora fazem – e, de qualquer forma, em muitos casos as pessoas vieram a ficar amigas depois de virarem bloggers de destaque. Seria injusto, portanto, afirmar que elas só interagem com seus amigos – quando, na verdade, elas criam amizades com aqueles com quem interagem.

A justificativa, embora (nesse caso) seja tão válida quanto a denúncia, torna-se efetivamente um instrumento de requalificação dos termos utilizados: o que é posto como um “escândalo” pela acusação torna-se “teoria da conspiração” para a defesa⁴⁵.

Mas, como eu disse, esse caso foi provavelmente uma anomalia causada pela minha presença no campo: normalmente tais acusações – feitas obviamente por indivíduos de fora da “panelinha” – caem em sacos rotos. Afinal, tal qual entre os kabila, em casos “no qual o ofensor é inferior ao ofendido[, e]ste pode responder, transgredindo (...) [o] princípio da igualdade na honra; mas se abusa de sua vantagem, expõe-se a recolher para si a desonra que normalmente recairia sobre o ofensor desconsiderado e inconsciente” (2002, p. 65). Na blogosfera, a melhor maneira de lidar com tais acusações é ignorar a sua existência.

4.2 A METACRÍTICA INSTITUCIONALIZADA

A principal exceção a essa regra, talvez, são os casos em que as acusações são feitas não por indivíduos sem nome ou destaque – que, afinal, são a principal fonte de acusações do tipo, e o que torna possível falar “dizem por aí” –, mas sim por pessoas⁴⁶ que, de forma ou outra, têm alguma visibilidade e prestígio e, portanto, ocupam um local de fala que os permite fazer tais tipos de acusações públicas – e, mais que isso, dá a eles um público que não somente compartilha de suas opiniões acusatórias, mas também que, quando a acusação se volta contra ele, defende-se se necessário. Durante o período que acompanhei esse grupo, o principal exemplo de alguém assim – que tinha, digamos, um púlpito do qual podia fazer acusações e

⁴⁵ Afinal, nos diz Boltanski, “el escándalo es siempre la conspiración, es decir, la alianza secreta en aras de un interés particular allí donde sólo debería existir el acuerdo de todos en pro del bien común.” (1990, p. 31).

⁴⁶ A distinção feita aqui entre *indivíduo* como um ente anônimo (ou anonimizado pela sua presença meio a uma multidão) e *pessoa* como alguém inserido em uma rede de relações também não é inocente, e deve muito à discussão feita por DaMatta (1997: 187-259).

críticas que eram, de fato, ouvidas (e, ocasionalmente, rebatidas) – foi o blog Mais de Oito Mil – especialmente a persona de sua dona, Mara.

Mara, cujo sobrenome nunca foi revelado (mas às vezes era chamada, espuriamente, de “Mara Mariachi” ou “Maracutaia” pelos leitores), foi um personagem desenvolvido pelo redator Fabio Garcia que, depois de alguns anos escrevendo em sites e revistas sobre anime e mangá, resolveu juntar duas coisas que ele gostava: “sites que zoam notícias de celebridades, como o ‘Te Dou um Dado’ ou o ‘Morri de Sunga Branca’”, e esse universo do qual ele fazia parte. Por sentir também um pouco de incômodo em relação à blogosfera, ele criou o Mais de Oito Mil (doravante MdOM) com a seguinte intenção:

Fabio: “E eu também senti que a, no caso, toda a imprensa de notícias [de anime e mangá], essas coisas, levava as coisas muito a sério e, e o mercado não é tão... a sério assim, o mercado tem bastante falhas e as pessoas não costumavam apontar isso.

Tem muito aquele negócio de, ‘ah eu vou comprar tal coisa pra ajudar a editora’, em vez das pessoas comprarem porque elas realmente gostam do produto. Então aí eu, eu tentei, eu, no começo o Mais de Oito Mil era mais pra zoar as notícias dos sites que faziam [notícias]”

[Entrevista com Fabio Garcia, do blog Mais de Oito Mil – 20 de julho de 2014]

Ao criticar a escrita e o posicionamento dos outros blogs, “Mara” acabou adquirindo uma quantidade significativa de leitores – que, não raramente, eram também as pessoas sobre as quais “ela”⁴⁷ escrevia. E essa posição – talvez única até então – permitiu que o MdOM adquirisse uma relevância inédita dentro da blogosfera: suas críticas (e, ocasionalmente, suas acusações) eram ouvidas, e repercutiam dentro desse universo, e as pessoas sentiam-se compelidas a, de uma forma ou outra, reagir a isso – seja pela defesa pura e simples ou, ocasionalmente, a admissão de erro e o seu eventual conserto.

Essa, poder-se-ia dizer, seria uma das principais contribuições de Fabio à blogosfera: ao criar um ambiente em que esse tipo de crítica não só era possível, mas bem-vinda – algo raro no meio (“eu vejo a blogosfera como uma grande panela

⁴⁷ Apesar de Fabio ser um homem, e ter permitido que eu o identificasse por seu nome verdadeiro, me referirei a suas duas personas no MdOM (Mara e “Ba-chan”, da qual falarei mais em frente) utilizando o gênero feminino.

em que as pessoas se elogiam como forma pra crescer e não vê muito espaço pra criticar”⁴⁸) –, é bem possível que ele tenha, de fato, contribuído para a melhora da qualidade geral do conteúdo publicado na blogosfera ⁴⁹ – inclusive, de certa forma, o seu próprio conteúdo. Como ele conta:

Fabio: “Você nunca vê alguém falando, ‘nossa, seu texto não foi tão legal assim’. E sem essa crítica você não consegue melhorar o serviço ou ampliar o público do seu site. Então de certa forma eu acabava fazendo isso, não que eu seja a pessoa perfeita, ou que faça textos perfeitos, até porque tô muito longe disso, mas eu apontava defeitos.

Inclusive teve vezes que eu usei o Mais de Oito Mil pra apontar erros que eu como Fabio tinha escrito em outros sites ou o que a própria Mara tinha escrito. Tinha uma vez que (...) Tinha saído uma nota sobre o *Vagabond* no Anime News Network que era (...) ‘parece que o mangá ia retornar’. Só que eu, sabe, na pressa, acabei lendo aquilo como o mangá ia acabar, ao invés de retornar, e fiz uma matéria lá e não sei que.

Aí os leitores começaram a comentar, avisando nos comentários, ‘Mara, você... tá meio errada, a matéria falava que era o oposto do que você tava falando’. E aí no dia seguinte fiz uma matéria zoando o Mais de Oito Mil por ter traduzido o negócio às pressas.”

[Entrevista com Fabio Garcia, do blog Mais de Oito Mil – 20 de julho de 2014]

A falta dessa autocrítica – que Fabio tentava fazer e que, ocasionalmente, era feita também por outros blogs – era, talvez, o principal defeito que ele denunciava na blogosfera. A blogosfera, Mara afirmava, se levava a sério demais. E, se em alguns momentos seus membros se consideravam uma autêntica “imprensa especializada” em animes e mangás – não somente com a publicação de notícias, mas com toda a forma de análises, resenhas e críticas publicadas –, Mara se apressava em denunciá-los como sendo, na verdade, uma “imprensa especializada (pff)”.

Esse “pff” é altamente relevante, e merece uma breve análise. Trata-se de uma rendição escrita de uma interjeição de escárnio e ironia (convido o leitor a tentar

⁴⁸ Devo aqui falar que, obviamente, Fabio foi, dos meus entrevistados, o único que denunciou a existência dessa panelinha.

⁴⁹ Minha percepção, como leitor e pesquisador, é que a qualidade do conteúdo publicado pela blogosfera aumentou significativamente após o MdOM, mas não saberia dizer se foi uma influência direta do site, um efeito do amadurecimento da comunidade, ou ambos.

pronunciar “pff” e reconhecer o que esse som usualmente representa na língua falada). Ao inseri-lo ao final da expressão “imprensa especializada”, Fabio buscava deslegitimar as pretensões de membros da blogosfera de serem levados a sério – não porque, me parece, ele entenda que a empreitada em si é ilegítima, mas sim porque a qualidade de sua produção estava, no geral, aquém de suas pretensões:

Fabio: “[T]odos eles fazem coisas muito parecidas, como a análise de uma forma muito engessada.

Sabe, eu vim da faculdade de Letras, eu tô acostumado a ver crítica literária em todos os cantos, e (...) não dá pra levar tão a sério a crítica, e as pessoas falam com muita pompa sobre assuntos que elas não dominam, que elas não sabem.

Poucas pessoas da ‘imprensa especializada’ de anime e mangá conseguem fazer alguma coisa realmente consistente, uma coisa muito bacana, o resto apenas dá impressões sobre episódios e eu acho isso muito limitado.”

[Entrevista com Fabio Garcia, do blog Mais de Oito Mil – 20 de julho de 2014]

Essa crítica, feita por Fabio (através de Mara), encontrou, como já dito, uma quantidade significativa de leitores que concordavam com ela. Mas, mais do que somente concordar com aquilo que era escrito por Mara, o MdOM acabou tornando-se uma espécie de fórum em que os próprios leitores posicionavam-se para criticar as coisas escritas na “imprensa especializada (pff)” – críticas das quais, como vimos acima, a própria Mara não saía ileso.

Tal função, de “metacrítica institucionalizada”, acabou se tornando tão forte que, muitas vezes, os posts do MdOM surgiam de fatos trazidos à atenção de Mara pelos leitores: eles viam erros, incongruências ou quaisquer outras formas de problema em sites e blogs alheios, e comunicavam a Mara – que, dependendo, publicava a denúncia dos leitores na íntegra⁵⁰ ou elaborava seu próprio texto criticando aquilo trazido à tona pelo leitor.

⁵⁰ E, neste ponto, o MdOM realmente se aproximava da seção de cartas do *Le Monde* analisada por Boltanski (2000).

4.3 A PARÓDIA COMO CRÍTICA

Com o passar do tempo, contudo, Fabio começou a ver que existia espaço dentro do MdOM justamente para fazer aquilo que ele criticava em outros blogs: análises de mangás e animes – ainda que à sua forma.

Seu primeiro “post mais importante”, como ele define, foi uma crítica à tradução brasileira do mangá Fairy Tail, que continha várias piadas e gírias desconhecidas, o que acabou incomodando o público, por achar que houve uma dissonância com o conteúdo do mangá. O fato dessa tradução ter sido, alegadamente, feita do inglês para o português e creditada a um famoso dublador profissional (em contraste com uma tradução profissional do original japonês, portanto), aumentou ainda mais a animosidade dos leitores.

Graças a isso, esse post crítico foi um sucesso de público, sendo altamente comentado e compartilhado, chegando ao ponto de alcançar o dublador/tradutor em questão, que criticou o MdOM em seu Twitter pessoal – material que Fabio utilizou para fazer mais posts críticos à posição do dublador e da editora que publicou tal mangá. E, a partir desse momento, Fabio viu que havia espaço em seu blog para, além de criticar o trabalho de outros blogs, também criticar o conteúdo produzido pela indústria – com o diferencial, em sua opinião, de fazê-lo de uma perspectiva realmente crítica: “isso é uma coisa que falta bastante, um lado um pouco mais crítico de apontar os erros”, já que Mara criticava em vários de seus posts que a “imprensa especializada (pff)” vivia “botando panos quentes” em suas análises do mercado brasileiro.

Ao fazer, portanto, seus posts de análise de animes e mangás – e, principalmente, de programas televisivos brasileiros que, de alguma forma, retratavam o Japão ou produtos japoneses – Mara também criticava a forma que a “imprensa especializada (pff)” tinha de construir seus próprios posts: ou pela crítica direta a certos modelos de post seguidos pela blogosfera, ou pela aplicação de tais modelos e tropos de forma irônica. Um exemplo disso é o fato de ela criticar regularmente o modelo de “primeiras impressões” e posteriormente publicar no MdOM uma série de posts de primeiras impressões de obras tradicionalmente consideradas clássicas no universo otaku, como Dragon Ball, Hunter X Hunter e Sailor Moon – e, ao apontar uma série de defeitos em tais obras, pondo em cheque, ao mesmo tempo, a qualidade intrínseca das obras e a “tradição” de se analisar uma obra por seus primeiros capítulos/episódios.

Esse espírito de paródia, embora presente no MdOM desde relativamente cedo – o blog teve início em dezembro de 2009, e o post sobre Fairy Tail foi em outubro de 2010 – teve seu ápice a partir de janeiro de 2012, quando começou a ser publicada no MdOM a “Coluna da Ba-chan”. Supostamente escrita pela prima adolescente de Mara, Ba-chan (um diminutivo niponizado de Barbara, seu suposto nome real), essa coluna representava o exato contraponto à persona de Mara: enquanto esta era vista pelos leitores como uma pessoa mais velha, cínica, calejada e rancorosa, Ba-chan seria o típico exemplo de uma otakinha: jovem, deslumbrada, acrítica, e, nas palavras de Fabio, “aquela otaka⁵¹ fervorosa, aquela bem acéfala” – ao ponto, por exemplo, de seus posts serem repletos de erros gramaticais e factuais (não por acaso, pontos usualmente criticados por Mara em suas análises de outros blogs).

Os posts de Ba-chan, portanto, eram uma crítica a um novo público. O MdOM deixara de mirar suas críticas somente na “imprensa especializada (pff)”, e passara a criticar também aquele que era visto como o público-alvo de boa parte de sua produção. Porém, a paródia da Ba-chan não parava aí. Ao fazer essa persona tomar certas posições (como análises favoráveis do mercado brasileiro de mangás e animes), Fabio tentava mostrar que certos pontos eram, em sua opinião, indefensáveis: “ela falava as coisas, ela defendia certos pontos de vista e a minha ideia era mostrar ‘não, defender isso é que é a besteira’”. Dessa forma, esses posts serviam também para reafirmar as opiniões defendidas por Mara, só que por outra via.

Mas mais do que isso: os posts de Ba-chan serviam igualmente como comentário sobre assuntos que a própria Mara não chegava a discorrer. O maior exemplo, talvez, seja o “post da BBC”.

Em outubro de 2012, a BBC publicou uma reportagem – que foi também publicada no Portal G1 – com o título “Conheça os otaku, os japoneses que preferem namoradas virtuais a sexo”⁵². Obviamente, essa reportagem deixou toda a otakusfera em polvorosa, e muitas críticas e comentários foram feitos no Twitter, no Facebook e em vários outros sites (diga-se de passagem, justificadamente, já que a

⁵¹ A generificação do termo “otaku” é um fenômeno extremamente curioso dentro da otakusfera. Várias pessoas utilizam o termo “otaka”; outras preferem “otome” (que, em tradução livre, quer dizer “donzela”), mas isso é normalmente visto como “coisa de otakinho”; outras pessoas ainda utilizam “fujoshi”, embora isso seja mais raro. No geral, contudo, é socialmente estabelecido que o certo é usar “otaku” como termo unissex, e desvio dessa norma pode ser considerado um *faux pas*.

⁵² Publicada originalmente em inglês sob o título “The Japanese men who prefer virtual girlfriends to sex”.

reportagem realmente falhava em vários aspectos jornalísticos – eu e Kauê brincamos, na época, sobre mandarmos nossos currículos para a BBC, que claramente estava precisando de pesquisadores capacitados junto a seu pessoal). E, talvez mais importante, essa notícia extrapolou significativamente a otakusfera, por ser veiculada em dois dos maiores portais de notícias de língua portuguesa, então a quantidade de pessoas que a comentaram (nem que somente pela manchete) foi considerável.

Percebendo isso, Fabio rapidamente fez um post, sob a persona de Ba-chan, comentando essa reportagem e fazendo uma “Carta Aberta de uma otaka contra o portal G1”⁵³.

Nessa carta, Ba-chan colava alguns trechos da reportagem da BBC – ou, como ela fala, do “senhor jornalista bbc (nem tem coragem de usar o nome fica usando nickname)” que fora “publicada no g1, q eh da globo e a gente sabe q a globo mente” – e retrucava com contra-argumentos absurdos e ridículos, afirmando por exemplo que “a grande nacao jkaponesa nao parou de crescer desde q ganhou a segunda guerra”. E esse post, tal qual a reportagem, ultrapassou as barreiras da otakusfera, sendo veiculado em pelo menos dois sites significativos: o portal youpix (um site dedicado, entre outros assuntos, a discutir cultura de Internet e falar sobre os *trends* e novidades que ocorrem na Internet brasileira) e a comunidade do Facebook Lektronik, também conhecida como “orkutão dos Lelek” (uma comunidade dedicada, principalmente, à “**zuera**”).

Essa veiculação extra-otakusfera trouxe um afluxo de leitores que não conheciam o blog, não estavam cientes de ser um post de paródia e, portanto, teciam comentários maldosos e até ofensivos sobre Ba-chan, seus argumentos e, principalmente, sua escrita.

Nesse ponto é importante ressaltar que, como visto nos trechos acima, a escrita de Ba-chan destoava significativamente da gramática oficial da língua portuguesa – sendo uma mistura de *netspeak* (Crystal, 2006) e *textspeak* (Crystal, 2008) vista como bem característica de uma parcela mais jovem dos usuários de Internet brasileiros, acrescida das expressões japonesas características dos otakinhos. Esse “dialetto” específico era utilizado por Fabio justamente para exemplificar aquilo que a blogosfera mais detestava: pessoas que, além de terem um “mau gosto” e não

⁵³ Que pode ser vista em <https://maisdeoitomil.wordpress.com/2013/10/24/carta-aberta-de-uma-otaka-contra-o-portal-g1/>

conseguirem veicular concisa e claramente suas opiniões, ainda por cima nem sequer utilizam o “português correto”⁵⁴. Nesse post, portanto, houve um choque entre o mais marcado estereótipo de uma otakinha existente na blogosfera, e pessoas “de fora” que conheciam e também desprezavam esse tipo – mas não sabiam que se tratava de uma persona fictícia.

Essa leva de pessoas que não pertenciam a esse universo, por sua vez, teve dois tipos de reação dentro da otakusfera: algumas pessoas se exasperavam com a quantidade de comentários de pessoas que não haviam entendido se tratar de um post de paródia em um blog humorístico; outras, por sua vez, achavam graça e riam da situação, especialmente dos comentários que recomendavam a Ba-chan que fizesse “aulas de interpretação de texto” ou coisas do gênero – ato cuja ironia não escapou aos leitores frequentes do MdOM.

4.4 O MDOM COMO PIADA INTERNA

Esse caso da carta aberta tornou-se interessante porque, além da visibilidade que o blog ganhou, vários comentaristas do MdOM sentiram-se realmente como tendo seu espaço invadido por pessoas que não pertenciam à comunidade. Isso porque uma das mais importantes facetas do MdOM era justamente a sua área de comentários, inclusive para o próprio Fabio:

“a parte mais legal de blogar com certeza é ver os comentários, porque, sei lá, eu não me divertia escrevendo, sabe, eu não via as coisas e dava risada porque fui eu que fiz, mas eu me divertia com os comentários, eu achava que as piadas dos leitores nos comentários era muito melhor do que as que eu fazia nas matérias”

[Entrevista com Fabio Garcia, do blog Mais de Oito Mil – 20 de julho de 2014]

Mas além desse espaço de continuação do humor dos posts, os comentários do MdOM eram particularmente interessantes porque eles eram altamente frequentados pelos outros membros da blogosfera: não só o blogger comentado no post, quando era o caso, mas também outros bloggers apareciam, comentavam, trocavam farpas, e discutiam, abertamente e em público, na zona de comentários do

⁵⁴ Sobre a importância dedicada à escrita correta em algumas comunidades online, cf. Jenkins (2006b: 169-205).

blog. Isso, é claro, se intensificava de acordo com o conteúdo do post: Mara publicou alguns posts, por exemplo, de leitores tirando dúvidas amorosas de forma anônima – e, em pelo menos um caso, um leitor declarou ter uma queda por uma blogger, e mencionou várias características dela, mas sem nunca especificar quem ela era. A blogosfera ficou, portanto, em polvorosa nos comentários tentando descobrir quem era essa garota de acordo com as “pistas” dadas – e alguns leitores que não acompanhavam a claqué da blogosfera ficaram surpresos com o interesse gerado pelo post.

O MdOM, portanto – e especialmente sua área de comentários – tinha uma função quase catártica, provendo um foro em que intrigas, fofocas, implicâncias e brincadeiras internas à blogosfera, que provavelmente ficariam restritas a conversas privadas, eram expostas publicamente pelos seus membros – liberdade essa que, provavelmente, eles não sentiam ter nem mesmo em seus Twitters pessoais, já que uma das principais características dessa rede é a de catalisar exponencialmente situações absolutamente mundanas⁵⁵.

O MdOM, ao prover (ainda que inadvertidamente) uma zona franca em que as pessoas se sentiam mais livres para fazer comentários que talvez não fizessem por outros meios, e junto de suas próprias postagens mais críticas (que muitas vezes eram compartilhadas por membros da blogosfera como uma forma de endossar aquilo que Mara havia dito, mas sem se comprometer pessoalmente) adquiriu um papel praticamente terapêutico na blogosfera.

Ainda assim, é importante falar que essa “terapia” não era apreciada de forma unânime pelos bloggers (nem mesmo pela otakusfera como um todo). Mais de um entrevistado me falou que “o pessoal do Genkidama realmente não gosta muito” do MdOM (talvez pelo fato de Mara ter se mostrado, por várias vezes, altamente crítica à iniciativa – que ela denunciava como sendo a máxima institucionalização da panelinha) e, mais de seis meses depois do encerramento do blog⁵⁶, quando Fabio revelou ser ele a pessoa por trás do MdOM, não faltaram críticas a ele e sua postura no blog – tanto na área de comentários quanto fora dela. Mas, curiosamente, surgiram também várias pessoas defendendo Fabio/Mara, e uma situação que marcou muito a otakusfera (e que surgiu algumas vezes nas entrevistas) foi a de um

⁵⁵ SCHÜLER-COSTA, n.d.

⁵⁶ No momento da escrita o blog voltou à atividade, mas esteve em hiato durante todo o período da pesquisa: o blog foi “encerrado” em 05 de janeiro de 2014 e voltou em 06 de abril de 2015, com três posts especiais no interím.

autor (membro da blogosfera) que, no dia da “revelação” de Fabio, fez um post em seu Facebook pessoal criticando ferrenhamente “pessoas covardes que escreviam sob pseudônimos” e que, “agora que tiveram seu nome verdadeiro revelado, fecham o blog”. E muitas pessoas, inclusive membros da blogosfera, comentaram, tanto no Facebook quanto no Twitter, em defesa de Fabio, de “Mara”, e do MdOM – que, afinal, foi “encerrado” antes de Fabio se revelar (voluntariamente). Na visão dele,

“o fato de eu ter falado, ‘oi, eu sou a Mara’, quer dizer que eu estou assinando tudo que eu falei até agora. Todos os quatro anos de blog eu tô falando ‘olha, fui eu que fiz, beleza. Se alguém tiver alguma crítica venha falar comigo agora, ao invés de falar com ela”.

[Entrevista com Fabio Garcia, do blog Mais de Oito Mil – 20 de julho de 2014]

4.5 A METACRÍTICA EXTRA-MDOM

O encerramento do MdOM, que todos acreditavam ser realmente definitivo, acabou deixando um vácuo na blogosfera que nunca foi realmente preenchido. Mas, mesmo antes do fim do blog, algumas pessoas falavam que Mara estava dócil demais, e já não implicava com os bloggers como fazia antes.

Isso acabou levando ao surgimento, ainda no final de 2012, do perfil e blog “Otaku Jabor”. Com o nome surgido de uma piada no Twitter (em uma referência ao comentarista Arnaldo Jabor), o Otaku Jabor foi uma tentativa de analisar de forma mais ácida postagens da blogosfera – especialmente dos blogs de maior renome. Porém, embora tenha sido do agrado de algumas pessoas, o blog foi fechado com menos de um mês de existência, em meio a uma grande polêmica envolvendo sua crítica a um blog famoso – polêmica essa que não relatarei por ter somente informações parciais sobre ela.

Uma das principais características do fenômeno “Otaku Jabor” foi que houve todo um mistério espalhado pela otakusfera sobre quem seria a pessoa por trás do perfil. Diferente de Mara, que boa parte acreditava (com razão) não ser alguém interno à blogosfera, quase todos falavam que esse novo perfil deveria ser alguém do próprio grupo, e outra polêmica surgiu ao redor disso – de ofensas pessoais e indiretas sendo feitas aos montes, em meio a acusações, contra-acusações e, curiosamente,

de várias pessoas afirmarem ser o Otaku Jabor, o que só confundia ainda mais o caso.

De qualquer forma, a ideia de um perfil dedicado a críticas aos blogs e bloggers de anime continuou presente na otakusfera: meses depois do fechamento, ainda citavam o Otaku Jabor quando ocorria uma **treta** no Twitter. Outros perfis parecidos, mas com ainda menos relevância – como o “Passarinho Otaku”, surgido em meados de 2013, que se dedicava a criticar os tweets de membros da otakusfera – também foram surgindo com o passar do tempo.

Outros perfis fakes, esses com mais sucesso, também foram surgir nos anos de 2013 e 2014 – como o (já citado anteriormente) “Animu Nius Network” ou o “Mango News BR”. Ambos misturavam o modelo “**sites de notícias fake**” com alfinetadas a empresas do mercado de mangás e animes brasileiro, aos sites de notícia do ramo, e, muitas vezes, ao próprio público consumidor de tais produtos – que, de fato, era justamente o público leitor desses perfis⁵⁷.

Com esses perfis, e juntamente ao MdOM até seu fechamento, a otakusfera viu assim preenchida a sua “necessidade” de uma “crítica à crítica”. Durante o período de fechamento do MdOM, eventuais críticas à blogosfera eram feitas de forma difusa, seja via Twitter ou via Facebook.

⁵⁷ Além, é claro, de parodiar, respectivamente, o Anime News Network e o Manga News Japon, os principais sites de notícias da blogosfera.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“After all, each story is a Rorschach Test, isn’t it? And if people find beasties and bedbugs in my ink-splotches, I cannot prevent, can I? They will insist on seeing them, anyway, and that is their privilege. Still, I wish people, quasi-intellectuals, did not try so hard to find the man under the old maid’s bed. More often than not, as we know, he simply isn’t there.” (BRADBURY, 1963)

O tema corrente nesta dissertação (e espero que isso tenha ficado claro ao leitor) foi o da *crítica*: pudemos vislumbrar um pouco da crítica artístico-estética de animês e mangás; também vimos como certas maneiras de consumo e comportamento – consideradas de baixo prestígio – são criticadas por aqueles que, graças a seu alto prestígio, possuem a prerrogativa de definir o que é aceitável ou não; por fim, vimos como criou-se também uma metacrítica – uma crítica da crítica – dedicada a, ao menos tentativamente, abalar as fundações dessa legitimidade.

O primeiro nível de crítica tem, usualmente, um aspecto neutro ou positivo: quem está criticando um animê ou mangá está, na maior parte dos casos, falando bem dele (exceto nos posts de impressões). Isso pode ser, em parte, porque os otakus consideram perda de tempo ficar elencando os motivos de uma obra ruim ser ruim – ela é, e ponto final. Ou também pode ser por motivos menos nobres: eu ouvi algumas vezes, durante o campo, acusações de que os anime bloggers fizessem análises “panos quentes” de mangás publicados por editoras brasileiras – já que, aparentemente, o mercado editorial de mangás brasileiro é uma das principais fontes de emprego para anime bloggers. Dos meus nove entrevistados, três passaram, em algum momento ou outro, por editoras brasileiras – e pelo menos outros dois já falaram, jocosamente ou não, em seguir essa carreira⁵⁸.

O segundo nível de crítica, por sua vez, é particularmente negativo. Ao falar de otakinhos, e de qualquer coisa que remeta a eles, otakus são particularmente irônicos, cáusticos, e até mesmo hostis. Críticas negativas a animês e mangás, quando feitas, costumam ser direcionadas a obras vistas como “coisas de otakinho”. É possível que tal aversão seja – como diz a justificativa “oficial” – simples reflexo de um gosto mais refinado e maduro, desenvolvido com o tempo e o consumo de várias obras. Porém, procurei mostrar aqui que tal explicação é insuficiente para explicar o fenômeno: duas obras podem ter uma qualidade equivalente, mas uma pode ser malvista entre os otakus simplesmente por ser considerada “modinha”, enquanto a outra é mais apreciada por seu caráter “cult”.

⁵⁸ Dito isto, contudo, eu pessoalmente não considero que essa seja uma preocupação real na vida de meus pesquisados. Os três que trabalham ou trabalharam no mercado me disseram ter sempre a preocupação de tentar ser o menos enviesado o possível – seja ao fazer críticas particularmente ferrenhas das editoras das quais fazem parte, ou simplesmente se abstendo de fazer quaisquer comentários sobre obras de tais editoras. E, no geral, minha impressão é que casos em que as editoras sofrem críticas da otakusfera são igualmente reverberados pela blogosfera (como reclamações sobre traduções ou revisões malfeitas, impressões ou papel de má qualidade, etc.) – até mesmo porque boa parte dos anime bloggers não parece ter pretensão nenhuma em entrar profissionalmente neste mercado.

Por fim, no terceiro nível temos um caráter abertamente negativo, mas tão carregado de sutilezas, ironias, paródias e irreverências, que muitas das críticas são desconsideradas ou aceitas com (aparente) bom humor. Esse tipo de crítica, de fato, parece ter – ao menos na visão dos próprios otakus – a função social de “manter os outros na linha”. Ao fazer sua metacrítica, esses otakus tentam lembrar os outros otakus – especialmente os anime bloggers – que o otakismo não deve se levar muito a sério. Mara, particularmente, era bastante crítica a esse pedantismo da blogosfera, e sua característica expressão “imprensa especializada (pff)”, é um exemplo disso:

Fabio: “[É] como eu duvidava, sabe, ‘especializada em quê’? Essas pessoas estudaram o que pra serem especializadas? Elas acompanham anime e mangá há quanto tempo pra dizerem que são tão especialistas assim, sabe? As pessoas dão uma importância que não existe.”

[Entrevista com Fabio Garcia, do blog Mais de Oito Mil – 20 de julho de 2014]

5.1 DIVERSÃO CONTROLADA

Não seria de todo errado, de fato, dar a entender que outro tema que perpassa essa dissertação é o da tensão existente, no otakismo, entre seriedade e diversão. O primeiro nível de crítica é, pretensamente, sério: ainda que as críticas estejam abertas a arroubos explosivos, ainda assim considera-se que existam para cumprir uma função social de informar, aos outros otakus, o que é ou não digno de nota. O segundo nível, por sua vez, é uma crítica àqueles – otakinhos – que não se comportam seriamente e, paradoxalmente, “levam o otakismo muito a sério”⁵⁹. O terceiro nível, por fim, enquanto declaradamente humoroso, tem a séria intenção de demonstrar a todos – otakus e otakinhos – que eles “se levam a sério demais”.

Essa tensão entre seriedade e diversão é, talvez, diametralmente oposta à percebida por Henry Jenkins ao se referir ao que chama de *serious fun*: instâncias em que órgãos oficiais, corporações e outras instituições utilizam a linguagem e simbolismos típicos da diversão para veicular suas mensagens sérias (JENKINS, 2006b: 207-8). O que vemos no otakismo parece ser um *taking fun seriously* – a

⁵⁹ É interessante comparar essa expressão com a mesma, utilizada por Guilherme Fians ao descrever brincadeiras infantis: “[levar] a brincadeira *muito a sério* (...) é considerado como sendo o ‘não saber brincar’” (FIANS, 2015: 39, grifo no original). Levar o otakismo – assim como a brincadeira – “muito a sério” não é portar-se seriamente: é demonstrar seu descontrole e se perder na brincadeira – ou no otakismo.

utilização de linguagem e simbolismos típicos de instituições sérias para falar de algo que, no fundo, é diversão. E é, talvez, por isso que a metacrítica seja respeitada pelos otakus: porque, através de sua jocosidade, ela mostra aos otakus sérios que sua seriedade é, afinal, sobre algo que não deve ser levado a sério – desenhos animados e quadrinhos japoneses.

Porém, essa dualidade seriedade-diversão talvez não seja a forma mais correta de entender esse aspecto do otakismo. Afinal, o “levar muito a sério” não é uma acusação somente de quem está “levando na brincadeira” – ela também é proferida por aqueles que se portam seriamente. O que parece realmente estar em jogo, na verdade, é a tensão entre razão e “desrazão”⁶⁰.

Isso porque, se é igualmente possível – e aceito – levar “a sério” ou “na brincadeira”, o que parece ser particularmente evitado é o “envolver-se demais”, o “deixar-se carregar”, o “arrebatar-se”. Otakinhos, de novo, seriam o exemplo perfeito disso: seu comportamento supostamente exacerbado é também um sinal de sua (pretensa) falta de autocontrole; seus gostos, especialmente por obras de baixo prestígio, são socialmente explicados como sendo um fanatismo, muitas vezes motivado por uma conexão emocional que os impede de analisar uma obra “friamente”. A imagem que otakinhos têm na otakusfera, portanto, parece estar inevitavelmente vinculada a noções do que otakus consideram como sendo um comportamento irracional.

Essa valorização da racionalidade, por sua vez, torna-se interessante porque ela vai de encontro à forma como otakus são tradicionalmente representados na literatura. De fato, María Cecilia Díaz mostra, elegantemente, como otakus e fandoms são tradicionalmente vistos:

“Con la expresión ‘trayectoria apasionada’, sugiero que es posible abordar dichas experiencias en su extensión, en las actividades que se ponen en juego y se plasman en historias en las cuales el afecto, el amor y la pasión aparecen como recursos narrativos para expresar los compromisos con unos mundos y unos consumos determinados.

(...)

⁶⁰ Tradução literal de *déraison*, o contraponto à *raison* utilizado por Foucault na versão original de seu *Histoire de la folie à l'âge classique*. Foi traduzido, na edição brasileira (*História da Loucura*), para “desatino”:

“Como evitar o resumir essa experiência numa única palavra, *Desatino*? Aquilo que existe, para a razão, de mais próximo e mais distante, de mais pleno e mais vazio; aquilo que se oferece a ela em estruturas familiares autorizando um conhecimento e, logo, uma ciência que se pretende positiva e que está sempre atrasada em relação a ela, na reserva inacessível do nada.” (FOUCAULT, 1978: 269, grifo no original)

Para uma excelente análise da utilização e tradução (para o inglês) de *déraison*, confira Hacking (2011).

Las prácticas de los fans se enmarcan, entonces, en el dominio del afecto o del ánimo y como resultado las relaciones en esos contextos producen una estructura de 'alianzas afectivas'. Al respecto, me gustaría destacar que aquello que vuelve importante la cultura pop japonesa en la vida de los fans que entrevisté y con quienes estuve en contacto en numerosas ocasiones, es precisamente que esos objetos, esas series y esos personajes importan, son autorizados por los sujetos para hablar por ellos y definirlos como fans "verdaderos" de acuerdo a la organización de sus labores diarias, los esfuerzos realizados para parecerse más a sus personajes preferidos y tener las figuras que representan el amor que sienten por una serie particular. Tales artes de hacer se traducen en la creación de un mundo del arte en torno a esas alianzas afectivas y esos placeres compartidos." (DÍAZ, 2014: 19-20, 24)

O foco na dimensão afetiva do otakismo, assim como a própria escolha da expressão "trajetória apaixonada", é exemplar da forma como otakus são tradicionalmente compreendidos. Mesmo entre os otakus que estudei – que são, como afirmado algumas vezes nesta dissertação, consideravelmente distintos dos otakus tradicionalmente estudados –, a emoção e o afeto não chegam a ser malvistas. De fato, em alguns momentos – como na estreia de um animê bastante antecipado, ou ao ler um mangá particularmente tocante – manter-se impassível ou fleumático é visto como uma atitude, para todos os efeitos, irracional: não haveria razão, afinal, para manter-se emocionalmente distante das obras consumidas – desde que, é claro, se tenha o cuidado de analisar objetivamente tais obras. Afinal, se, como diz Foucault, na "nossa cultura"⁶¹ existiria "o amor racional e o desatinado" (1978: 109), é possível que tenhamos, ao menos entre os otakus, "paixões" racionais e irracionais.

5.2 REDES SOCIAIS E PERSPECTIVAS

O Laboratório de Internet e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo, e especialmente seu professor Fabio Malini, se utiliza bastante do conceito – inspirado na produção de Eduardo Viveiros de Castro – de "perspectivas de rede". Isto é, a noção de que, dentro de qualquer rede, existem virtualmente inúmeros pontos de vista, que se agrupam em comunidades. Porém, ao aproximar-se destas comunidades de pontos de vista, percebe-se que existem, dentro delas, outras "meta-comunidades" – e assim, potencialmente, *ad infinitum* (Lucas, 2014).

Pode-se dizer, portanto, que a comunidade referenciada nesta dissertação – a otakusfera – divide-se em pelo menos três meta-comunidades: a blogosfera (isto é, os blogs que desempenham o papel de críticos, curadores ou noticiadores da

⁶¹ A "cultura ocidental moderna", portanto (DUARTE, 1999: 22).

otakusfera); a *metablogosfera* (isto é, os blogs dedicados a críticas ou comentários da blogosfera); e o público da(s) blogosfera(s). Assim sendo, pretendo deixar claro que este trabalho é, principalmente, sobre as duas primeiras perspectivas. Embora em alguns momentos – especialmente no capítulo 3 – eu tenha me aproximado ligeiramente da perspectiva do público, não seria justo dizer que ela foi devidamente representada.

E, por outro lado, as diversas contraposições que fiz, ao longo do texto, com outras produções acadêmicas sobre otakus mostraram, espero, que essa otakusfera é, ela própria, uma meta-comunidade de um otakismo muito mais abrangente. De fato, se fosse possível elaborar um grafo com todos os otakus existentes – ainda que só no Brasil, ou na América Latina – é bem provável que os 23576 pontos mostrados na figura 2 fossem tão-somente um pequeno borrão. Os menos de 30 pontos de destaque, que representam por volta de uma dúzia de blogs, provavelmente nem poderiam ser vistos – ainda que tenham, conjuntamente, algumas dezenas de milhares de leitores.

Meu ponto final, destarte, é que esta dissertação, embora tenha usado de forma pouco rigorosa o termo “otaku”, não é e nem se pretende uma obra geral sobre todos os otakus, passados, presentes ou futuros. Ela é senão um esboço sobre poucas perspectivas de algumas pessoas que se autodenominam otakus, e escrevem sobre seus gostos na Internet.

REFERÊNCIAS

Adajian, Thomas. *The Definition of Art*. In: Edward N. Zalta (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Winter 2012 edition). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/art-definition/>>

Azuma Hiroki. **Otaku**: Japan's Database Animals: Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

Barral, Étienne. **Otaku**: os filhos do virtual. São Paulo: SENAC, 2000.

Becker, Howard S. *Notes on the concept of commitment*. In: **American Journal of Sociology**, vol. 66, n. 1, 1960.

Bernard, H. Russell. **Research Methods in Anthropology**: Qualitative and Quantitative Approaches. Oxford: Altamira Press, 2006.

Boltanski, Luc; Darré, Yann; Schiltz, Marie-Ange. *La dénonciation*. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**, vol. 51, mar 1984.

_____; Thevenot, Laurent. **On Justification**: Economies of Worth. Princeton: Princeton University Press, 2006.

_____. **El Amor y la Justicia como competencias**. Tres ensayos de sociología de la acción. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2000.

Bourdieu, Pierre. **As Regras da Arte**: Gênese e Estrutura do Campo Literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Senso de Honra*. In: CORRÊA, Mariza (org.). **Textos Didáticos**: ensaios sobre a África do Norte. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002.

_____. **A Distinção**: Crítica Social do Julgamento. São Paulo: EdUSP, 2006.

Bradbury, Ray. *Letter to Bruce McAllister*. In: **Document: the Symbolism Survey**. 1963. Disponível em: <<http://www.theparisreview.org/blog/2011/12/05/document-the-symbolism-survey/>>

Coelho Júnior, Leconte de Lisle. **Cosplayers no Brasil**: O Surgimento de uma nova Identidade Social na Cultura de Massas. 2008. 279f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

Crystal, David. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. **txtng: the gr8 db8**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

Clifford, James. *On ethnographic allegory*. In: _____; Marcus, George (eds.). **Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography**. Berkeley: University of California Press, 1986.

DaMatta, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. São Paulo: Rocco, 1997.

Danto, Arthur. *Three Decades after the End of Art*. In: _____. **After the End of Art: contemporary art and the pale of history**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

Díaz, María Cecilia. **Trayectorias Apasionadas: una etnografía entre fans de la cultura japonesa en Córdoba, Argentina**. 2014. 171 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Duarte, Luiz Fernando Dias. *O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna*. In: Maria Luiza Heilborn (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Dynel, Marta. *No Aggression, Only Teasing: The Pragmatics of Teasing and Banter*. In: **Lodz Papers in Pragmatics**, vol. 4, n. 2, 2008.

Elias, Norbert; Scotson, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Eng, Lawrence. **Otak-who? Technoculture, youth, consumption, and resistance. American representations of a Japanese youth subculture**. New York: 2002. Disponível em: <<http://www.cjas.org/~leng/otaku.pdf>>

_____. **Otaku Engagements: Subcultural Appropriation of Science and Technology**. 2006. 239 f. Tese (PhD, Science and Technology Studies) – Rensselaer Polytechnic Institute, Troy.

Fians, Guilherme. **Imanências, verdades e contingências: uma etnografia de brincadeiras infantis**. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Forsythe, Diana. *"It's Just a Matter of Common Sense": Ethnography as Invisible Work*. In: **Computer Supported Cooperative Work (CSCW)**, vol. 8, n. 1-2, 1999.

_____. **Studying Those Who Study Us: An anthropologist in the world of artificial intelligence**. Stanford: Stanford University Press, 2001.

Foucault, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Galbraith, Patrick. **The Otaku Encyclopedia: An Insider's Guide to the Subculture of Cool Japan**. New York: Kodansha USA, 2009.

_____. **Otaku Spaces**. Seattle: Chin Music Press Inc., 2012.

_____. *Maid cafés: the affect of fictional characters in Akihabara, Japan*. In: **Asian Anthropology**, vol. 12, n. 2, 2013.

_____. *Otaku sexuality in Japan*. In: Mark McLelland & Vera Mackie (eds.) **Routledge Handbook of Sexuality Studies in East Asia**. London: Routledge, 2015.

Gans, Herbert J. **Popular Culture and High Culture: an analysis and evaluation of taste**. New York: Basic Books, 1974.

Geertz, Clifford. **The Interpretation of Cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973.

Gould, Stephen Jay. *Darwinian Fundamentalism*. In: The New York Review, 12 jun 1997. Disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/archives/1997/jun/12/darwinian-fundamentalism/>

Goffman, Erving. **Stigma: Notes on the management of spoiled identity**. New York: Penguin Books, 1990.

Gramsci, Antonio. *Hegemony, Intellectuals and the State*. In: _____. **Selections from the Prison Notebooks**. London: Lawrence & Wishart, 1971.

Hacking, Ian. *Déraison*. In: **History of the Human Sciences**, vol. 24, n. 4, 2011.

Hymes, Dell. *Models of the Interaction of Language and Social Life*. In: John H. Gumperz & Dell Hymes (orgs.). **Directions on sociolinguistics**. New York: Basil Blackwell, 1972.

Ingold, Tim. *Anthropology is Not Ethnography*. In: **Proceedings of the British Academy**, vol. 154, 2008.

Itō Junko. *Prosodic Minimality in Japanese*. In: **CLS 26-II: Papers from the Parasession on the Syllable in Phonetics and Phonology**. 1990.

JBOX. **Entrevista com Marcelo Del Greco**. Julho de 2010. Disponível em: <http://www.jbox.com.br/entrevistas/marcelo-del-greco/>

Jenkins, Henry. **Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture**. New York: Routledge, 2005.

_____. **Fans, Bloggers and Gamers: Exploring Participatory Culture**. New York: New York University Press, 2006a.

_____. **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. New York: New York University Press, 2006b.

Kaguya, Saylon. *Trajatória e Carreira Otaku: O que é isso? A Hikari Responde para você!* In: **Radio J-Hero**. 19 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.radiojhero.com/hikari/2015/04/trajetoria-e-carreira-otaku-o-que-e-isso-a-hikari-responde-para-voce.html>

Kelts, Roland. **Japanamerica: How Japanese Pop Culture Has Invaded the U.S.** New York: St. Martin's Griffin, 2007.

Levine, Lawrence W. **Highbrow/Lowbrow.** The Emergence of Cultural Hierarchy in America. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

Lourenço, André Luiz Correia. **Otakus: Construção e Representação de si entre Aficionados por Cultura Pop Nipônica.** 2009. 365 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Lucas, Lorena. *Perspectivas na rede #NãoVaiTerCopa.* In: **Labic: laboratório de estudos sobre imagem e Cibercultura,** 2014. Disponível em <<http://www.labic.net/perspectivas-na-rede-naovaitercopa/>>

Machado, Carlos Alberto. **Processos sócio-educativos dos animencontros: a relação de grupos juvenis com elementos da cultura midiática japonesa.** 2009. 193f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

Malinowski, Bronislaw. **Argonauts of the Western Pacific: An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagos of Melanesian New Guinea.** London: Routledge, 1932.

Mattos, Pedro Lincoln C. L. de. *A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise.* In: **Revista de Administração Pública,** vol. 39, n. 4, 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6789>>

Máximo, Maria Elisa. *Compartilhando regras de fala: uma análise da dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão "Cibercultura".* In: **Antropologia em Primeira Mão,** n. 1, vol. irregular, 2003.

Medeiros, Jean Maicon Rickes; et al. **Oficina Gephi: Mapeando e analisando a vida nas redes sociais.** Vitória: Labic, s.d.

Mitchell, J. Clyde. *A Questão da Quantificação na Antropologia Social.* In: Feldman-Bianco, Bela (org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos.** São Paulo: Global, 1987.

Mossman, Matheus Machado. **O Pioneirismo Editorial da Revista Herói – “A Primeira Revista Mutante do Brasil”.** 2012. 83f. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo.

Nader, Laura. *Up the Anthropologist – Perspectives Gained from Studying Up.* In: Hymes, Dell (ed.). **Reinventing Anthropology.** New York: Pantheon Books, 1972.

Okamoto Shigeko. *Situated Politeness: Manipulating Honorific and Non-Honorific Expressions in Japanese Conversations.* In: **Pragmatics,** vol. 9, n. 1, 1999.

Poser, William J. *Evidence for Foot Structure in Japanese.* In: **Language,** vol. 66, n. 1, mar 1990.

Salganik, Matthew J.; Dodds, Peter Sheridan; Watts, Duncan J. *Experimental Study of Inequality and Unpredictability in an Artificial Cultural Market*. In: **Science**, vol. 311, n. 5762, 2006.

Sarti, Cynthia; Duarte, Luiz Fernando Dias (orgs.). **Antropologia e Ética: desafios para a regulamentação**. Brasília: ABA, 2013.

Schiller, Anne Louise. **Small Sacrifices: religious change and cultural identity among the Ngaju of Indonesia**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

Schuch, Patrice. *A vida social ativa da ética na Antropologia (e algumas notas do “campo” para o debate)*. In: SARTI, Cynthia; DUARTE, Luiz Fernando Dias (orgs.). **Antropologia e Ética: desafios para a regulamentação**. Brasília: ABA, 2013.

Schüler-Costa, Vlad. *Geração Sentimental: A Construção Social do Otaku*. In: I Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais UFES. **Anais eletrônicos...** Vitória: UFES, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1568>.

_____. **Geração sentimental: trajetórias e carreiras entre os otakus**. 2012. 106f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

_____. *O being e o becoming otaku: trajetórias e carreiras de fãs de animê e de mangá*. In: **Revista Simbiótica**, vol. único, n. 6, 2014.

_____. *Mai Waifu: relacionamentos “reais” com personagens “fictícias”*. In: Seminário Interno dos Alunos do PPGAS 2014. **Anais dos Seminários dos Alunos do PPGAS – Museu Nacional – UFRJ**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2014. Disponível em: <http://antropologiamn.blogspot.com.br/p/schuler-costa-vlad-mai-waifu.html>

_____. **O romance está na rede: análise de uma situação social no Twitter**. n.d.

Stanfill, Mel. *“They’re Losers, but I Know Better”*: Intra-Fandom Stereotyping and the Normalization of the Fan Subject. In: **Critical Studies in Media Communication**, vol. 30, n. 2, 2013.

Staps, Tim. **A Good-Enough Fan Within the Online Fan Community of Game of Thrones: An E-Ethnographic Study**. 2014. 68f. Dissertação (Masters, Communication and Information Sciences) – Tilburg University, Tilburg.

Spizzirri, Leo. **Justification and Application of Eigenvector Centrality**. 2011. Disponível em: https://www.math.washington.edu/~morrow/336_11/papers/leo.pdf

Turner, Victor. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

Víctora, Ceres; *et al* (orgs.). **Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2004.

Zimmer, Michael. **Is it Ethical to Harvest Public Twitter Accounts without Consent?** 25. Feb. 2010. Disponível em:

<<http://www.michaelzimmer.org/2010/02/12/is-it-ethical-to-harvest-public-twitter-accounts-without-consent/>>

GLOSSÁRIO

Animê: do japonês *anime*, corruptela do inglês *animation* [animação]. Embora no Japão o termo seja utilizado para qualquer tipo de animação, no ocidente adquiriu o significado de “animação japonesa”. É utilizado, às vezes, para se referir a animações que, embora não-japonesas, seguem o mesmo padrão estilístico. No fandom brasileiro, utiliza-se tanto a versão acentuada (“animê”) quanto a sem acento (“anime”), de forma intercambiável.

Anime Friends: principal evento de animê do Brasil. Ocorre anualmente em São Paulo desde 2003, e tem uma média de público superando 120 mil pessoas ao longo de duas semanas.

Anime News Network: um dos principais sites de notícias relacionadas à cultura pop japonesa, fundado em 1998. É publicado em inglês.

Attack on Titan: também conhecido pelo título em japonês *Shingeki no Kyojin*, é uma série de mangá que começou a ser publicada em 2009, mas atingiu seu grande sucesso de popularidade e crítica entre os otakus ocidentais após sua adaptação para animê, em 2013.

Bleach: mangá publicado na revista Weekly Shonen Jump desde 2001, teve uma série em animê de 2004 a 2012. Considerado durante alguns anos (*grosso modo*, o período entre 2007 e 2010) um dos três principais mangás em publicação (junto com Naruto e One Piece), sofreu um declínio em sua popularidade e sua recepção crítica em anos recentes.

Blog: do inglês *web log* [diário da *web*]. Estilo de página da Web surgida em 1997 para a publicação de textos e/ou links na Internet, de forma seriada e contínua. Inicialmente vistos como páginas estritamente pessoais – um diário, literalmente – com o tempo as diversas plataformas de *blogging* passaram a ser utilizadas para as mais diversas finalidades. Nesta dissertação, “blogs” são páginas da Web de divulgação de conteúdo, de publicação seriada e contínua, e nas quais o conteúdo mais recente é mais facilmente acessível.

Blogger: o indivíduo que possui, ou escreve em, um blog. Também é o nome de uma plataforma de *blogging*, mas não é o caso nesta dissertação.

Campus Party: evento dedicado a ciência, tecnologia, computação e entretenimento digital, teve sua primeira edição em 1997, na Espanha. No Brasil, teve oito edições entre 2008 e 2015.

Comic Con: eventos de quadrinhos, têm como referência principal a San Diego Comic Con, principal evento do tema, organizada desde 1970. No Brasil, vários eventos utilizaram-se do nome, como Rio ComiCon, Brasil Comic Con e, recentemente, Comic Con Experience.

Cosplay: termo japonês, derivado do inglês *costume play* [jogo de fantasias]. É o ato de fantasiar-se e interpretar um personagem – normalmente de animês, mangás ou jogos.

Cosplayer: pessoa que faz cosplay.

Desu ne: expressão em japonês, com a tradução aproximada de “não é mesmo?”. “Desu”, particularmente, costuma ser afixado ao final das frases em *shamaru*, para enfatizar o que foi dito (p. ex., “Esse animê é muito bom desu!”).

Facebook: maior site de rede social do mundo, com mais de 1,4 bilhão de usuários. Ele difere do Twitter em alguns aspectos, como: um limite significativamente maior de caracteres por post (na casa das dezenas de milhares de caracteres); uma menor efemeridade no conteúdo, que não é exibido em tempo real; e possibilidade de criação e participação em grupos de interesses comuns.

Fairy Tail: mangá publicado na revista Weekly Shonen Magazine desde 2006, tem sua adaptação em animê exibida desde 2009. É uma série de considerável popularidade, mas muito comparada a One Piece (e conseqüentemente acusada de plágio), especialmente pelo traço parecido de ambos os autores.

“Falecido”: diz-se de sites, empresas, emissoras, estações, etc. que foram fechados ou abandonados. Um exemplo é a “falecida” Rede Manchete.

Fandom: abreviação do inglês *fan domain* [domínio dos fãs]. É utilizado para se referir à comunidade geral que engloba todos os fãs de um determinado assunto ou obra.

Fansub: abreviação do inglês *fan subtitling* [legendagem por fãs]. É o ato de traduzir e legendar séries ou filmes em língua estrangeira de forma amadora, com a intenção de distribuição entre o fandom.

Fansubber: membro de um grupo de fansub.

“Fazer ‘V’”: ato de fazer um “V” com os dedos indicador e médio na hora de tirar uma foto. Muito popular na estética kawaii.

Festival do Japão: maior matsuri do Brasil, é organizado anualmente desde 1998, em São Paulo. Tem média de público de mais de 190 mil pessoas em seus três dias de evento.

Fujoshi: termo japonês, significa literalmente “garota corrompida”. É um termo utilizado para se referir às fãs de yaoi – obras com conteúdo erótico homossexual masculino. Homens fãs de yaoi são chamados de **fudanshi**, “garoto corrompido”.

Hater: indivíduo que, por um motivo ou outro, nutre um ódio “irracional” por algo ou alguém, e verbaliza ou assedia constantemente a origem de seu ódio.

Instagram: serviço de compartilhamento de fotos, normalmente com “filtros” que modificam as cores ou adicionam efeitos às imagens. Pode ser integrado com o Twitter ou o Facebook – ou seja, fotos postadas no Instagram seriam também publicadas nessas outras redes sociais.

Kawaii: termo japonês, significa “fofo(a)” ou “bonitinho(a)”. É também um estilo estético muito popular no Japão, em que se valoriza a infantilidade – na moda, na fala, e no comportamento.

Kisu: também *kissu*. Termo japonês, corruptela do inglês *kiss* [beijo].

Kokoro: termo japonês, significa “coração”.

Mangá: termo japonês, com o significado de “desenhos irresponsáveis”. No Japão, se refere a todos os tipos de histórias em quadrinhos. No ocidente, se refere aos quadrinhos japoneses – ou ocidentais, porém inspirados na estética quadrinística japonesa.

Manga News Japon: também “Manga News”. Um dos principais sites – e perfis do Twitter – de notícias relacionadas à cultura pop japonesa, fundado em 1999. É publicado em francês.

Matsuri: termo japonês, significa “festival”. É como normalmente são chamados os festivais ou “quermesses” organizados pelas colônias nipônicas e comunidades nikkei pelo Brasil.

Moderação: uma ferramenta muito comum em fóruns online, inclusive o Facebook. É um grupo de indivíduos que gerencia um grupo, e é responsável, normalmente, pela elaboração e aplicação das regras do mesmo.

Mupy: bebida à base de leite de soja e suco de frutas, produzida pela AgroNippo, muito vendida em eventos de animê e lojas de produtos japoneses.

Naruto: mangá publicado na revista Weekly Shonen Jump entre 1999 e 2014. Foi, durante a maior parte de sua publicação, um sucesso de público e crítica, sendo

considerado um dos três principais mangás existentes no mercado (junto de Bleach e One Piece). Sua adaptação para animê, exibida desde 2002, foi alvo de inúmeras críticas à sua qualidade de animação e por não seguir fielmente à história do mangá.

Normalfag: do inglês, *normal* + *fag*, corruptela de *faggot* [termo pejorativo para “homem gay”]. Se refere a uma “pessoa normal”, que não faz parte do grupo desviante ao qual o locutor pertence. Não necessariamente carrega o sentido de homossexualidade, e sim a intenção pejorativa.

One Piece: mangá publicado na revista Weekly Shonen Jump desde 1997, é um dos principais sucessos comerciais da indústria, sendo a série em mangá mais vendida de todos os tempos. Sua adaptação para animê tem início em 1999. Foi, junto com Bleach e Naruto, considerado um dos três principais mangás em publicação – mas é atualmente o único que mantém esse posto.

Otaku: termo utilizado, no Japão, para se referir a quase qualquer tipo de aficionado. No ocidente adquiriu o significado de “fãs de cultura pop japonesa”, ou “fãs de animê e mangá”. A utilização do termo é relativamente polêmica, inclusive no meio acadêmico. Como no meu campo ele não foi um termo particularmente problematizado, aqui ele adquire o significado de “fãs de animê e mangá” – ainda que, como visto no decorrer do texto, um tipo bem específico de fã.

Podcast: do inglês *pod* [de iPod, um modelo de dispositivo de reprodução de áudio] + *broadcast* [transmissão]. Arquivos de áudio, normalmente publicados na web. Costuma ser descrito como “programas de rádio feitos para e distribuídos via Internet”.

Poser: indivíduo que finge ser o que não é, especialmente ao seguir “modinhas”.

Post: do inglês *post* [publicação, correio]. Texto publicado em uma página da web.

Retweet: uma ferramenta no Twitter que torna possível compartilhar em seu perfil o tweet postado por outra pessoa – *verbatim* ou com comentários seus.

Sites de notícias fake: um estilo de página da web, cujos principais expoentes são o americano *The Onion*, e, no Brasil, *O Sensacionalista*. São sites dedicados à escrita de notícias falsas, normalmente parodiando casos ocorridos recentemente. São vistos como uma crítica à imprensa tradicional, cujo rigor jornalístico e idoneidade são postos em cheque.

Streaming: termo inglês, significa “transmissão”. É usado, às vezes, para se referir a serviços de exibição de vídeo como Netflix, Hulu e Crunchyroll. Mas, principalmente (como é o caso nesta dissertação) a programas ou vlogs de exibição ao vivo e em

tempo real (*live streaming*) – que podem ou não ser disponibilizados e reassistidos posteriormente à exibição.

Sword Art Online: série de livros para um público juvenil-jovem adulto, publicada a partir de 2009 e que conta, em 2015, com 14 volumes. Teve seus primeiros volumes adaptados em duas temporadas – a primeira exibida em 2012, e a segunda em 2014. Obteve bastante popularidade, mas foi igualmente criticada, especialmente após a segunda metade de sua primeira temporada.

“TL”: abreviação do inglês *timeline* [linha do tempo]. Uma referência à página inicial do Twitter, em que os tweets mais recentes aparecem no topo da página. Como no Twitter você só vê automaticamente os tweets das pessoas que você segue (e, conseqüentemente, as pessoas que te seguem vêm seus tweets), tais páginas iniciais são personalizadas. Porém, também se utiliza o termo “TL” para se referir à comunidade no Twitter à qual se faz parte – já que quem segue quase os mesmos indivíduos acaba tendo timelines muito parecidas.

Tokusatsu: abreviação do japonês *tokushu satsuei* [filme de efeitos especiais]. É utilizado no Japão para se referir a qualquer obra audiovisual que se utilize de efeitos especiais. No ocidente, se refere principalmente a séries televisivas japonesas do gênero – como, para dar alguns exemplos, *National Kid*, *Ultraman*, *Changeman* e *Power Rangers*.

Treta: Briga, confusão, bagunça. Também pode se referir a uma algazarra generalizada.

Tweet: post do Twitter.

Twitter: site de rede social e plataforma de microblogging. É característico por seu limite de 140 caracteres por post, o que torna imprópria sua utilização para escrita de textos longos. É, portanto, uma plataforma marcada pela efemeridade e alta frequência de seu conteúdo.

Vlog: do inglês *video log* [diário em vídeo]. Um estilo de vídeo em que se filma uma ou mais pessoas que falam diretamente para a câmera, e publicado na Web. Popularizado após o sucesso do YouTube, em 2006.

Zuera: termo típico da Internet, corruptela de “zoeira”. É a atitude de não levar nada a sério, debochar dos outros, caçoar de tudo. É usado tanto para se referir a atitudes leves de deboche e brincadeira quanto a casos de assédio moral e agressão psicológica.

APÊNDICE A – GLOSSÁRIO BIOGRÁFICO

Exceto quando explicitado o contrário por meio de chaves, todos os dados aqui presentes constam como foram a mim informados à época das respectivas entrevistas.

Carlírio: proprietário do blog *Netoin!*. Tem 36 anos, é assistente administrativo-financeiro e mora em Curitiba/PR. Além do *Netoin!*, coordena e participa de vários outros projetos relacionados à cultura pop japonesa e à Internet – é um participante contumaz de vários podcasts, como o *Kyoudai Podcast*, o *Sobre Música & Animes* ou o *AnimecoteCast*, e integrante fixo do projeto de cooperação criativa *NUPO*.

Denys: proprietário do blog *Gyabbo!*. Tem 25 anos, é mestrando em psicologia e mora em Manaus/AM. É chefe da equipe do *Gyabbo!* (e, portanto, membro do Portal Genkidama), e também host do vlog *Poucas Palavras*.

Dih: coproprietário no blog *Chuva de Nanquim*. Tem 24 anos, é formado em design gráfico, é freelancer [e, a partir de novembro de 2014, assistente editorial do selo Planet Manga da editora Panini] e mora em São Paulo/SP.

Dudu: redator no blog *JBOX* [a partir de Maio de 2015, colunista no portal de streaming Crunchyroll]. Tem 21 anos, é estudante de comunicação social, e mora no Rio de Janeiro/RJ.

Estranho: coproprietário do blog *AoQuadrado²* e co-host do podcast *Mangá²*. Tem 25 anos, é formado em Tecnologia da Informática, trabalha como programador e desenvolvedor, e mora em Jundiaí/SP. É convidado regular de programas do Portal Genkidama.

Fábio Garcia: proprietário do blog *Mais de Oito Mil*. Tem 28 anos, é formado em Letras, é redator no site *Coisas de Novela*, do Portal Pop, e mora em São Paulo/SP.

Kauê: redator da coluna *Otakismo* dentro do blog *Chuva de Nanquim*. Tem 25 anos, é formado em Comunicação, [trabalha como escriturário,] e mora em São Bernardo do Campo/SP. Além de seu “falecido” blog *Otakismo*, criou o perfil no Twitter *Japop Otakismo* [e a página no Facebook *Cinema Asiático*].

Sakuda: proprietário do blog *XIL*, e membro do Portal Genkidama. Tem 32 anos, é tradutor e revisor na editora NewPop, e mora em São Paulo/SP. Além do *XIL* (projeto que se iniciou durante o período em que morou no Japão), se envolveu em vários projetos relacionados à produção de mangá, com destaque em particular para a antologia de quadrinhos *Ação Magazine*. É integrante fixo dos programas do Portal Genkidama.

Wagner: coproprietário do blog *Troca Equivalente*, e co-host do podcast *Troca Debate*. Tem 27 anos, é formado em design, trabalha com gerenciamento de projetos e mora em São Paulo/SP. Participa ocasionalmente de programas do Portal Genkidama.

APÊNDICE B – MÉTODOS DE PESQUISA E ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Para elaboração do grafo visto na Figura 2, assim como outros grafos não exibidos na dissertação – mas que foram essenciais para a análise –, utilizei dois softwares.

Para obtenção de dados (*data mining*), foi utilizado o pacote NodeXL versão 1.0.1.337 (<http://nodexl.codeplex.com/>); para visualização e geração de grafos, foi utilizado programa Gephi versão 0.8.2 *beta* (<http://gephi.github.io/>).

O primeiro passo, de obtenção de dados via NodeXL, foi instalar o *plugin* “Social Net Importer” versão 2.0 (<http://socialnetimporter.codeplex.com/>), que permite a obtenção de dados via API de Twitter e Facebook. Após a instalação, foram importados – utilizando-se a opção “Import from Twitter Users Network” – os dados relativos à rede completa (*friends* e *followers*) dos 43 usuários de interesse⁶². Após o *data mining* (de várias horas, por causa do limite de uso do API do Twitter), foi feita uma limpeza no banco de dados – visto que o NodeXL também coleta, automaticamente, os tweets mais recentes dos usuários de interesse. Ao todo, foram coletados 23576 nós e 49667 arestas. Após a limpeza do banco de dados, os dados foram exportados para um formato apropriado para visualização no Gephi – utilizando-se a opção “Export to GraphML File”.

Esse novo arquivo foi, então, aberto no Gephi, e foi feita uma nova limpeza no banco de dados (especificamente, a deleção de todas as colunas supérfluas, e a mudança de *label* dos nós). Após isso, foram rodados os algoritmos de análise *Eigenvector Centrality* (para determinação da importância relativa dos nós) e *Modularity* (para detecção de comunidades). Em seguida, os nós foram redimensionados de acordo com sua centralidade, e coloridos de acordo com sua modularidade (8 comunidades foram identificadas pelo software).

Para determinação do layout, vários algoritmos foram testados – como *Force Atlas*, *ForceAtlas 2*, *Yifan Hu*, *Yifan Hu Proportional* e *OpenOrd*. O grafo final, como exibido na Figura 2, foi resultado do algoritmo *ForceAtlas 2*, com algumas correções pelos algoritmos *Noverlap* e *LabelAdjust*. Por fim, após algumas mudanças de caráter

⁶² Essa lista de usuários foi definida da seguinte forma: 13 usuários eram os “perfis institucionais” dos blogs estudados; 2 usuários eram os “perfis pessoais/institucionais” de dois blogs que não tinham um perfil exclusivo para tal; 28 usuários eram os perfis pessoais dos donos e colunistas dos blogs estudados.

puramente estético (ajustes na fonte, bordas, definição do formato das arestas, etc. Uma versão alternativa, também considerada para a publicação final, pode ser vista abaixo) o grafo foi exportado para uma imagem em PNG.

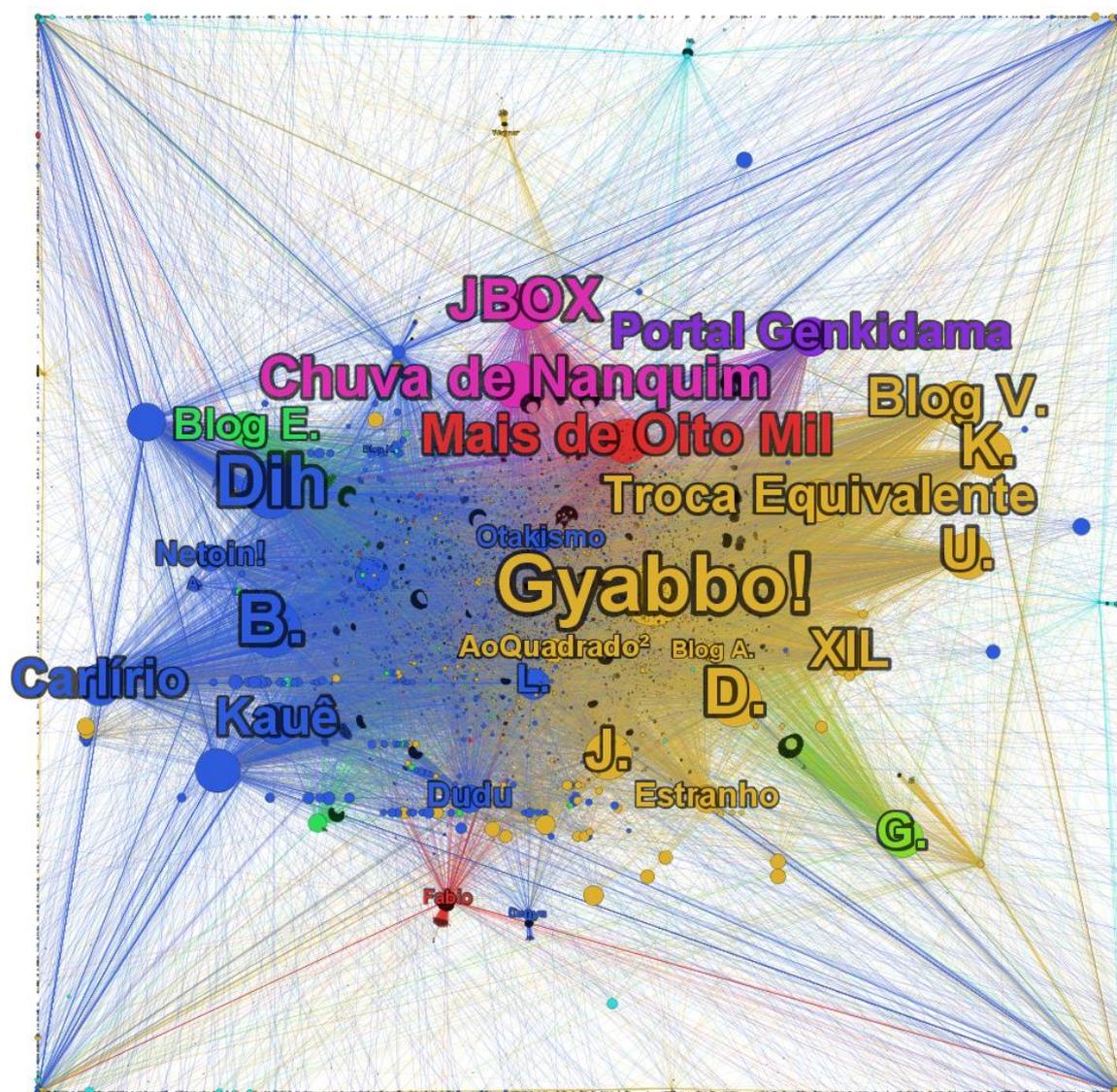


Figura 5 – Grafo de rede dos perfis da blogosfera no Twitter (versão alternativa)

APÊNDICE C – TABELAS E GRÁFICOS DE POSTAGENS DOS BLOGS PESQUISADOS

Para a coleta de dados, foi feita uma tabela em Excel em que foram relacionadas a data dos posts, seu tema e o blog em que foram postados. Essa tabela era atualizada diariamente (ou quase), com a inserção dos posts publicados desde a última atualização. Ao fim da coleta, os dados foram transferidos para um banco de dados no software PSPP versão 0.8.4 (<http://www.gnu.org/software/pspp/>), e gráficos foram gerados com esse software.

Os temas foram definidos no momento de cada atualização, de acordo com a leitura de cada postagem. Alguns temas foram abandonados durante a pesquisa (por exemplo, “publéditoriais” e “podcasts”); outros foram mesclados com o tempo (“Top X”, por exemplo, foi inicialmente categorizado como “Top 5”, e modificado com o surgimento de novos tipos de listas).

Podcasts e vlogs não foram categorizados, por terem estilos de publicação diferenciados dos outros blogs, e por também serem de categorização mais difícil – já que podem abordar mais de um tema em um mesmo episódio. Minha impressão, contudo, é que essa falta não chega a configurar um problema na análise – já que, comparados com blogs, podcasts e vlogs são relativamente pouco publicados (não mais de um episódio por semana⁶³).

Blogs	Análise	Cobertura de eventos	Corrente de Reviews	Expectativas e apostas	Guia de Temporada	Impressões	Live-blogging	Notícias	Reviews	Semanais	Top X	Total
A.	6	0	1	1	0	12	0	9	13	2	0	44
Chuva de Nanquim	13	0	0	0	0	0	4	94	6	2	1	120
E.	29	0	3	1	1	12	0	12	36	42	6	142
Gyabbo	1	4	0	2	1	2	5	25	3	0	0	43
JBOX	4	1	0	0	0	1	2	212	10	1	0	231
K.	0	1	0	0	0	9	0	7	2	73	0	92
M.	1	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	4
Netoin	17	0	0	0	0	22	0	19	23	54	1	136
Troca Equivalente	1	5	1	0	0	1	0	14	6	0	4	32
XIL	2	0	0	0	0	0	0	2	1	0	1	6
Total	74	11	5	4	2	59	11	397	100	174	13	850

Figura 6 – Tabela de categorias de postagens dos blogs estudados

Algumas explicações sobre as categorias:

“Análise”, “Impressões”, “Notícias” e “Reviews” são exatamente os mesmos temas

⁶³ Durante o período da pesquisa, por exemplo, o podcast Mangá² foi do episódio 85 ao 107. O podcast Troca Debate, do episódio 4 ao 12. Os vlogs pesquisados variaram igualmente.

analisados no capítulo 2.

“Semanais” é como cataloguei o que depois vim a chamar de “resenhas episódicas”.

“Cobertura de eventos” e “Live-blogging” são posts sobre eventos, palestras e afins – ou feitos após o evento, ou ao vivo.

“Corrente de reviews” foi uma iniciativa, iniciada pelo blog A., de tentar fazer com que toda a blogosfera de animê participasse de uma sequência de reviews – um blog escolhia uma obra que deveria ser resenhada por outro blog, que escolheria uma obra pra ser resenhada por um terceiro blog, e assim segue. É uma iniciativa que começou em 2012, e estava em seu terceiro ano (mas foi feita logo ao final da pesquisa, então não rendeu muita análise).

“Expectativas e apostas”, assim como “Guia de Temporada”, foram categorias mencionadas no capítulo 2, e se referem aos posts de informação ou expectativa dos animês a serem exibidos na temporada seguinte.

Por fim, “Top X” são os posts em que elenca-se uma série de “melhores algo” – por exemplo, “top 5 aberturas da temporada”, “top 10 vilões de animes”, etc.

Blogs	Número de posts	Percentual
JBOX	231	27,18%
E.	142	16,71%
Netoin	136	16,00%
Chuva de Nanquim	120	14,12%
K.	92	10,82%
A.	44	5,18%
Gyabbo	43	5,06%
Troca Equivalente	32	3,76%
XIL	6	0,71%
M.	4	0,47%
Total	850	100%

Figura 7 – Tabela de número e porcentagens de posts dos blogs estudados

Temas	Número de posts	Percentual
Notícias	397	46,71%
Semanais	174	20,47%
Reviews	100	11,76%
Análise	74	8,71%
Impressões	59	6,94%
Top X	13	1,53%
Cobertura de eventos	11	1,29%
Live-blogging	11	1,29%
Corrente de Reviews	5	0,59%
Expectativas e apostas	4	0,47%
Guia de Temporada	2	0,24%
Total	850	100%

Figura 8 – Tabela de números e porcentagens de temas nos blogs estudados

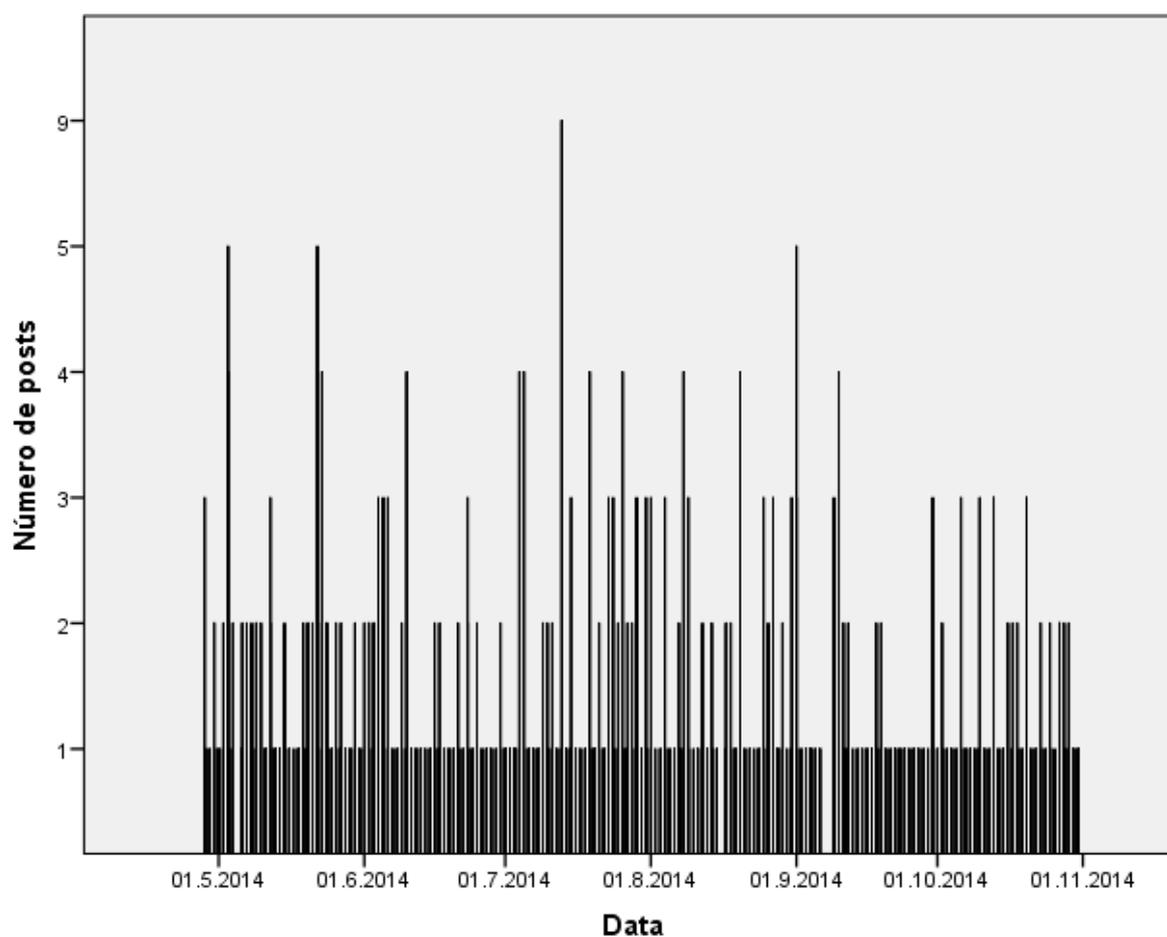


Figura 9 – Histograma temporal dos posts no período da pesquisa

ANEXO A – TABELA DOS ANIMÊS EXIBIDOS NA TEMPORADA DE VERÃO 2014

Version 3.0 - 2014.06.23
Chart by Zana @ neregate.com

SUMMER 2014 ANIME CHART

JUNE 2014 → AUGUST 2014

Sources : animenewsnetwork.com • m-p.sakura.ne.jp • moetron.com • myanimelist.net

 <p>Bakumatsu Rock</p> <p>Studio DEEN</p> <p>The story is set in the Bakumatsu era, at the end of the shogun's rule over Japan in the middle of the 19th century. The Tokugawa shogunate uses the brainwashing "Heaven's Songs" by the top idols in Shirogane-umi to subjugate the country and its people in the Japan, while singing any songs besides the "Heaven's Songs" is a capital offense. Ryuma Sakamoto and the other rockers rise up and change the world with rock 'n' roll for freedom and justice.</p> <p>Game baka.bz#419</p> <p>J.J. 2014 02</p>	 <p>Free! -Eternal Summer-</p> <p>Kyoto Animation</p> <p>Sequel to the Free! TV series. Four boys named Haruka, Makoto, Nagisa and Rin all participated in a swimming tournament shortly before graduating elementary school and later parted ways. Years later, they reunite when the challenger Haruka is to race and wins. Not wanting to be defeated so easily, Haruka gathers Makoto and Nagisa and a new recruit named Rei to form the Haruka High School Swimming Club.</p> <p>Novel baka.bz#443</p> <p>J.J. 2014 02</p>	 <p>Glasslip</p> <p>P.A Works</p> <p>Tsukiko Sakami's family runs a glass-working business in a small seaside town. She hangs out with her four best friends at a cafe called "Kazemichi". During the summer break of their senior year in high school, they meet a transfer student named Kikuru Okikura, who claims that a voice from the future talks to him, and that it's led him to Tsukiko. His arrival sets off a series of events that will make their first summer together one full of hope and heartache.</p> <p>Original baka.bz#418</p> <p>J.J. 2014 03</p>	 <p>Shirogane no Ishi Argevollen</p> <p>XEBEC</p> <p>The story takes place in a world where two countries, Anaradis and Hoptonia, have been warring against each other for a very long time. Tokumune, a young man belonging to the exiled aristocratic unit of Anaradis, saves a girl named Jamie when she is attacked by enemy forces. In order to survive, he rides the new weapon Argevollen and fights.</p> <p>Original baka.bz#428</p> <p>J.J. 2014 03</p>
 <p>Tokyo Ghoul</p> <p>Studio Pierrot</p> <p>The suspense horror/dark fantasy story is set in Tokyo, which is haunted by mysterious "ghouls" who are devouring humans. People are gripped by the fear of these ghouls whose identities are masked in mystery. An ordinary college student named Kaneki encounters Rize, a girl who is an avid reader like him, at the cafe he frequents. Little does he realize that his fate will change overnight.</p> <p>Manga baka.bz#430</p> <p>J.J. 2014 03</p>	 <p>Rail Wars!</p> <p>Pisanoa</p> <p>The story is set in a parallel world where Japan did not privatize its national railways. Shachio Takasuma is an ordinary high school boy who dreams of a comfortable future working for the top-rated Japanese National Railway. An ordinary college student named Kaneki encounters Rize, a girl who is an avid reader like him, at the cafe he frequents. Little does he realize that his fate will change overnight.</p> <p>Light Novel baka.bz#425</p> <p>J.J. 2014 03</p>	 <p>Futsuu no Joshikousei ga [Locodol] Yattemita.</p> <p>feat.</p> <p>In the story, high school girl Hanako became her town's local idol at the request of her ex-boyfriend and her upperclassman Yuki, a girl who is perfect but ends up being awkward, both become idols of their respective area. They get introduced to the town's shopping center, go on television (low budget cable), and hold concerts on the roof of the department store. The girls' talents come from the town's faves.</p> <p>Manga baka.bz#493</p> <p>J.J. 2014 03</p>	 <p>Shin Strange+</p> <p>Seven</p> <p>Sequel to the Strange+ TV series. Kouji is searching for his older brother Takumi, who left home and has gone missing in the city. Worried that he's in trouble, Kouji decides not to go home, and he's found him, only to find he's not who he used to be. "Takumi" turns out, has become head of the Makuro Detective Agency, and has no intention of going back home. Kouji decides that if he can't make Takumi return, then he'll join the agency himself.</p> <p>Manga baka.bz#494</p> <p>J.J. 2014 03</p>
 <p>Bishoujo Senshi Sailor Moon Crystal</p> <p>Toei Animation</p> <p>Usagi Tsukino is a second-year middle school girl who is a little clumsy and a crybaby, but she is full of energy. One day, she meets Luna, a black cat with a crescent moon on her forehead, and she transforms into Sailor Moon, a pretty guardian of love and justice. As a chosen guardian of justice, Usagi has a mission to find the Illusionary Silver Crystal with the other guardians and to protect the princess. Mistakenly, the queen of the Dark Kingdom, Queen Beryl, also sends minions to the town where Usagi lives to obtain the Illusionary Silver Crystal, which has immense power.</p> <p>Manga baka.bz#426</p> <p>J.J. 2014 05</p>	 <p>Shounen Hollywood</p> <p>ZEXCS</p> <p>The anime will tell an original story set 25 years after the movie's story. It takes place at a fictional theater called Hollywood (plays in manga), where members of the idol group "Shounen Hollywood" develop their talents with diligent work and study.</p> <p>Novel baka.bz#423</p> <p>J.J. 2014 05</p>	 <p>Sword Art Online II</p> <p>A-1 Pictures</p> <p>Sequel to the Sword Art Online TV series. This time an island "Punkton Bullet", will adopt volume five and six from Isekai Kawahara's original novel series. Yoshinori Matsumoto will reprise his role as the main protagonist Kirito from the Sword Art Online anime series. Masahito Tanaka will also reprise his role as Sinon from the Sword Art Online: Infinity Moment PSP video game.</p> <p>Light Novel baka.bz#414</p> <p>J.J. 2014 05</p>	 <p>PuriPara</p> <p>Dongwoo / Tatsunoko Prod.</p> <p>A brand new Pretty Rhythm idol anime series. Her new anime is set in the Puri Para world. There, she meets her old friends and years of fashion, dance, and singing. Unfortunately every day, there are auditions that send top idols to worldwide fame on television and online. Lala and her friends are all disappointed by the world. However, Lala's school prohibits Puri Para for elementary school children. An unexpected chance leads Lala to make her first entrance into the world of Puri Para, where she just might make her debut.</p> <p>Game baka.bz#436</p> <p>J.J. 2014 05</p>
 <p>Barakamon</p> <p>Kiriwari Citrus</p> <p>The slice of life comedy centers around the kansen (handcapped) 23-year-old calligrapher Seishuu Hanada, who moves to the remote Gotoyu Islands off the western coast of Kyushu. Seishuu grew up in the city, and the story chronicles Seishuu's interactions with the people of the island, who drive tractors on public roads and don't enter through his front door when they visit. On top of that, Seishuu's house becomes a hangout for the island's children.</p> <p>Manga baka.bz#447</p> <p>J.J. 2014 05</p>	 <p>Sengoku Basara Judge End</p> <p>Telecom Animation Film</p> <p>Sengoku Basara Judge End will be based on CAPCOM's 2010 game Sengoku Basara 3 (Sengoku Basara: Samurai Heroes), and it will depict the epic battle of Sekigahara.</p> <p>Game baka.bz#448</p> <p>J.J. 2014 05</p>	 <p>Aldnoah.Zero</p> <p>A-1 Pictures / TORIYCA</p> <p>The project's tagline reads: "Let justice be done. Though the heavens fall". In 1972, a hypergate was discovered on the surface of the moon. But then, humanoid came into contact with beings from Mars, leading to war. Original story by Gen Urobuchi (Punished Man, Madoka Magica, Psycho Pass, Gargantia on the Verdurous Planet, Fate/Zero) and Naoki Asaki (Ga Re! Zero, The Garden of Sinners, Wandering Son) is behind the project's director.</p> <p>Original baka.bz#416</p> <p>J.J. 2014 05</p>	 <p>Akame ga Kill!</p> <p>White Fox</p> <p>The dark action fantasy story follows Akame, a girl who was brought, brainwashed, and raised by the Empire as an assassin. After meeting Akame, a boy named Tatsumi does not stand up to the evil of the Empire.</p> <p>Manga baka.bz#440</p> <p>J.J. 2014 06</p>
 <p>Space☆Dandy Season 2</p> <p>Bones</p> <p>Sequel to the Space☆Dandy TV series. The story revolves around Dandy, an alien-hunter. His job is to seek out new alien races seen before, and receives a reward wherever he finds a new alien. His mission is to find those new species faster than anyone else as he travels the galaxy. Together with the bucket-of-balls robot QT and the dimwit alien Mew, he picks up along the way, he comes into contact with new planets and their inhabitants.</p> <p>Original baka.bz#320</p> <p>J.J. 2014 06</p>	 <p>Sabagebu!</p> <p>Studio Pierrot</p> <p>The story revolves around Momoka Sorokawa, a girl who transferred into a certain girls' high school. The club she ended up joining at school was the "Sabagebu", a club that conducts survival games.</p> <p>Manga baka.bz#415</p> <p>J.J. 2014 06</p>	 <p>Maidol Urayasu Tekkin Kazoku</p> <p>Manga</p> <p>The slapstick gag comedy follows a second-grade boy named Kotoku Urayasu and his misadventures with his family and friends in Urayasu City, near Tokyo.</p> <p>Manga baka.bz#408</p> <p>J.J. 2014 06</p>	 <p>Gekkan Shoujo Nozaki-kun</p> <p>DogaKobo</p> <p>The romantic comedy story begins when high school student Sakura Chyo confesses her feelings to her classmate Nozaki. Due to a misunderstanding, Nozaki thinks Sakura is just a fan of his shojo manga work. Sakura has to convey her true feelings while her relationship with Nozaki develops.</p> <p>Manga baka.bz#420</p> <p>J.J. 2014 06</p>

<p>DRAMAtical Murder</p> <p>NAZ</p> <p>Anime adaptation of Nitro+CHiRA's boys-love adventure game.</p> <p>The story centers on a young man named Akiba who lives with his grandfather on the island Midorigi-ma. He works at a junk shop in the island's former residents' district after Touji builds the Platinum Jail resort on part of Midorigi-ma and forces residents to move. Akiba is content with his simple life but gets pulled into mysterious events unfolding on the island.</p> <p>Manga baka.bz#431 JUL 2014 06</p>	<p>Jinsei</p> <p>Real</p> <p>The story centers around Yuuki Akamatsu, a boy who joins the staff of a high school. He is assigned to the editor-in-chief Ayaka Nakidou and is expected to assign parts to the (free) source column.</p> <p>Three girls—the science representative Kana Endou, the home ec. representative Fumi Kujou, and the physical education representative Rumi Sakurai—answer requests from outsiders about whatever is troubling them.</p> <p>Light Novel baka.bz#441 JUL 2014 06</p>	<p>Hanayamata</p> <p>Machouse</p> <p>Ordinary in looks, ordinary in brains, ordinary in arts and athletics... If you ever heard Satori, it's just ordinary in every way. Nani loads an ordinary day to try to meet one of the actors. However, she embarks on a path to an extraordinary world called "cosplay dance," guided by an exotic, fairylike girl she met one moonlit evening.</p> <p>Manga baka.bz#434 JUL 2014 07</p>	<p>Himegoto</p> <p>Asahi Production</p> <p>The story follows Hime Arakawa, a boy who is being chased down by scary people. However, he is rescued from danger by the girls in his school's student council—the 18-km-sqr. President Lina and Benji samurai.</p> <p>The student council will assume Arakawa's debt under one condition: "As the student council's dog, you will spend your high school life in women's clothes."</p> <p>Manga baka.bz#413 JUL 2014 07</p>
<p>Re: Hamatora</p> <p>Lerche</p> <p>Sequel to the Hamatora TV series.</p> <p>The story revolves around "Mini-man" or "minor miracle"—special honorary powers discovered only in an extremely limited number of humans. Those who possess such powers are known as "Minimum Holders."</p> <p>Original baka.bz#344 JUL 2014 07</p>	<p>Ao Haru Ride</p> <p>Production I.G</p> <p>Ao Haru Ride revolves around Futaba, a girl who was in love with a boy named Kyo. Kyo is in middle school. However, after a misunderstanding, their relationship as friends ends when he transfers schools once again when he meets Kyo at high school, her world is turned around once again when he meets Kyo again. This time under the name of Kou Mabuchi.</p> <p>Manga baka.bz#437 JUL 2014 07</p>	<p>Momo Kyun Sword</p> <p>To-Saish / Project No.9</p> <p>The story begins with a female member of Monotama, a famous detective in Japanese folklore. Momoto is a young sword-fighter who was born inside a peach (momo in Japanese). She lives with her companions—the dog god Inuyama, the monkey god Saruyama, and the pheasant god Kijima—in a peaceful paradise.</p> <p>However, a demon army led by devil king invades the paradise and steals the precious treasure that protects Momoto's kind. To rescue the treasure and save the people, Momoto embarks on a great adventure with her three companions.</p> <p>Light Novel baka.bz#433 JUL 2014 08</p>	<p>Love Stage!!</p> <p>J.C. Staff</p> <p>The story revolves around Iwami Seta, a boy born into a family of elite famous actors. However, he is the only member of the family who is not in the entertainment industry, and he is a super otaku college student, too.</p> <p>He has been striving hard to become a manga creator, but he is still struggling in a television commercial. He eventually crosses paths again with the very famous actor Iiyama, who becomes aware of his attraction towards Izumi.</p> <p>Manga baka.bz#422 JUL 2014 09</p>
<p>Fate/kaleid liner Prisma*Illya Zwei!</p> <p>Silver Link</p> <p>Sequel to the Fate/kaleid liner Prisma*Illya TV series.</p> <p>The story re-imagines the Fate/stay night character Illyviel von Einzbern in an alternate universe as a magical girl.</p> <p>Manga baka.bz#260 JUL 2014 09</p>	<p>Magimoji Rurumo</p> <p>J.C. Staff</p> <p>The "magical sleepless comedy" begins with Rurumo, the #1 percent of his school and some magical items that suddenly appear for him. Rurumo, an apprentice witch who was demoted from a full witch, is training with these items in the human world. Shiki, an angel who came to this world as a punishment, must perform as part of her training. The catch is that even weak, sickly shorties Shiki's life.</p> <p>Manga baka.bz#439 JUL 2014 09</p>	<p>Yama no Susume Second Season</p> <p>Bit</p> <p>Sequel to the Yama no Susume TV series.</p> <p>Aoi and Hinata are childhood friends, Aoi prefers staying indoors and is afraid of heights, whereas Hinata is outgoing and loves sunbathing. They both decide to climb a mountain in order to see a sunrise they saw together when they were younger.</p> <p>Manga baka.bz#155 JUL 2014 09</p>	<p>Ai Mai Mi -Mousou Catastrophe-</p> <p>Seven</p> <p>Sequel to the Ai Mai Mi TV series.</p> <p>Ai, Mai, and Mi are the three girls that make up the manga club. Although they possess ample imagination, their fan club members and movie adventures usually distract them from actually drawing an abandoned cat, to getting addicted to video games, to their own ordinary things in extraordinary ways.</p> <p>Manga baka.bz#424 JUL 2014 10</p>
<p>Persona 4 the Golden Animation</p> <p>A-1 Pictures</p> <p>The anime will retell the events of the first television anime series, but will include new character Marie.</p> <p>Spring. A boy arrives at Yasou Inaba Station, where his family blossom petals are falling. His name is Yuu Hanamura. Due to his family's situation, he moves to Inaba to live with his uncle, and attends Yasogami High School.</p> <p>From there, his school life begins. His school life must end when the serial murders happen in the town. The Midnight Channel that comes on late at night...</p> <p>Manga baka.bz#442 JUL 2014 10</p>	<p>Kuroshitsuji Circus Hen</p> <p>A-1 Pictures</p> <p>Related to the Kuroshitsuji TV series.</p> <p>On the night of Gai Frothington's death, he destroyed his mansion and killed both of his parents. In a moment of despair, Ciel enters a deal with a demon, his soul in exchange for money. The demon becomes his butler and calls himself by name of Sebastian Michaelis, to protect and serve. Ciel until the deal has been completed. Ciel now the head of the Frothington's corpse, handling all business affairs as well as the work of Queen of England's guard dog and looking for his parents' murderers.</p> <p>Manga baka.bz#417 JUL 2014 10</p>	<p>Zankyou no Terror</p> <p>MAPP</p> <p>The tagline of the anime is "Put the trigger on this world."</p> <p>The anime's website give this story introduction:</p> <p>On a summer day... A massive terror bombing suddenly erupts in Tokyo.</p> <p>The culprit behind the act that wakes up this complicated world from its slumber, were just two boys.</p> <p>Now, the culprit known as "Sphinx" begins a grandiose game that encompasses all of Japan.</p> <p>Original baka.bz#412 JUL 2014 10</p>	<p>Psycho-Pass</p> <p>Production I.G</p> <p>An "updated version" of the original 2012 Psycho-Pass TV series. This new version will take the first series and re-cut it into 11 one-hour episodes with new cuts of footage.</p> <p>Psycho-Pass takes place in the near future, when it is possible to instantaneously measure and quantify a person's state of mind and personality.</p> <p>The story centers around the enforcement officer "Shinya Kogami" who is tasked with managing crime in such a world.</p> <p>Original baka.bz#117 JUL 2014 10</p>
<p>Nobunaga Concerto</p> <p>Fuji TV</p> <p>The story centers around Saburo, a high school boy who time-travels to Japan's Sengoku Era. He must become Oda Nobunaga, the famed warlord who helps unite Japan.</p> <p>Manga baka.bz#444 JUL 2014 11</p>	<p>Rokujyouma no Shinryakusha!</p> <p>Silver Link</p> <p>The story centers around Koutarou Satomi, a boy who started to live by himself to attend a high school. He fortunately discovered a very cheap, five-day movie or television series for 5,000 yen (about \$155) a month, and began his new life there.</p> <p>However, when he moved into that room, some unexpected "room mates" began appearing only by one. The ghost alien Higashimura, the magical girl Yurika Nijino, the underground denier Ikuha Kuroki, the space alien Theonilla Gie Fortorthe, and Thosa's attendant Ruththasis "Ruth" Nye Fortorthe.</p> <p>Light Novel baka.bz#429 JUL 2014 11</p>	<p>Tokyo ESP</p> <p>XEBEC</p> <p>The science fantasy story begins with Rinka, an extremely poor high school girl who lives with just her father in modern Tokyo.</p> <p>One day, she is being home from school when she chases a "flying penguin" to the top of New Tokyo Tower—only to have "fox" suddenly appear before her. One of the fox goes through Rinka and gives her extraordinary powers beyond those of normal humans, particularly the ability to flip through solid objects.</p> <p>Manga baka.bz#425 JUL 2014 11</p>	<p>Yami Shibai Second Season</p> <p>ILCA</p> <p>Sequel to the Yami Shibai TV series.</p> <p>The original series of anime shorts featured six minute horror stories based on urban legends.</p> <p>The series is framed around an old man telling these tales to schoolkids on a playground and Yamaguchi, a traditional Japanese storytelling method using paper scrolls.</p> <p>Manga baka.bz#438 JUL 2014 14</p>
<p>Seirei Tsukai no Blade Dance</p> <p>TNK</p> <p>In the "elemental fantasy" of Seirei Tsukai no Blade Dance, only a stone girl may enter into a spirit contract. At Aresnia Spirit Academy, the daughters of nobility are assembled to take elite classes and become spirit elementalists.</p> <p>A boy named Kamito happened to be appearing on a student named Claire while she was taking a bath, and he accidentally makes a contract with a spirit named Claire. Now, Kamito has become something once thought impossible in this world—a male spirit elementalist.</p> <p>Light Novel baka.bz#421 JUL 2014 14</p>	<p>Nyanpuku Nyanuma</p> <p>Studio Kachidoki</p> <p>Plot summary not available yet.</p> <p>Manga baka.bz#446 JUL 2014 14</p>	<p>Francesca</p> <p>Hokkaido is being targeted by "Tokkoku" Hibiki and the rest of the Shuujou-ryu, who have awakened from their eternal slumber. A little girl named "Eosora" fights to stop them and protect Hokkaido from a hurricane of doom.</p> <p>In the midst of this, Francesca (an "invited girl") awakens to help protect the area of Japan as well.</p> <p>Original baka.bz#445 JUL 2014 14</p>	<p>Monogatari Series Second Season - Hanamonogatari</p> <p>Shaft</p> <p>The "second season" arc of the Monogatari series. The heroine of the story is Saraya Kurobari, and the story is set after Koyomi graduates from high school.</p> <p>All five episodes will premiere as a marathon on Saturday, August 16.</p> <p>Light Novel baka.bz#246 AUG 2014 16</p>
<p>Medamayaki no Kimi Itsu Tsubusu?</p> <p>Fameworks</p> <p>The story focuses on the dining of cuisine. The protagonist, Tera Yamamura, is more obsessed with how to eat than most people, and the manga comically depicts how he applies over the differences with how others eat.</p> <p>Manga FLJG 2014 AUG 2014</p>	<p>Minarai Diva</p> <p>Mitsuda</p> <p>Minarai Diva (Divo-in Training) is an anime series related with the MikuMikuDance software and mobile video services. The lyrics and songs of the characters are being performed live, along with their movements through motion-capture technology.</p> <p>Rie Murakawa will play Raiti Ai, while Yuzuki Yamamoto will play Ut Haruno. During the program, the two video services will try to think up lyrics for a new song. As the program is live, they will even accept suggestions for lyrics from Twitter and email submissions.</p> <p>Original baka.bz#427 SUMMER 2014</p>	<p>Yamada-kun and the Seven Witches</p> <p>Production I.G</p> <p>The story follows Yamada-kun, a boy who is being chased down by seven scary girls. However, he is rescued from danger by the girls in his school's student council—the 18-km-sqr. President Lina and Benji samurai.</p> <p>The student council will assume Yamada-kun's debt under one condition: "As the student council's dog, you will spend your high school life in women's clothes."</p> <p>Manga baka.bz#413 JUL 2014 07</p>	<p>Love Stage!!</p> <p>J.C. Staff</p> <p>The story revolves around Iwami Seta, a boy born into a family of elite famous actors. However, he is the only member of the family who is not in the entertainment industry, and he is a super otaku college student, too.</p> <p>He has been striving hard to become a manga creator, but he is still struggling in a television commercial. He eventually crosses paths again with the very famous actor Iiyama, who becomes aware of his attraction towards Izumi.</p> <p>Manga baka.bz#422 JUL 2014 09</p>

BD / DVD / OVA / SPECIALS

<p>Tamayori: More Aggressive</p> <p>A 30-minute "episode 8.5", bundled with BD/DVD box.</p> <p>The story takes place in Seta Inland Sea and is about a girl who takes taking pictures.</p> <p>TYO Animations OVA JUN 27</p>	<p>Hayate no Gotoku!</p> <p>Bundled with Limited Edition manga vol. 41.</p> <p>Limited Editions of the 41st, 42nd and 43rd manga volumes will bundle one OVA each.</p> <p>The new OVA will also release stories from the original manga that have not yet been adapted into anime.</p> <p>Manga OVA JUN 28</p>	<p>Kuroko no Basuke: Mou Ikkai Yarimaru ka</p> <p>Bundled with BD/DVD vol. 6.</p> <p>It will adapt the 12th manga chapter, which depicts when Kuroko and Aomine first met.</p> <p>Production I.G OVA JUN 29</p>	<p>Yondemama ya, Azaal-asa.</p> <p>Bundled with Limited Edition manga vol. 11.</p> <p>This is the first anime adaptation of the manga's logichouka (Afternoon) arc. The arc was not mentioned in other seasons of the television series. In addition, the bespectacled character and limited manga club Oshino Oosawa will make his animated debut.</p> <p>Production I.G OVA JUN 29</p>	<p>Zettumetsu Kigu Shingyo Amazing Twins</p> <p>Episode 2 of 2.</p> <p>Performance team "Nuguri" is holding a "super-natural" magic show before a sparse audience, who does the show. One of Nuguri's team, Anzume, happens to meet "Gin", the promoter to turn what is supposed to be a "live" show into a performance before Anzume. Like Anzume, Anzume has her...</p> <p>Encourage Films OVA JUN 26</p>
<p>Little Busters! EX</p> <p>Bundled with BD/DVD vol. 6.</p> <p>Little Busters! EXstory was an updated adult version of the original Little Busters! romance adventure game with added and modified scenarios.</p> <p>J.C. Staff OVA JUN 25</p>	<p>Mangaka-san to Assistant-san to</p> <p>Mini-OVA bundled with BD/DVD vol. 1.</p> <p>The anime tells the story of professional manga artist Yusaku Aki and his professional-adjacent relationship with his assistant Saburo Aki and other staffers.</p> <p>ZEXCS OVA JUN 25</p>	<p>Blade & Soul</p> <p>Anime short bundled with BD/DVD vol. 1.</p> <p>Anime adaptation of NCSoft's Blade & Soul MMORPG, directed by Shiro, Gabe's Hamasaki.</p> <p>Genos OVA JUN 25</p>	<p>Inari, Konkon, Koi Iroha</p> <p>Bundled with Limited Edition manga vol. 8.</p> <p>The story revolves around Inari Fushimi, a shy middle school girl living in Kyoto's Fushimi ward. She has a crush on her classmate Tomohisa, but cannot express her feelings. One day, as thanks for helping a fox pup, the only Inari-Mikoto-no-Kami grants her the ability to shape-shift.</p> <p>Production IMS OVA JUN 26</p>	<p>IseoOha</p> <p>Limited episode bundled with Limited Edition manga vol. 7.</p> <p>Kabakura describes the "forbidden" episode as one as hope that it could not be aired on television.</p> <p>Project No.9 OVA JUN 30</p>
<p>Kyokou no Kanata: Shinonome</p> <p>Episode 0, bundled with BD/DVD vol. 7.</p> <p>The episode takes place two years prior to the anime series, when Shinonome receives a request for a job from his older sister Izumi, to assist the investigator that caught Aki to, Hiroshi's younger sister, Mitsuki, encounters a dark ally who is on the way to follow Aki and her brother.</p> <p>Kyoto Animation OVA JUN 02</p>	<p>Pocket Monsters XY: Sora no Nihon</p> <p>The story follows Satoshi and his friends when they visit the Pokémon Adventure Agency, their agency. As they hear about the agency's goal by space debris, seems suddenly ring out. Team Rocket have tried to seize control of PAXA and have apparently infiltrated the facility.</p> <p>DLM OVA JUN 12</p>	<p>Namako-ko no Ichizoku 3</p> <p>In the original spot, the player harvests a crop of 30 or more different mushrooms.</p> <p>OVA JUN 16</p>	<p>Noragami</p> <p>Bundled with Limited Edition manga vol. 11.</p> <p>The anime will adapt "the popular flow-er-wreath arc".</p> <p>Middle school girl Hayari (H) has been enduring bullying from her classmates, and she goes to the restroom by herself to cry. Scrambled on the bathroom wall is a phone number and the message, "I solve your troubles."</p> <p>Bones OVA JUN 17</p>	<p>Mushibuyou</p> <p>Bundled with Limited Edition manga vol. 15.</p> <p>The story will follow Jinbei and his friends when they return to Edo. There, they meet Tetsuo, a boy who wants to become a warrior in order to protect his younger siblings and family.</p> <p>Seven Arcs P.c. OVA JUN 16</p>
<p>Non Non Biyori</p> <p>Bundled with Limited Edition manga vol. 7.</p> <p>Ashakura Branch School, a combined elementary and middle school in an isolated village, has only five students total, four girls and one boy. The girls are Kei, Hinaki, and Mitsu. The season will feature activities like harvesting mountain herbs and fishing.</p> <p>Silver Link OVA JUN 23</p>	<p>Mangaka-san to Assistant-san to</p> <p>Mini-OVA bundled with BD/DVD vol. 2.</p> <p>The anime tells the story of professional manga artist Yusaku Aki and his professional-adjacent relationship with his assistant Saburo Aki and other staffers.</p> <p>ZEXCS OVA JUN 23</p>	<p>Blade & Soul</p> <p>Anime short bundled with BD/DVD vol. 2.</p> <p>Anime adaptation of NCSoft's Blade & Soul MMORPG, directed by Shiro, Gabe's Hamasaki.</p> <p>Genos OVA JUN 25</p>	<p>Girls and Paper</p> <p>Related to the Girls and Pancake TV series.</p> <p>In this episode, Mio and her classmates must prepare to battle against the girls at the Aoba High School in the 3rd National Sen-shashou Championships.</p> <p>Actas OVA JUN 25</p>	<p>Kenzan Robo Daimidair</p> <p>Mini OVA bundled with BD/DVD vol. 1.</p> <p>The comedy centers around a high school boy named Naoki Masakuni who has Hi-Che Goggles, the power allows to operate the mecha, weapon. Characters: He stands up against the Penguin Empire that troubles humanity.</p> <p>TKK OVA JUN 25</p>
<p>Little Busters! EX</p> <p>Bundled with BD/DVD vol. 7.</p> <p>Little Busters! EXstory was an updated adult version of the original Little Busters! romance adventure game with added and modified scenarios.</p> <p>J.C. Staff OVA JUN 30</p>	<p>Kissxsis</p> <p>Bundled with Limited Edition manga vol. 13.</p> <p>The story follows the "forbidden" love between a boy and his best friend. The episode will feature the return of the Kiyasu sisters.</p> <p>Inf. OVA JUN 08</p>	<p>Shingeki no Kyojin</p> <p>Bundled with Limited Edition manga vol. 14.</p> <p>The anime will detail Eren and his friends' greatest battle yet. A "memorable episode before" the 104th Training Corps became uniform.</p> <p> Wit Studio OVA JUN 08</p>	<p>Nozomi x Kimi</p> <p>A spinoff of Naoki Aoi.</p> <p>Based in Aoi's fellow high school students, Nozomi and Kimi, two other inhabitants of the same apartment complex as the characters in Nozomi Aoi.</p> <p>Zexcs OVA JUN 18</p>	<p>Blade & Soul</p> <p>Anime short bundled with BD/DVD vol. 3.</p> <p>Anime adaptation of NCSoft's Blade & Soul MMORPG, directed by Shiro, Gabe's Hamasaki.</p> <p>Genos OVA JUN 27</p>
<p>Mangaka-san to Assistant-san to</p> <p>Mini-OVA bundled with BD/DVD vol. 3.</p> <p>The anime tells the story of professional manga artist Yusaku Aki and his professional-adjacent relationship with his assistant Saburo Aki and other staffers.</p> <p>ZEXCS OVA JUN 27</p>	<p>Mujaki no Rakuen</p> <p>Bundled with Limited Edition manga vol. 8.</p> <p>In the "Koushoku's incident spot", "Sakura" is sent back in time to his elementary school days via a mysterious school pool. He sees Konomi-Chan, a girl who would eventually become a nationally popular actress, and other cute girls when they were innocent and carefree.</p> <p>OVA JUN 29</p>	<p>Ano Natsu de Matteru</p> <p>Bundled with the TV series' Blu-ray Disc box.</p> <p>When a group of friends decide to make a movie over a long summer holiday, they end up learning a little about filmmaking and a lot more about each other and themselves.</p> <p>J.C. Staff OVA JUN 29</p>	<p>Magi: Sinbad no Bouken</p> <p>Anime adaptation of the Magi spin-off manga Magi: Sinbad no Bouken.</p> <p>A-1 Pictures OVA JUN 29</p>	<p>Kenzan Robo Daimidair</p> <p>Mini OVA bundled with BD/DVD vol. 1.</p> <p>The comedy centers around a high school boy named Naoki Masakuni who has Hi-Che Goggles, the power allows to operate the mecha, weapon. Characters: He stands up against the Penguin Empire that troubles humanity.</p> <p>TKK OVA JUN 25</p>

Movies

<p>Persona 3 the Movie #2 Midsummer Knight's Dream</p> <p>AIC A.S.T.A JUN 07</p>	<p>Lupin the IIIrd: Ijigen Daisuke no Boiyau</p> <p>TMS Entertainment JUN 21</p>	<p>Saint Seiya: Legend of Sanctuary</p> <p>Toei Animation JUN 21</p>	<p>ARISE-GHOST IN THE SHELL-border3 Ghost Tears</p> <p>Production I.G JUN 28</p>	<p>K: Missing Kings</p> <p>Gohards JUL 12</p>
<p>Pocket Monster XY: Haki no Maya to Diancie</p> <p>Oriental Light and Magic JUL 19</p>	<p>Omoide no Marnie</p> <p>Studio Ghibli JUL 19</p>	<p>Stand By Me Doraemon</p> <p>AVC JUL 08</p>	<p>Uchuu Kyoudai # 0</p> <p>A-1 Pictures AUG 09</p>	<p>Shin Gekijou-ban Initial D Legend 1-Kakusei-</p> <p>LDEN FILMS ZANESSEI AUG 23</p>
<p>Cencoroll 2</p> <p>STUDIOER 2014</p>	<p>Uchuu Kyoudai # 0</p> <p>A-1 Pictures AUG 09</p>	<p>Uchuu Kyoudai # 0</p> <p>A-1 Pictures AUG 09</p>	<p>Uchuu Kyoudai # 0</p> <p>A-1 Pictures AUG 09</p>	<p>Uchuu Kyoudai # 0</p> <p>A-1 Pictures AUG 09</p>

ANEXO B – EXPRESSÕES NIPÔNICAS UTILIZADAS POR OTAKINHOS

Como catalogado por Machado (2009: 188-9), com algumas modificações e correções

aho = “idiota”

ani-ue = versão mais formal, respeitosa pra “irmão mais velho”; usado pela Yakuza

ane-ue = versão mais formal também, respeitosa pra “irmã mais velha”

anta (forma mais usada entre mulheres), *anata* (maneira mais comum) = “você”, em um meio termo entre formal e informal

arigato, *arigato gozaimasu* = “obrigado”, “muito obrigado”

baka = “bobo”, “idiota”

bishojo = “menina bonita”

bishonen = “menino bonito”

boku “wa” = “eu masculino”; menos formal, mas normalmente utilizado por crianças menores, pessoas com um ego menor, menos confiança em si mesmo...

burajiru = “Brasil”

desu = sufixo do verbo “ser”: *kawaii-desu* (“[é] bonitinho”), *omoi-desu* (“[é] pesado”)

doushitte? = “Porque?”

doitashimashite = “de nada”

dorama = “j-drama”, “novelas japonesas”

gaki = “moleque”

ganbatte kudasai = “persevere!”, “não desista!”

gochisousama = frase dita ao término de uma refeição

gomennasai, *gomen* = “desculpe”, “perdão”; apenas *gomen* é informal = “foi mal”

ike = “vamos”

imouto = “irmã mais nova”

itadakimasu = frase dita ao início de uma refeição

ja nee = “até logo”

kakkoj = “cool”, “legal”, de forma enfática

kanpai! = “saúde!”; ato de brindar

kawaii = “gracinha”, “fofinho”

kawaii-desu = “[é] bonitinho”

kimi = “você”; forma mais 'carinhosa', geralmente referindo-se a uma amante ou alguém querido, bastante utilizado em músicas românticas

kirei = “lindo”

konbanwa = “boa noite”, ao encontrar alguém

konnitiwa = “boa tarde”

kusô = “merda”

matta-ne = “até logo”, “até amanhã”, “até mais”, “até breve”

moshi-moshi = “alô”, usado ao telefone

nani, nanii = “o quê?”

nandemonai = “não é nada”

nee-san = “irmã mais velha”, de forma mais carinhosa; também usado para se referir a garotas mais velhas

nii-chan = “irmão mais velho”, de forma mais carinhosa

obaa-san = “avó”, “idosa”

ohayo, ohayo gozaimasu = “bom dia”

oi yatta!, yatta! = “consegui”, “finalmente consegui”

ojii-san = “avô”, “idoso”

okaa-san = “mãe”

okaerinasai = “bem vindo”, usado quando uma pessoa chega num local

omae = “você” informal; equivalente de *ore* pra “você”

omo-desu = “pesado”

omoshiroi = “interessante”

ore = “eu” informal (masculino), usado por “rebeldes” ou pessoas com ego inflado; uma garota usar *ore* é raro

ore-sama = “eu”, com sufixo de respeito, geralmente o sufixo *-sama* é utilizado para senhores de grande escalão ou, dependendo do contexto, para deuses

OST (*Original Sound Track*) = álbuns de trilha sonora de anime ou jogos

otokorashii = “viril”

otouto = “irmão mais novo”

otou-san = “pai”

oyasuminasai = “boa noite”, “bom descanso”

sayonara = “tchau”, “adeus”

seiyuu = “dublador”

sempai = “veterano”, normalmente usado na escola

sensei = “mestre”, “professor”

shinê! = “morra!”

shoujo = “feminino”

shonen = “masculino”

subarashii = “impressionante”, “grandioso”

sugoi = “algo extraordinário”, “legal”

sumimasen = expressão usada em várias situações, como agradecimentos, pedido de desculpas ou de um favor

tadaima = “cheguei”, “voltei”, “estou em casa”

wakaranai = “não sei”

yare yare daze = “mas que saco”, “fazer o quê”, “tá bom, tá bom”

youkai = raça de demônios

you-kai = “ok”, “certo”, “entendido”

yokatta = “tudo bem”, “ok”

yume = “sonho”

zen zen = “nem um pouco”

